

## **A expansão meso-assíria no reinado de Tukulti-Ninurta I**

**Diogo Filipe Rodrigues Paiva**

**Dissertação de Mestrado em História**  
**- Especialização em Civilizações do Médio Oriente e Ásia Antiga**

**Setembro, 2012**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção  
do grau de Mestre em História, realizada sob a orientação científica do Professor  
Doutor Francisco Gomes Caramelo

*À minha “unida”,*

*Patrícia*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a disponibilidade, simpatia, sensibilidade e orientação que o Professor Doutor Francisco Caramelo sempre demonstrou à medida que a dissertação foi crescendo e evoluindo até à sua forma final.

Aos meus colegas do CHAM que me apoiaram e forneceram o *software* necessário à execução gráfica dos mapas e disponibilizaram bibliografia que de outro modo seria de difícil acesso.

Finalmente, agradeço à minha família que me deu o seu apoio incondicional. Sem a minha mãe seria muito mais complicado suportar os custos do mestrado. Quanto à minha “unida”, manteve-se sempre motivadora, opinativa e crítica durante a escrita da dissertação e ocupou os poucos dias de férias a rever as mais de cem páginas da dissertação.

## **RESUMO**

### **A expansão meso-assíria no reinado de Tukulti-Ninurta I**

**Diogo Paiva**

Tukulti-Ninurta I, cujo reinado se estende por um período de mais de três décadas, é considerado o monarca assírio mais importante do denominado período meso-assírio. Foi durante a sua vida que a Assíria conseguiu atingir os limites máximos do seu domínio, durante o II milénio a.C. Na primeira metade do seu reinado, Tukulti-Ninurta I consegue derrotar vários inimigos, incluindo os cassitas da Babilónia a sul e ser reconhecido como igual pela outra grande potência do séc. XIII a.C., o império hitita.

Esta dissertação aborda o processo expansionista assírio, não só durante o reinado de Tukulti-Ninurta I mas também dos seus antecessores, analisando os fatores que influenciaram esta dinâmica de afirmação política e alargamento de fronteiras, fundamentada nas fontes escritas conhecidas assim como nos dados arqueológicos atuais. Desta forma, são identificados os fatores motivacionais que estiveram na base da ação expansionista por parte dos monarcas assírios, além das resistências e oposições que estes enfrentaram durante o referido processo e que dessa forma condicionaram a expansão meso-assíria. A análise da dicotomia motivações-oposições permite reconhecer a política expansionista meso-assíria, identificando-se dois modelos de expansão, um geral que se verifica desde Aššur-uballit I, no séc. XIV a.C., e outro que foca o reinado de Tukulti-Ninurta I, destacando as suas especificidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bronze Final, período meso-assírio, Tukulti-Ninurta I, expansão territorial

## **ABSTRACT**

### **The Middle-Assyrian expansion in the reign of Tukulti-Ninurta I**

**Diogo Paiva**

Tukulti-Ninurta I, whose reign lasted for over three decades, is considered the most important monarch of the Middle-Assyrian period. It was during his lifetime that Assyria's dominion was able to reach its maximum extent, during the 2<sup>nd</sup> millennium BC. At the beginning of his reign, Tukulti-Ninurta I defeated several foes, including the Kassites of Babylon in the south and he was recognized as equal by the other 13<sup>th</sup> century BC great power, the Hittite empire.

This dissertation discusses the Assyrian expansionist process, not only during the reign of Tukulti-Ninurta I but also of his predecessors, analyzing the factors that influenced this dynamic of political affirmation and boundary extension, based on the known written sources in addition to recent archaeological data. Thus, the motivational factors that led to the expansionist action by the Assyrian monarchs are identified, as well the resistances and oppositions that they faced during this process and thus conditioned the Middle-Assyrian expansion. The analysis of the dichotomy motivations-oppositions enables the recognition of the Middle-Assyrian expansionist policy, identifying two models of expansion, one that is a general model of expansion since Aššur-uballit I, in the 14<sup>th</sup> century BC, and another that focuses on the reign of Tukulti-Ninurta I, highlighting its specificities.

**KEYWORDS:** Late Bronze, Middle-Assyrian period, Tukulti-Ninurta I, territorial expansion

## ÍNDICE

I. Introdução .....	1
II. Antecedentes históricos .....	8
II.1 Aššur-uballit I .....	8
II.2 Enlil-nirari I e Arik-dîn-ili .....	15
II.3 Adad-nirari I .....	19
II.4 Salmanasar I .....	24
II.5 Notas finais .....	28
III. O reinado de Tukulti-Ninurta I .....	30
III.1 Evolução histórica .....	30
III.2 As fontes arqueológicas e a sua especificidade .....	43
III.3 Regiões meso-assírias no reinado de Tukulti-Ninurta I .....	51
IV. A expansão meso-assíria no reinado de Tukulti-Ninurta I .....	77
IV.1 Motivações para a expansão .....	77
IV.2 Resistências e oposições .....	84
IV.3 Modelo de expansão .....	106
V. Conclusão .....	117
VI. Bibliografia .....	121
Índice de figuras .....	126
Anexo I – Sítios meso-assírios .....	127

## I. Introdução<sup>1</sup>

O ponto de partida para este estudo teve início com as funções no projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, intitulado “Território e Fronteira no Médio Eufrates no período meso-assírio (Séc. XIII a.C.)” (PTDC/HIS-ARQ/103023/2008), sendo este projeto a principal motivação para o desenvolvimento dum trabalho de investigação enquadrado nas suas atividades de investigação. A escolha do tema acabou por apresentar-se naturalmente, tendo em conta o período histórico em estudo neste projeto e as temáticas em análise.

A figura central de Tukulti-Ninurta I<sup>2</sup>, de entre os reis assírios que promoveram a expansão meso-assíria, sobressai pela sua capacidade de atingir os limites máximos da expansão. Desta forma, este monarca merece um lugar de destaque pelo alcance das suas conquistas e importância dos seus sucessos. Igualmente notório parece ser o seu final de reinado, que culmina com o seu assassinato na nova capital que fundou. Uma aura romântica envolve esta personagem, que marcou a história de Mesopotâmia do séc. XIII a.C., tanto pelo auge que atingiu a Assíria sob o seu comando, como pelo início da entrada num período “obscuro” no qual a expansão assíria é interrompida e o seu domínio contrai-se quase até ao seu núcleo central, nas margens do Tigre.

Os trabalhos de investigação orientam-se para o estudo da expansão meso-assíria, particularmente durante o reinado de Tukulti-Ninurta. Já vários autores abordaram esta temática, contudo estes estudos caracterizaram-se pela sua generalidade, no que respeita às balizas cronológicas definidas. As sínteses de história universal ou do Médio Oriente Antigo raramente se alongam na apresentação do período meso-assírio e ainda menos desenvolvem aprofundadamente a temática da expansão meso-assíria, particularizando os reinados.

---

<sup>1</sup> A redação desta dissertação observou as regras do Acordo Ortográfico, tendo em conta a oralidade nos casos aplicáveis.

<sup>2</sup> A partir deste ponto denominado Tukulti-Ninurta.



A maior exceção a este quadro geral continua a ser a tese de Amir Harrak<sup>3</sup> sobre as relações entre a Assíria e o Hanigalbat, denominação assíria do Mitanni, publicada em 1987. Para além deste estudo que continua a merecer grande destaque, têm surgido na última década algumas teses que contribuem para o melhor conhecimento deste tema.

Jaume Llop Raduà apresentou em 2001 uma tese de doutoramento<sup>4</sup> na Universidade de Barcelona onde analisa as relações entre assírios e babilónios na segunda metade do II milénio a.C., uma vez mais com um largo espectro cronológico. Este estudo apresenta algumas ideias inovadoras, especialmente no que se refere à forma como o autor reinterpretou o governo de Tukulti-Ninurta na Babilónia e a estratégia expansionista assíria.

Em 2007, Jeffrey Szuchman entregou a sua dissertação<sup>5</sup> debruçando-se maioritariamente sobre a temática da consolidação da administração assíria segundo um modelo imperial, analisando as relações que foram sendo estabelecidas com elementos exógenos a esta lógica, particularmente com o surgimento dos arameus. O foco principal deste estudo aponta para um período cronológico um pouco mais tardio que os anteriores, embora ainda abranja o final do reinado de Tukulti-Ninurta, especialmente pela sua associação ao início do declínio do séc. XII a.C..

Finalmente, na continuidade de uma série de artigos publicados desde 2002 sobre a expansão assíria, privilegiando o ponto de vista arqueológico, é publicada em 2009 a tese de doutoramento<sup>6</sup> de Aline Tenu. Esta publicação revela-se duma grande utilidade à comunidade científica, uma vez que se apresenta como a grande síntese dos dados arqueológicos pertinentes para a compreensão da expansão meso-assíria. Trata-se duma espécie de compêndio de informações sobre sítios arqueológicos, apresentados duma forma lógica, cruzando com os contributos da produção historiográfica atual.

---

<sup>3</sup> Harrak, Amir (1987), *Assyria and Hanigalbat. A Historical Reconstruction of Bilateral Relations from the Middle of the Fourteenth to the End of the Twelfth Centuries B. C.*, Hildesheim: Georg Olms Verlag.

<sup>4</sup> Llop Raduà, Jaume (2001), *Aportació a l'estudi de les relacions polítiques i militars entre Assíria i Babilònia durant la segona meitat del segon mil.leni a.C.*, Barcelona: Universitat de Barcelona.

<sup>5</sup> Szuchman, Jeffrey Justin (2007), *Prelude to Empire: Middle Assyrian Hanigalbat and the Rise of the Aramaeans*, Los Angeles: University of California.

<sup>6</sup> Tenu, Aline (2009), *L'expansion médio-assyrienne. Approche archéologique*, Oxford: John and Erica Hedges Ltd..

Esta pequena apresentação reflete alguns dos maiores contributos<sup>7</sup> teóricos para a construção do conhecimento histórico do tema em análise na presente dissertação, de forma a compreender algumas das lacunas na investigação existentes e do modo como esta dissertação poderá contribuir para que esses vazios teóricos no conhecimento científico sejam preenchidos.

Para além da historiografia produzida atualmente, que nos confere um quadro teórico, é necessário recolher e selecionar as diversas fontes disponíveis para a compreensão mais profunda do processo em estudo. Foram consideradas as duas tipologias de fontes que podem ser acedidas na investigação neste período histórico: as fontes escritas, recorrendo aos contributos da epigrafia; e as fontes arqueológicas.

As fontes arqueológicas, devido à sua especificidade intrínseca ao trabalho arqueológico são tratadas num capítulo próprio, mais adiante, onde se abordam problemáticas associadas à sua utilização para o desenvolvimento de trabalho historiográfico. Por outro lado, as fontes escritas disponíveis são da mais variada natureza, tendo sido recolhidas e analisadas as seguintes<sup>8</sup>: inscrições reais; textos epistolográficos; tratados diplomáticos; crónicas; textos épicos; e documentação administrativa ou comercial.

Devido ao carácter funcional distinto entre elas, a análise das fontes deve ser procedida de modo diferente. Llop Raduà (2001: 35) considerando que as fontes não devem gozar da mesma credibilidade, uma vez que são diferentes entre elas, apresentou quatro critérios para as avaliar: a proximidade dos acontecimentos narrados; a audiência; a ideologização; e a literariedade. O primeiro critério coloca

---

<sup>7</sup> Para além das teses apresentadas, têm sido publicados diversos artigos que contribuíram substancialmente para o desenvolvimento do conhecimento acerca do período meso-assírio, como: Akkermans (2006) «The fortress of Ili-pada. Middle Assyrian architecture at Tell Sabi Abyad, Syria»; Freu (2003) «De la confrontation à l'entente cordiale: Les relations assyro-hittites à la fin de l'âge du Bronze (ca. 1250-1180 av. J.C.)»; Kühne (1995) «The Assyrians on the Middle-Euphrates and the Habur»; Kühne (2000) «Dûr-katlimmu and the Middle-Assyrian Empire»; Liverani (1988) «The Growth of the Assyrian Empire in the Habur / Middle Euphrates Area: a new paradigm»; Postgate (1992) «The Land of Assur and the Yoke of Assur»; Szuchman (2009) «Revisiting Hanigalbat: Settlement in the Western Provinces of the Middle Assyrian Kingdom»; Tenu (2006) «Du Tigre à l'Euphrate: La frontière occidentale de l'empire médio-assyrien»; Yamada (2003) «Tukulti-Ninurta I's Rule Over Babylonia and its Aftermath. A Historical Reconstruction».

<sup>8</sup> Para a recolha documental recorreu-se principalmente, mas não exclusivamente, às seguintes obras: Beckman (1996) *Hittite Diplomatic Texts*; Cancik-Kirschbaum (1996) *Die Mittelassyrischen Briefe aus Tall Seh Hamad*; Glassner (2004) *Mesopotamian Chronicles*; Grayson (1987) *Assyrian Rulers of the Third and Second Millennia BC (to 1115 BC)*.

como fontes primárias, as inscrições reais, o texto épico, a documentação económica, textos epistolográficos, e como secundárias, as crónicas, as listas reais, as inscrições reais tardias e outros textos literários tardios.

Já pelo segundo critério, a intenção com que se escreve para uma audiência específica leva a que a narrativa possa ser deturpada por fins políticos ou ideológicos. Desta forma, as inscrições reais e as epopeias passam a ser consideradas fontes secundárias. Da mesma forma, o terceiro critério, da ideologização, reforça esta perspectiva, pois a intenção de passar uma mensagem específica que corresponda a propósitos ideológicos leva a que a narrativa histórica seja parcial e incompleta, como nos casos das crónicas ou inscrições reais, que contam os feitos e sucessos dos reis, mas omitem os seus falhanços. Por fim, a literariedade que se relaciona com o critério anterior e revela a importância de se analisarem como fontes primárias apenas a documentação económica e os textos epistolográficos, já que são as fontes que mais credibilidade apresentam após a verificação dos quatro critérios.

Neste sentido, as cartas tornam-se uma das fontes fiáveis para a compreensão das movimentações diplomáticas e políticas, particularmente relevantes para a presente dissertação. Já os textos administrativos e económicos são geralmente mais parcos em informações relevantes para a temática em estudo, contudo, estes deixam-nos algumas pistas sobre o desenvolvimento da expansão assíria, como por exemplo, o texto comercial encontrado em Nippur que refere o ano de ascensão de Tukulti-Ninurta comprovando o seu governo no sul da Babilónia (Yamada, 2003: 155), e assim contribuem para o esclarecimento da problemática sobre a governação assíria de Tukulti-Ninurta na Babilónia. Já as inscrições reais apresentam uma forte carga ideológica, colocando a narrativa ao serviço duma propaganda que reforça a autoridade e a posição social do monarca assírio. À partida, estes textos não eram para serem lidos por estrangeiros, mas sim por públicos locais, desimpedindo assim o uso do exagero ou mesmo a afirmação de sucessos, na base da projeção para o futuro e não tanto o relato de acontecimentos que realmente tenham sucedido<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Ilustrativo desta situação é a afirmação do estabelecimento da fronteira no Eufrates pelos reis assírios desde Adad-nirari I. Contudo, as evidências apontam que apenas no reinado de Tukulti-Ninurta I este objetivo foi atingido plenamente.

Uma última nota relacionada com as fontes deste período refere-se à sua escassez, especialmente quando comparadas os textos recuperados do período neo-assírio e seguintes, e à fragmentação que muitas destas inscrições apresentam dificultando o trabalho dos investigadores, que se veem na contingência de avançar com ideias teóricas com base em factos hipotéticos, como por exemplo, em algumas cartas encontradas é desconhecido o remetente e/ou o destinatário das mensagens, acabando por se inferir as suas identidades pelo conteúdo da carta, o que acarreta um certo grau de incerteza.

Ao longo deste estudo, o cruzamento das informações fornecidas pelas fontes escritas com os dados provenientes dos trabalhos arqueológicos é fundamental para o preenchimento de algumas lacunas e na confirmação de hipóteses. Este contacto com dados provenientes do terreno permite ao investigador uma aproximação à realidade física daqueles que procura conhecer. Para a temática em estudo nesta dissertação, a compreensão do meio natural é indispensável para o entendimento da evolução e dinâmica do processo expansionista meso-assírio.

O núcleo central da Assíria no início do séc. XIV a.C. localizava-se na região do Médio Tigre, tendo por Aššur a sua capital. Esta cidade encontra-se num ponto de transição entre duas realidades geográficas. Para norte, este e sudeste, esta região é envolvida pela cordilheira dos Zagros, e para as direções opostas estende-se uma planície árida. Ambas as configurações geográficas são estruturantes, a cordilheira apresentando-se como barreira e a planície facilitando a passagem, tendo em conta o relevo. Ao território enquadrado pelo curso dos dois grandes rios mesopotâmicos, o Tigre e o Eufrates, dá-se o nome de Djazira. No curso médio dos rios, esta região apresenta um clima árido tornando a mobilidade mais difícil e perigosa, apesar da planura do relevo. Para oeste, além da Djazira, surgem as regiões férteis do Habur e do Balih, dois rios afluentes do Eufrates, onde se centra o coração do império mitaniano. Para sul, o Tigre e o Eufrates aproximam os seus cursos, delimitando a Djazira e surgindo um território fértil, controlado pelos cassitas da Babilónia, que se estende até ao Golfo Pérsico. Para além do Eufrates, na sua margem ocidental, encontra-se o deserto sírio, habitado por comunidades nómadas.

Paralelamente à identificação e compreensão do relevo do terreno e da forma como este se torna estruturante na evolução da expansão assíria, é importante referir a existência duma linha de pluviosidade média anual. Os estudiosos<sup>10</sup> têm visto esta linha como divisória de duas realidades climáticas distintas, com repercussões na exploração económica dos territórios. A linha de pluviosidade anual de 200 mm passa muito próxima de Aššur e segue uma orientação oeste-noroeste, desenhando um arco que evita a região árida da Djazira. Apesar de esta linha representar dados atuais e não do período em estudo, considera-se que este limite é representativo das condições climatéricas enfrentadas pelas populações do Médio Oriente antigo. A região a norte desta linha, onde a pluviosidade é maior, tem sido vista como tendo uma estrutura agrícola assente na regularidade da precipitação, enquanto a sul deste limite é necessária a construção de canais de irrigação a partir dos cursos de água para que seja viável a exploração de culturas agrícolas<sup>11</sup>.

Ao longo da dissertação, a importância da geografia, especialmente na forma como esta condiciona ou potencializa o desenvolvimento humano, será refletida na análise efetuada à expansão assíria. O desenvolvimento do modelo de expansão, assim como a definição da sua base como relação entre as motivações e as oposições enfrentadas pelos assírios, e particularmente pelos seus monarcas, não é possível sem que se tenha em consideração o papel do meio geográfico.

A determinação de datações rigorosas para os inícios e fins dos reinados é dificultada pela existência de lacunas no conhecimento histórico. As fontes a que temos acesso oferecem sobretudo a possibilidade de elaborar sequências de reinados, sem no entanto, clarificar datações absolutas para os mesmos. Foram propostos diversos sistemas cronológicos, denominados alta, média e baixa cronologia. Qualquer um destes sistemas conta com argumentos a seu favor e contra, contudo, a cronologia média tem sido comumente utilizada pelos investigadores (Mieroop, 2007: 4). A variação entre as cronologias apontadas pelos diversos autores, mesmo integradas no mesmo sistema, recomenda cautela na abordagem a esta questão. A título exemplar,

---

<sup>10</sup> A título de exemplo apresentam-se os trabalhos de Postgate (1992), Wilkinson (1998) e Kühne (2000).

<sup>11</sup> Dûr-Katlimmu, que se tornou na segunda cidade do reino assírio, encontra-se abaixo desta linha de pluviosidade e portanto na zona de agricultura por irrigação. Na base da sua sustentabilidade económica encontra-se a construção dum sistema de canais de irrigação (Kühne, 2000: 273; Kühne & Ergenzinger, 1991).

Aline Tenu (2009: 323) apresenta uma lista de reis assírios, onde se observa dois extremos cronológicos para o reinado de Tukulti-Ninurta: 1243-1207 e 1233-1197.

Enfim, numa última observação relativamente à cronologia estabelecida para os reinados dos monarcas meso-assírios, é forçoso referir o facto de esta ser ainda objeto de discussão, não estando atualmente definidas datações rigorosas. Como Aline Tenu (2009: 18) refere «le terme médio-assyrien est un vocable moderne, de portée à la fois politico-culturelle et chronologique». Sob o ponto de vista assírio, a interrupção entre o período meso-assírio e neo-assírio não existe, surgindo em inscrições reais neo-assírias referências a reis meso-assírios, como se de uma linha de sucessão única se tratasse, da mesma forma que os monarcas meso-assírios vão buscar as suas origens a Šamši-Adad. As dificuldades que se nos colocam atualmente estão associadas à continuidade que é possível observar a nível cultural, arquitetónico e até ideológico.

A delimitação do período meso-assírio fica assim submetida a critérios relativamente aceites, cuja determinação apresenta variações. Postgate (1992: 248) define Aššur-rabi I como o primeiro rei meso-assírio na tabela cronológica onde representa as quatro fases de expansão. A primeira fase termina com Tukulti-Ninurta (1244-1208 a.C.), dando início a uma segunda fase, de declínio do período meso-assírio, que finaliza Tiglath-Pileser II (967-935 a.C.). Já Tenu (2009: 323) recua o início do período meso-assírio com Puzur-Aššur III (1521-1498 a.C.), antecessor de Aššur-rabi I, terminando com Aššur-rabi II (1013-973 a.C.). Para Szuchman (Szuchman, 2007: 221) é o reinado de Aššur-uballit I (1365-1330 a.C.) que marca o início do período, pelo significado que tem a independência da Assíria, e que termina, após vários ciclos de crescimento e declínio, em Tiglath-Pileser II.

Neste trabalho, considera-se que o significado de Aššur-uballit I ter alcançado a independência formal relativamente ao Mitanni, mesmo que na prática esse laço já tivesse sido quebrado, é determinante para a evolução da expansão meso-assíria, marcando o arranque do processo de inversão da lógica de cidade-estado para a imperial. Da mesma forma, o assassinato de Tukulti-Ninurta e os acontecimentos que sucedem posteriormente assinalam a inversão da dinâmica expansionista para uma contração territorial, iniciando-se deste modo uma nova fase do período meso-assírio.

## **II. Antecedentes históricos**

A presente dissertação foca especificamente o reinado de Tukulti-Ninurta, segundo uma perspectiva político-militar, a nível territorial e administrativo, o que nos conduz a uma abordagem que nos aproxima do terreno efetivamente, mas também a um nível mais abstrato, procurando compreender as estratégias e políticas aplicadas na condução da expansão assíria do séc. XIII a.C.

Tendo em conta os objetivos referidos, a focalização dum objeto de estudo num intervalo de tempo curto como um reinado requer ao investigador a capacidade de analisar não só os acontecimentos que sucederam dentro dessas balizas cronológicas, mas também compreender as relações que se estabelecem entre estes acontecimentos e os factos antecedentes. Desta forma torna-se mais clara a identificação de continuidades ou disrupções numa perspectiva diacrónica.

A opção de começar a contextualização histórica a partir do reinado de Aššur-uballit I<sup>12</sup> fundamenta-se na sua particular importância para a história da Assíria nos séculos XIV e XIII a.C., sendo observável uma dinâmica contínua, que iniciando-se com este rei atravessa vários reinados até que culmina no de Tukulti-Ninurta que se encontra em análise.

### **II.1 Aššur-uballit I**

O reinado de Aššur-uballit é geralmente visto como o ponto de partida dum período de expansão territorial e política assíria comumente denominado como período meso-assírio. Tradicionalmente esta expansão é vista como progressiva e quase exponencial até atingir a sua extensão máxima, durante o reinado de Tukulti-Ninurta, altura em que se assiste a uma queda vertiginosa do controlo assírio e a um retrocesso territorial às regiões nucleares assírias.

---

<sup>12</sup> A partir deste ponto denominado Aššûr-uballit.

Do reinado de Aššur-uballit não foram encontradas, até ao momento, inscrições reais de carácter militar que atestem algum tipo de confronto com inimigos externos<sup>13</sup>. No entanto, Adad-nirari I<sup>14</sup>, bisneto de Aššur-uballit, fez algumas alusões aos êxitos militares dos seus antepassados, notando que o seu bisavô submeteu o país de Musru, vencendo os exércitos dos šubaru e alargando as fronteiras (Grayson, 1987: 132, A.76.O.1). Para Garelli (1980: 160), o país dos šubaru designava o reino hurrita do Mitanni, enquanto o país de Musru se localizaria a nordeste da Assíria, nos Zagros.

Para além destas fontes de pendor propagandístico, foram encontrados dois textos cuneiformes (EA 15 e EA 16), no arquivo egípcio de Amarna, que se revestem de especial importância, pois dão uma dimensão internacional à emancipação assíria. Se no plano militar Aššur-uballit obteve sucessos que permitiram à Assíria tomar as rédeas do controlo, a abertura para exterior, materializada nestas duas cartas, indicia um plano mais ambicioso de afirmação internacional e ascensão da monarquia assíria ao topo da hierarquia no quadro de relações externas. Aššur-uballit procura assim dar os primeiros passos para o reconhecimento internacional da Assíria como potência equivalente ao Hatti ou à Babilónia. Desta forma, como primeiro passo para a afirmação política assíria, Aššur-uballit precisou de anular a dependência do reino hurrita, mesmo que esta perdurasse apenas no plano simbólico.

São poucas as fontes conhecidas que permitem conhecer o reino mitaniano, já que ainda não foram encontrados os arquivos reais hurritas em alguma das suas duas capitais, Tai'du e Waššukanni. Inclusivamente, ambos os centros de poder ainda não foram identificados arqueologicamente com segurança, o que adensa o véu sobre a história deste reino. Apesar destas dificuldades, Kühne (1999: 210) aponta o surgimento deste reino para meados do séc. XVI a.C.. Novák (2007: 389) chega mesmo a colocar este facto em meados do séc. XVII a.C., no final do período paleo-babilónico. Durante os séculos XV e XIV a.C., o Mitanni domina a região siro-mesopotâmica, estendendo o seu domínio, de forma grosseira, entre o rio Tigre e a região de Alepo. O domínio deste território colocava esta potência em confronto direto com outra

---

<sup>13</sup> Na compilação de Grayson (1987: 109-117) as únicas inscrições de Aššur-uballit que surgem celebram maioritariamente a reparação de antigos edifícios que ficaram delapidados, como o templo de Ištar ou o palácio real.

<sup>14</sup> Deste ponto em diante denominado Adad-nirari.



potência regional, o Hatti. Harrak (1987: 15) afirma que no centro do conflito encontrava-se a terra de Išuwa, um território situado a leste do Alto Eufrates.

A guerra que vai estalar entre estas duas potências regionais culmina com o assassinato de Tušratta, o monarca hurrita, após anos de confrontos. A vitória dos hititas, liderados por Suppiluliuma I, levou a um declínio acentuado do poderio mitaniano. Aššur-uballit aproveita em seu benefício, da melhor maneira, esta janela de oportunidade para sacudir definitivamente o jugo mitaniano e simultaneamente intervir na guerra civil que se instala no reino hurrita após a morte do seu rei.

Suppiluliuma I do Hatti, no quadro do conflito com o Mitanni, apoiou ainda durante a vida de Tušratta, um rival, pretendente ao trono, de nome Artatama. O apoio oferecido pelos hititas contribuiu para o enfraquecimento progressivo do reino e o fortalecimento da oposição interna a Tušratta. Após o assassinato régio subiu ao trono Šattiwaza, sucedendo a seu pai, mas a oposição que enfrentou revelou-se demasiado forte e este acabou por ser deposto, forçado a fugir do país.

O usurpador Šuttarna, filho de Artatama, pode ter beneficiado do apoio hitita, especialmente no tempo do seu pai, mas a partir do momento que sobe ao trono este laço parece ter-se quebrado. Šuttarna, necessitando de aliados para consolidar a sua posição como monarca mitaniano, vira-se então para as terras orientais. A Assíria e o Alše aproveitam para apoiar a sua causa, a troco de territórios e, no caso da Assíria, a devolução simbólica das portas de Aššur, de prata e ouro, trazidas para a capital do Mitanni por Sauštatar incorporadas no saque. Assim, os laços que submetiam a Assíria (e o Alše) ao Mitanni quebraram-se, assim como a tradicional imposição de tributo, que aliás a Assíria já não pagava.

Entretanto, ao país de Hatti chegava o príncipe fugido Šattiwaza em busca de apoio para a recuperação do trono do seu pai. Suppiluliuma poderia ter enviado para o reino hurrita o filho do seu inimigo, mas ao invés decide apoiá-lo e enviar um exército para o Mitanni com o objetivo de restaurar Šattiwaza no trono. Esta aparente inversão pode explicar-se com a intervenção assíria, aliada de Šuttarna.

O tratado entre Šattiwaza do Mitanni e Suppiluliuma I do Hatti é um dos poucos testemunhos deste encadeamento de acontecimentos. Neste documento, o monarca

mitaniano acusa o usurpador, apoiado pelos assírios, de se ajoelhar perante Aššur-uballit, inclusivamente devolvendo as portas de ouro e prata de Aššur trazidas para a capital por Sauštatar e de este perdoar o facto de Aššur deixar de pagar o tributo devido desde essa época (Tenu, 2009: 16-17).

A campanha militar, liderada por Piyassili, filho do monarca hitita, foi bem-sucedida, uma vez que consegue repor Šattiwaza como monarca hurrita, no entanto tal não implicou a captura ou rendição de Šuttarna. Este inicia uma retirada para leste, permitindo a conquista do país de Aštata, na margem ocidental do Eufrates, possivelmente um território leal a Šuttarna. A sucessão de derrotas infligidas pelos hititas culminou na tomada da antiga capital Waššukanni, precipitando uma reação mais enérgica de Aššur-uballit, que envia forças assírias para deterem o avanço do exército de Šattiwaza. Goetze (2006: 19) refere que os assírios foram bem-sucedidos, levando à suspensão do avanço hitita, sem no entanto surgir um confronto direto. Também as dificuldades de abastecimento à medida que avançavam para oriente é outro fator apontado. Já Gadd (2006: 27) relaciona a menção na inscrição de Adad-nirari sobre o seu bisavô que desbaratou os šubaru como um reflexo da ocorrência dum confronto entre as forças de Aššur-uballit e Šuttarna com as de Šattiwaza e Piyassili.

Independentemente da existência duma ação mais ou menos direta, por parte dos assírios, o Mitanni termina dividido em duas entidades distintas: de um lado um Mitanni de Šattiwaza, na prática convertido em protetorado hitita; e por outro, o Hanigalbat<sup>15</sup> de Šuttarna diretamente dependente do apoio assírio. A formalização da submissão de Šattiwaza perante o rei hitita concretizou-se no estabelecimento do tratado acima referido, antecedido por um casamento real entre uma das filhas de Suppiluliuma e Šattiwaza que representava o ingresso deste último na família real hitita (Goetze, 2006: 19).

Os acontecimentos acima descritos são difíceis de situar cronologicamente quando confrontados com as duas fontes epistolográficas EA 15 e EA 16. Para Gadd

---

<sup>15</sup> O termo Hanigalbat é a forma utilizada pelos assírios para designarem o Mitanni. Posteriormente ao desaparecimento do Mitanni, o termo Hanigalbat continua a ser utilizado, já não se referindo especificamente à entidade política, mas a um conjunto de territórios que anteriormente estiveram sob domínio do estado hurrita.

(2006: 23) estes dois documentos são distanciados cronologicamente dentro do reinado de Aššur-uballit, apontando EA 15 como mais próximo do início do reinado e a seguinte mais para o final do mesmo. O próprio teor do conteúdo é diferente entre os dois textos.

A primeira (EA 15) como Harrak (1987: 37) afirma é provavelmente a primeira correspondência do género que a Assíria envia desde há muito tempo. O seu conteúdo curto, simples e sem formalidades é indiciador do objetivo principal de Aššur-uballit: estabelecer um contacto com uma potência como o Egipto e dar-se a conhecer enquanto um novo poder a ser tido em consideração. Para Bryce (2003: 75), o propósito principal desta carta seria sondar a abertura do faraó relativamente aos assírios, levando-o a manter um baixo perfil numa forma deliberada. A ideia de que esta abertura para o exterior, aparentemente tímida e humilde, dá-se no início do reinado de Aššur-uballit coaduna-se com o processo de afirmação internacional que tem como objetivo de fundo o reconhecimento da independência assíria. Este processo inicia-se assim antes da intervenção assíria na guerra civil mitaniana, altura em que a força assíria já seria suficiente para estancar o progresso das forças hititas. No momento desta carta, o próprio Aššur-uballit parece não ter a segurança necessária para se mostrar como um rei de pleno direito no plano internacional.

No segundo momento, marcado por EA 16, tal já não será um obstáculo. Aššur-uballit dirige-se ao faraó com a intenção de pedir ouro, necessário para a construção dum novo palácio que está a construir. Aparentemente a resposta à primeira carta terá sido positiva, uma vez que o rei assírio estabelece a comunicação enquanto um igual (Bryce, 2003: 75). A afirmação do estatuto da monarquia assíria, enquanto processo, está em marcha e a evolução dos acontecimentos permitiu ao próprio rei exigir que fosse reconhecido como igual do rei do Hanigalbat. Surge pela primeira vez a utilização do título de ‘grande rei’ por Aššur-uballit, que trata o rei egípcio como ‘irmão’. Mas como constata Bryce (2003: 76) o simples facto de um indivíduo poder ostentar o título de ‘Grande Rei’ – LUGAL.GAL – não garantia o direito de interpelar outro Grande Rei como irmão. A pretensão ao uso de tal título era reconhecida após um rei ter alcançado vários feitos a nível militar e político, reconhecidos internacionalmente. Se Aššur-uballit chega a apresentar-se com esse título, tal só deverá ter sucedido após

uma intervenção suficientemente significativa no plano internacional (Harrak, 1987: 38). Szuchman (2007: 94) aponta a ocupação do Hanigalbat pelos assírios como um feito simbólico que potenciou o estatuto assírio junto das grandes potências da época.

A iniciativa diplomática de Aššur-uballit não passou despercebida à Babilónia, que reage através duma carta enviada por Burnaburiaš II ao faraó, onde podemos reconhecer uma pretensa submissão da Assíria ao seu vizinho do sul. Exigindo o corte de relações comerciais que se iniciaram com a vinda dos mensageiros assírios ao faraó Burnaburiaš II refere-os como seus súbditos. Efetivamente, no séc. XV a.C. foi firmado um tratado entre Aššur-bêl-nišešu e o rei babilónio Karaindaš, numa tentativa de fuga ao domínio mitaniano por parte dos assírios (Tenu, 2009: 16). No entanto, o faraó não deixou de se aperceber da fraqueza dos argumentos babilónicos.

Artzi (1997: 4) expressa o sucesso diplomático assírio da seguinte forma: «A.- u. 1 [Aššur-uballit I] succeeded with this initiative in doing the impossible: by refuting the desperate, drummed up objections to an Assyrian visit in Egypt – as expressed by Burnaburijas II in EA 9 – he was able to convince his neurotic neighbour, a prisoner of historical illusions, an inferiority-complex and actual failures(...), to inaugurate a new era, based on a marriage-alliance clearly presupposing recognition». O matrimónio duma princesa assíria, Muballitat Šerua, com o monarca babilónico ou o seu sucessor Kara-hardaš, franqueou as portas para um fenómeno de ingerência assíria na cena política interna da Babilónia, que se repetiu ao longo do período meso-assírio (Gadd, 2006: 24, 28).

Como consequência desta aliança, Kadašman-harbe, neto de Burnaburiaš liderou uma expedição contra os nómadas sutu, na tentativa efémera de garantir uma passagem segura entre o Este e o Oeste. Esta expedição resulta dum esforço conjunto promovido por esta aliança assírio-babilónica. Também enquadrada por esta aliança surgiu a reação assíria após o assassinato de monarca babilónico, descendente de Aššur-uballit, perpetrado por uma crescente oposição frente à influência assíria que se fez sentir, colocando no trono cassita Nazi-Bugaš, referido pelas fontes<sup>16</sup> como filho de ninguém. Nazi-Bugaš manteve-se pouco tempo no trono babilónico já que Aššur-uballit desce até sul, à frente dum exército assírio, com o objetivo de colocar no trono

---

<sup>16</sup> Tanto a Crónica P, como a História Sincrónica, concordam com esta afirmação (Glassner, 2004).

o legítimo herdeiro de Kadašman-harbe, Kurigalzu II, que era ainda uma criança. (Artzi, 1997: 4; Gadd, 2006: 29; Garelli, 1980: 161)

A afirmação internacional da Assíria conheceu assim vários sucessos, desde a abertura de relações com o Egito até à aliança matrimonial com a Babilónia. Militarmente, a intervenção assíria na guerra civil hurrita, que estalou após a derrota mitaniana frente aos hititas e ao assassinato do seu rei, garantiu não só a independência formal como a inversão da relação de forças, com a submissão de parte do Mitanni. Resta, então, o Hatti, a grande potência que se destacou com a queda do Mitanni, liderada por Suppiluliuma.

À morte do rei hitita, o Hatti tinha-se destacado enquanto potência regional, com a derrota mitaniana e o enfraquecimento egípcio no que respeita a capacidade de intervir no Médio Oriente. A sucessão leva Arnuwanda ao trono hitita, mas este morre pouco depois, vítima de doença. No seu lugar sobe ao trono Mursil II, o seu irmão ainda menor de idade. Com a sucessão dinástica vários príncipes submetidos à autoridade hitita vêem a sua oportunidade de sacudirem o jugo hitita, custando dez anos ao jovem Mursil II a restauração do poder hitita em todos os territórios subjugados. Aššur-uballit também procura retirar da instabilidade hitita alguns dividendos, ameaçando o Mitanni de Šattiwaza. As tropas assírias chegam inclusivamente a atingir as margens do Eufrates e Šattiwaza desaparece de cena. Mursil II, vendo o perigo assírio aproximar-se, reforça a cidade de Karkemiš, ponto-chave do acesso à atual Síria. A concentração de forças serve como dissuasor da escalada do conflito e assim ambos os exércitos abstêm-se de se enfrentar, vigiando-se mutuamente (Garelli, 1980: 136-137).

Como foi referido acima, Adad-nirari atribui a Aššur-uballit o feito de submeter o país de Musru. Não existe uma certeza donde se situa este território, embora provavelmente se localize a leste da Assíria, para além de Arrapha ou a nordeste de Nínive. Por outro lado, foi descoberta perto de Alepo uma inscrição do séc. VIII a.C. dum tratado aramaico que refere uma Musru na vizinhança da cidade síria de Arpad. Segunda esta última possibilidade, Musru seria a continuação lógica da campanha de Aššur-uballit contra os šubaru (Gadd, 2006: 28).

Harrak (1987: 56) referindo-se às conquistas territoriais de Aššur-uballit, levanta a questão da localização dos dois territórios referidos na inscrição da Adad-nirari. Para o autor, a terra dos šubaru pode não coincidir com o Hanigalbat, como mencionado acima, uma vez que uma passagem da carta KBo I 20 refere um conflito entre um rei ou oficial do Hanigalbat e o rei dos šubaru. Também o país de Musru é uma designação de várias terras, incluindo o Egito, mas neste caso deve referir-se a um território do norte da Mesopotâmia.

Harrak (1987: 52-54) lança a ideia de que Aššur-uballit partiu inicialmente dum território confinado à cidade de Aššur e seus arredores. A menção de Salmanasar I<sup>17</sup> de que o templo de Ištar em Nínive foi reparado por Aššur-uballit<sup>18</sup> leva a considerar que este conquistou a cidade, que se encontrava sob domínio hurrita. Simultaneamente, aponta-o como a razão por detrás da queda e destruição do reino de Arrapha<sup>19</sup>, estabelecendo uma série de paralelismos entre os vários reinados. Como motivador desta ação, o apoio que este reino prestava ao Hanigalbat, de quem a Assíria procurava tornar-se independente.

À data da morte de Aššur-uballit, a Assíria emerge como uma potência regional, libertando-se do jugo mitaniano e saindo vitoriosa do confronto com o Mitanni e a Babilónia, com capacidade para intervir na política interna desta última, colocando no trono um soberano de ascendência assíria. Por outro lado, estes sucessos foram parcialmente frustrados, uma vez que Kurigalzu II em vez de estreitar os laços com a Assíria, vai antes enfrentar militarmente Enlil-nirari, filho de Aššur-uballit I (Garelli, 1980: 161).

## **II.2 Enlil-nirari I e Arik-dîn-ili**

Geralmente, os reinados que medeiam entre a morte de Aššur-uballit e Adad-nirari são vistos como um período um pouco obscuro, especialmente devido às poucas fontes encontradas até aos dias de hoje. Se Aššur-uballit foi a faísca que despoleta a

---

<sup>17</sup> A partir deste ponto denomina-se Salmanasar.

<sup>18</sup> A.O.77.17 (Grayson, 1987: 205).

<sup>19</sup> A relação entre a ação assíria e a queda do reino de Arrapha permanece em debate, sendo esta questão discutida no capítulo III.3.2.

ascensão assíria no período meso-assírio, o seu filho e neto são como a água na fervura que temporariamente desacelera a dinâmica expansionista assíria. Harrak (1987) na sua síntese sobre a oposição entre Assíria e Hanigalbat passa quase diretamente de Aššur-uballit para Adad-nirari, dedicando apenas duas páginas a estes dois reinados. Inclusivamente num trabalho recente de Duistermaat (2007: 24) reafirma-se o desconhecimento sobre as relações assírias com os seus vizinhos ocidentais, avançando que o Hanigalbat terá vivido um período de independência relativamente à Assíria, mas pagando um tributo ao Hatti.

Efetivamente, para estes dois reinados, as fontes são relativamente silenciosas, dedicando-se exclusivamente à menção das relações assírio-babilónicas. Kurigalzu II, colocado no trono da Babilónia por Aššur-uballit não mantém durante muito tempo uma política de relações amistosa relativamente à Assíria<sup>20</sup>. Segundo a História Sincrónica (Glassner, 2004: 179), Enlil-nirari I<sup>21</sup> viu-se a braços com pelo menos uma incursão babilónica, dando-se uma batalha em Sugaga nas margens do Tigre tendo ambos os beligerantes reivindicado a vitória, procedendo à delimitação duma nova fronteira. Outras fontes referem um confronto próximo de Arbela, antes da batalha decisiva, pairando uma ameaça sobre cidades assírias. Esta manobra babilónica de flanquear pelo leste, recorrente neste período, parece indicar uma tentativa de aliança com os povos dos Zagros contra o inimigo comum (Garelli, 1980: 161-162). Numa inscrição posterior, de Adad-nirari, lê-se que Enlil-nirari foi vencedor sobre as hostes cassitas, lideradas por Kurigalzu II (Gadd, 2006: 30-31).

Gadd (apud Garelli, 1980: 162) defende esta ideia já que, mais tarde, Arik-dîn-ili concentrou todos os seus esforços contra os turukenos, os qutu<sup>22</sup> e os povos de Nigimti. Por outro lado, os babilónios parecem estar ocupados com o Elam, o que inviabiliza uma intervenção direta na Assíria. Inclusivamente, por volta de 1305 a.C. Susa cai em mãos elamita (Garelli, 1980: 162).

---

<sup>20</sup> McIntosh (2005: 93) refere a existência duma batalha entre Aššur-uballit I e Kurigalzu II, cujo resultado é firmado num tratado em que a fronteira entre os dois reinos fixou-se abaixo do Zab Inferior.

<sup>21</sup> Doravante denominado Enlil-nirari.

<sup>22</sup> O termo qutu que designava um povo dos Zagros foi associado na literatura mesopotâmica aos gútios, também da mesma região, sem que, no entanto, existam provas que estes dois povos, separados por vários séculos, tivessem uma ligação política ou étnica (Bryce, 2009: 266, 586)

Um estado de guerra entre as duas potências parece ter-se mantido desde a morte de Aššur-uballit, no entanto, deve-se ter em atenção que as fontes divergem quanto à época em que decorreu a guerra. Como referido acima a História Sincrónica coloca os acontecimentos no reinado de Enlil-nirari, mas a Crónica P, de origem babilónica, adia a guerra para o reinado do seu neto, Adad-nirari. Ainda sobre esta divergência, Gadd (2006: 31) afirma sem dúvidas que neste caso a fonte assíria deve ser tida como verdadeira, uma vez que Kurigalzu morreu antes da ascensão de Adad-nirari, para além de outras fontes confirmarem que os oponentes seriam Kurigalzu e Enlil-nirari. De facto, os episódios de guerra sucederam-se entre estas potências durante estes reinados, até terminarem com a vitória definitiva de Tukulti-Ninurta.

Sobre o curso destas guerras pouco se sabe especificamente. Foi encontrado um fragmento que revela que nos arredores de Irbil, próximo da capital assíria, deu-se uma batalha entre as forças de Kurigalzu II e Enlil-nirari, indiciando que ambos os lados podiam ganhar (Weidner, 1969 apud Gadd, 2006: 31-32). As duas crónicas divergem mais uma vez, cada uma atribuindo a vitória a um dos lados. Harrak (1987: 59) refere uma carta enviada por Enlil-nirari a um desconhecido, explicando que não pode enviar estanho porque os seus inimigos atravessaram para Aššur e voltaram para a sua terra. O autor vê neste documento a fraqueza assíria em impedir estes raides.

Sucedendo ao seu pai, Arik-dîn-ili reinou durante doze anos, mantendo-se o estado de guerra contra a Babilónia. Do lado cassita reinava Nazi-Maruttaš, cuja estratégia, como a do seu antecessor, era flanquear a Assíria pelos Zagros, aliando-se aos povos montanheses. Assim, as movimentações militares de Arik-dîn-ili surgem mais como incursões nos territórios montanheses orientais, em vez dum confronto direto com a Babilónia a sul. Adad-nirari numa das suas inscrições refere que o pai, Arik-dîn-ili, foi vitorioso em campanhas contra os territórios de Turukku e Nigimti e os chefes das terras altas dos qutu, o que coloca o teatro de guerra nas montanhas dos Zagros (Gadd, 2006: 32-33).

Mais detalhes sobre esta campanha surgem numa inscrição fragmentada (Luckenbill, 1926-27 apud Gadd, 2006: 33) de Arik-dîn-ili, que nomeia Esini como líder de Nigimti que vê a sua terra a ser invadida e os assírios a queimarem as suas colheitas. Como vingança, Esini invade um território assírio e mata os seus habitantes.



Numa segunda invasão, os assírios atacam a cidade de Arnuna, cercando Esini que se encontrava dentro das muralhas. Este rende-se e aceita submeter-se ao pagamento de tributos. O documento refere ainda uma grande vitória, sem mencionar o inimigo, que poderia de novo ser Esini, com a obtenção dum grande saque. Refere ainda Tarbisu, próximo de Nínive, o que indica uma perigosa proximidade com o coração da Assíria (Gadd, 2006: 33).

Outra campanha que Adad-nirari refere como sendo liderada pelo seu pai, foi uma invasão ao território de Katmuhu, a oeste do Alto Tigre. Neste território Arik-dîn-ili defrontou-se com uma aliança composta por tribos montanhesas locais e nómadas arameus chamados ahlamu e sutu e ainda a tribo dos yauru. A vitória assíria foi tão temporária como a dos reis babilónios acima descrita, mas ao que parece foi um pouco mais efetiva, no sentido em que reorientou a incursão que se dirigia ao centro da Assíria, para sul onde gradualmente se foram estabelecendo (Gadd, 2006: 33).

Harrak (1987: 60) contrapõe esta série de vitórias com um trecho da Epopeia de Adad-nirari que refere que o seu pai não foi capaz de reparar as calamidades infligidas pelo exército do rei cassita. Conclui, assim, que Arik-dîn-ili terá sido derrotado pelos babilónios.

Para o Império Hitita e para Mursil II, os reinados de Enlil-nirari e Arik-dîn-ili foram de alguma acalmia, uma vez que estes dois reis assírios estiverem ocupados com os povos dos Zagros, a disputa com a Babilónia e ataques dos nómadas arameus (Garelli, 1980: 139).

Efetivamente, neste período a Assíria não conseguiu aplicar uma política de expansão. Atacada a sul pelos babilónios e sofrendo incursões de povos nómadas e montanheses, acabou por se ver na contingência de defender o seu território nuclear, não mostrando capacidade de anular a agressividade inimiga e muito menos de expandir o seu território. Da fronteira ocidental pode ter sentido alguma acalmia, no entanto, o Hanigalbat, que escapa ao domínio assírio, apresenta-se como um estado tampão sob influência hitita, não deixando então de existir uma presença ameaçadora duma das maiores potências da época.

## II.3 Adad-nirari I

Se os dois reinados anteriores nos deixam a impressão de esmorecimento da energia expansionista demonstradas por Aššur-uballit, pese o condicionamento provocado pelas poucas fontes disponíveis, o reinado de Adad-nirari coloca a Assíria definitivamente no caminho da expansão territorial e da sua afirmação enquanto grande potência. O dinamismo que o novo rei assírio conseguiu empregar foi continuado pelos dois sucessores diretos dando origem ao auge do período meso-assírio.

Nas inscrições reais, Adad-nirari gaba-se de ter derrotado exércitos dos cassitas, dos qutu, dos lullumu e dos šubaru, esmagando todos os inimigos acima e abaixo e trilhando as suas terras de Rapiqu, no norte da Babilónia, e Lubdu a Eluhāt, na Alta Mesopotâmia (Grayson, 1987: 131, A.O.76.1). A guerra com a Babilónia mantém-se, mas o monarca assírio consegue infligir uma derrota a Nazi-Maruttaš, numa batalha próximo de Kar-Ištar, no distrito de Ugarsallu, em território babilónico. Como consequência, uma nova fronteira é definida, partindo de Pilazqu, próximo do desfiladeiro do Tigre, no Djebel Hamrin, correndo ao longo do Taug no país dos lullumu nos Zagros (Garelli, 1980: 162; Glassner, 2004: 179; Grayson, 1987: 157, A.O.76.21; Munn-Rankin, 2006: 274-75). Segundo Munn-Rankin (apud Garelli, 1980: 162), as novas regiões conquistadas revestiam-se duma importância estratégica, já que por elas passavam rotas comerciais que permitiam o acesso a metais, pedras e madeiras de construção. Ao desviar este comércio em seu proveito, a Assíria desfere um golpe económico debilitando a Babilónia enquanto grande potência (Garelli, 1980: 162). Mas uma vez que as fontes babilónicas não referem este facto, não é possível ter uma certeza confortante<sup>23</sup>. De qualquer forma, Munn-Rankin afirma que a ser verdadeira, repõe um equilíbrio, perdido no reinado de Arik-dîn-ili (Munn-Rankin, 2006: 275).

Outro dado que reforça a ideia de um regresso a uma situação vantajosa para a Assíria é a localização das batalhas registadas em tempo de Adad-nirari, comparando

---

<sup>23</sup> Segundo a Crónica P Adad-nirari defrontou Kurigalzu, e não Nazi-Marruttaš, em Sugaga. A fonte celebra a vitória babilónica, com um massacre das tropas assírias e captura de oficiais (Glassner, 2004: 281). Como foi referido acima, Gadd discorda desta narrativa, argumentando que os atores não são contemporâneos.

com as dos reinados anteriores. Como afirmado acima, Arik-dîn-ili e Enlil-nirari viram-se forçadas a combater em território muito próximo do seu centro de poder, no entanto, a localização de Kar-lštar desloca o teatro de operações muito mais para sul. De notar a inexistência de fontes que indiquem batalhas nos reinados de Kadašman-Turgu ou Kadašman-Enlil II, sucessores de Kurigalzu II, com exércitos assírios. (Munn-Rankin, 2006: 275)

Não são conhecidos os detalhes da vitória sobre os lullumu e qutu. Mas qualquer pacificação permanente destes povos dos Zagros era ainda prematura, o que não invalida que a ação punitiva perpetrada por Adad-nirari não tivesse sucedido em anular temporariamente as pilhagens e saques em território assírio e a caravanas vindas do moderno Irão. Munn-Rankin (2006: 275) infere pelo facto de Adad-nirari referir nas suas inscrições reais a vitória do pai sobre Turukku e Nigimti que isso significa que conseguiu manter esses dois territórios orientais que herdou no momento em que subiu ao trono. Da mesma forma, a submissão de Katmuhu foi omitida, indiciando a perda desse território.

Se a vitória sobre a Babilónia e o alargamento para sul da fronteira foi um feito notável, contrariando a ameaça babilónica que ameaçou estancar o progresso assírio no tempo do seu pai e do seu avô, o verdadeiro feito político-militar foi a submissão do Hanigalbat. Adad-nirari deixou para a posteridade um relato relativamente longo da guerra do Hanigalbat, especialmente a conquista de Tai'du. Na fonte assíria a iniciativa da guerra pertence ao rei do Hanigalbat, Šattuara, sucessor de Šuttarna<sup>24</sup>. Duistermaat (2007: 25) e já antes Harrak (1987: 101) avançam a hipótese de que o hurrita terá perpetrado diversos atos agressivos contra mercadores assírios ou mesmo atacado cidades fronteiriças assírias. Esses atos levaram Adad-nirari a avançar com um exército sobre o Hanigalbat. O poder assírio voltava a afirmar-se e Šattuara foi derrotado, capturado e levado para Aššur. Na capital assíria, o rei permitiu o regresso do hurrita após este jurar pagar um tributo para o resto da sua vida. A iniciativa de Šattuara poderá ter-se prendido com uma tentativa de ganhar vantagem estratégica sobre um reino vizinho crescentemente mais forte. Como acabou por descobrir, o efeito

---

<sup>24</sup> Szuchman (2007: 4) refere Šattuara como sucessor de Šattiwaza, em vez de Šuttarna. Já Harrak (1987: 94-97) tinha dedicado algumas páginas sobre a identidade e genealogia de Šattuara, apresentando as duas alternativas, sem no entanto conseguir refutar uma delas. A questão mantém-se em aberto.

surpresa não foi suficiente para que Šattuara saísse vencedor (Munn-Rankin, 2006: 275). Weidner (1969 apud Munn-Rankin, 2006: 276, 4) sugere que Šattuara não foi restituído ao trono dum Hanigalbat intacto, mas antes que Adad-nirari reteve alguns territórios diretamente sob administração assíria, entregando apenas uma parte do antigo reino. Consequentemente Šattuara passa a ser conhecido com rei de Šubria.

A submissão do Hanigalbat à Assíria de Adad-nirari não levou a uma reação imediata por parte dos hititas, que preferiram aguardar um momento mais oportuno (Duistermaat, 2007: 25) Este facto pode-se dever a um esgotamento das forças após o confronto com os egípcios que culminou na batalha de Kadeš (Garelli, 1980: 143), onde o Hanigalbat entra na lista de aliados hititas que prestaram auxílio (Munn-Rankin, 2006: 277). Por outro lado, Mursil II sem romper diplomaticamente com a Assíria, não deixa de fazer passar por humilhações os embaixadores assírios de Adad-nirari (Garelli, 1980: 145).

Até ao fim da sua vida, Šattuara mantém-se fiel ao juramento prestado em Aššur, mas a subida ao trono do seu filho Wasašatta marca o momento de rutura com a Assíria. Adad-nirari, perante a revolta do Hanigalbat, volta a avançar militarmente contra o seu antigo vassalo. As inscrições reais A.O.76.1 e principalmente a A.O.76.3 (Grayson, 1987: 131, 136) referem uma lista de cidades tomadas pelos assírios enquanto subjugavam o Hanigalbat nesta segunda campanha. Harrak (1987: 109-110) procurou desenhar um hipotético itinerário do exército assírio com base nas inscrições reais, no entanto, existem algumas discrepâncias. De qualquer forma, é possível perceber, por ambas as fontes, o avanço em direção a Tai'du e posteriormente a Waššukanni, na zona do triângulo do Habur, e depois o avanço mais para ocidente em direção às margens do Eufrates. De notar que, aparentemente, Adad-nirari não procurou submeter o Baixo Habur referindo que as fontes arqueológicas parecem confirmar o facto, visto as cronologias de Dûr-Katlimmu apontarem para os reinados de Salmanasar e Tukulti-Ninurta (Harrak, 1987: 111).

A campanha assíria no Hanigalbat levou as tropas assírias até ao Eufrates, mas Karkemiš não foi atacada, até porque os hititas que se mostraram favoráveis à causa de Wasašatta, não tomaram parte ativa na guerra. Adad-nirari chega mesmo a referir

que estes receberam os presentes de Wasašatta mas que não prestaram o auxílio, ou seja, não se envolveram militarmente na guerra (Grayson, 1987: 136, A.O.76.3).

O capítulo final da segunda campanha de Adad-nirari no Hanigalbat termina em Irrite, que Wasašatta decidiu fazer o seu último reduto. A captura da cidade, do rebelde e da sua família real pôs fim à tentativa do Hanigalbat de se tornar independente. Tal como tinha feito anteriormente, Adad-nirari regressa a Aššur com os seus cativos, mas desta vez abandona a ideia de governar o Hanigalbat através dum vassalo e decide absorver os territórios conquistados na Assíria. Um novo palácio é construído em Tai'du e assim uma capital assíria é constituída para governar diretamente o Hanigalbat (Szuchman, 2007: 5; Duistermaat, 2007: 25; Munn-Rankin, 2006: 278).

Nesta campanha, Adad-nirari captura não só as mencionadas cidades de Tai'du, Waššukanni e Irrite, mas também Amasaki, Kahat, Šuri, Nabula, Hurra e Šuduhu, todas na zona do triângulo do Habur. Nas suas inscrições reais, menciona que as conquistas vão de Tai'du, a leste, até Irrite, incluindo Eluhāt e as montanhas Kašiiari na sua totalidade e os territórios fortificados de Suda e Harran até às margens do Eufrates. Para celebrar esta conquista da Alta Mesopotâmia, Adad-nirari vai recuperar o título de 'rei da totalidade' (šar kiššati), ostentado por Šamši-Adad I (Munn-Rankin, 2006: 278).

A expansão da influência assíria até ao Eufrates representa o falhanço da estratégia hitita de manter um estado-tampão, no entanto, tal como foi referido, este facto não leva à abertura de hostilidades (Munn-Rankin, 2006: 277). A passividade de Hattusili III não trouxe nenhum benefício para os hititas, no entanto talvez se possa explicar com o receio dum conflito localizado degenerar num cenário de guerra com duas frentes (a sul com o Egipto e a este com a Assíria). As relações entre a Assíria e o Egipto não são conhecidas. Sabe-se, no entanto, que perante a ameaça (real ou virtual) Hattusili III envia emissários para a Babilónia a fim de estabelecer uma aliança. Este facto é conhecido devido a uma carta que o hitita envia ao filho de Kadašman-Turgu, reprovando-o por este não seguir a política do pai. Esta aliança era nominalmente contra o Egipto, mas teria um alcance maior (Garelli, 1980: 146; Munn-Rankin, 2006: 277).

Após esta demonstração de força, Adad-nirari sente-se confortável o suficiente para procurar encetar relações fraternas com o Hatti, talvez encorajado pela passividade demonstrada por Hattusili. Envia, então, uma carta para o rei hitita tratando-o como 'irmão' e apresentando-se como 'Grande Rei'. Os termos de igualdade com que se correspondia Adad-nirari não foram reconhecidos por Hattusili III que reagiu furiosamente, negando a termos fraternos que o rei assírio usava, reconhecendo no entanto a conquista dos antigos territórios mitanianos. Bryce (2005: 259) considera mais provável que o autor da resposta tenha sido Urhi-Tešub, o antecessor de Hattusili III, que face ao humilhante sucesso do rei assírio, não poderia aceitar que a nível diplomático a Assíria fosse reconhecida como igual ao Hatti.

Bryce (2005: 274-275) refere uma carta de Hattusili III que se queixava duma questão relativa a pilhagens nos arredores de Karkemiš, perpetradas a partir de Turira, cidade do Hanigalbat. Com a intenção de se destacar relativamente ao anterior regime, Hattusili III, recentemente subido ao trono, apresenta uma postura mais positiva, pouco conflituosa. Não temos a resposta do rei assírio, mas percebe-se que neste momento os hititas preferem reconhecer formalmente a soberania assíria a leste do Eufrates e assim assegurar uma vizinhança pacífica. A mesma política de paz é seguida em relação ao Egipto, com quem Hattusili III firmou um tratado em 1284 a.C.

O temor duma agressão assíria podia ser bastante real, especialmente se cruzarmos a informação que algumas inscrições reais dão, colocando as conquistas de Adad-nirari "até Karkemiš na margem do Eufrates". Embora seja mais provável que esta afirmação significasse que a fronteira ocidental assíria atingia a margem oriental do Eufrates, e não um ataque à cidade ou aos seus territórios adjacentes, não deixava de ser razoável a hipótese dum ataque eminente a Karkemiš, ponto-chave para a travessia do Eufrates e invasão do território hitita por sul, que por este facto era uma das possessões hititas mais fortificadas (Munn-Rankin, 2006: 279).

O reinado de Adad-nirari foi extremamente positivo para a política de expansão territorial da Assíria. Pela primeira vez, os territórios do Hanigalbat são anexados à Assíria e uma administração direta do território é estabelecida com o seu centro em Tai'du. A mudança do paradigma beneficia a Assíria nos dois reinados seguintes, dando-lhes uma base mais ou menos sólida para a continuação da expansão. Por outro

lado, no plano internacional, a Assíria volta a afirmar-se como uma potência em crescendo, bloqueando as incursões babilónicas que se tinham feito sentir em décadas anteriores e obtendo do Hatti um reconhecimento da força militar que representava, embora ainda não aceitasse o estabelecimento de relações em igualdade.

## **II.4 Salmanasar I**

Com a expansão territorial ocorrida durante a vida de Adad-nirari, a Assíria estabeleceu um novo limite do seu poder. A estabilidade que fora conseguida a custo, com o debelar de revoltas e a implementação duma organização administrativa mais direta foi ameaçada com a morte do rei assírio. O seu filho, Salmanasar, vai herdar um reino em ebulição, já que a oportunidade oferecida pela mudança de reinado vai estimular diversas revoltas nos territórios assírios (Harrak, 1987: 161). A nordeste, o país de Nairi ou Uruatri, uma entidade política que segundo Munn-Rankin (2006: 279) correspondia em parte à terra de Hurri governada no séc. XIV a.C. por Artatama, mas que neste período correspondia a uma confederação pouco sólida de pequenos principados hurritas, ameaçava invadir a Assíria. O Hanigalbat também voltou a revoltar-se, liderado por Šattuara II. Inclusivamente, territórios próximos do coração da Assíria como Kirruri<sup>25</sup> (Harrak, 1987: 161).

O reino de Nairi não figura nas inscrições reais dos antecessores de Salmanasar, mas este adjectiva-o como rebelde, o que parece indiciar que terá havido em algum momento uma qualquer forma de submissão do território. A reacção assíria não se fez esperar, sendo conquistadas dezenas de cidades e imposto um tributo aos seus habitantes. A suposta rapidez da conquista, em três dias, deve referir-se às batalhas decisivas e não há duração da campanha na totalidade (Munn-Rankin, 2006: 280; Grayson, 1987: 183, A.O.77.1).

Uma vez submetido o Uruatri, o foco de Salmanasar vira-se para o país de Musru, que entretanto também tinha aproveitado a janela de oportunidade concedida pela mudança de reinado. A campanha centrou-se na captura da cidade fortificada de

---

<sup>25</sup> Detalhe histórico encontrado num texto económico, datado do reinado de Salmanasar (Harrak, 1987: 137).

Arinu, seguida da submissão do resto do país<sup>26</sup>. Munn-Rankin (2006: 280) nota que se o país de Musru se localizar a ocidente da Assíria, então este ataque pode ser considerado como um primeiro passo para a reconquista do Hanigalbat.

Com as rebeliões a eclodirem nos territórios de Uruatri e Musru, a oportunidade de revolta no Hanigalbat parecia ainda mais favorável a Šattuara II (Harrak, 1987: 162). Desta vez, Hattusili III não permanece passivo e apoia ativamente a revolta, vislumbrando a possibilidade de voltar a recuperar a influência sobre os antigos territórios mitanianos. Harrak (1987: 166) lança a hipótese de Šattuara II ter uma base fora do Hanigalbat, possivelmente em território hitita, onde poderia planejar o momento do ataque. Na realidade, é formada uma coligação entre três partes: as forças de Šattuara II, um exército hitita, presumivelmente lideradas pelo rei de Karkemiš e tropas ahlamu, provavelmente recrutadas na Síria (Harrak, 1987: 169).

A defesa do Hanigalbat foi bem preparada, tendo havido tempo para um plano defensivo que dificultava o acesso ao centro do país, obrigando Salmanasar a lutar para obter o controlo dos necessários pontos de abastecimento de água. A estratégia deve ter conduzido o exército assírio a níveis elevados de desgaste, para que no momento da batalha com as tropas inimigas este se encontrasse sedento e esgotado. Quando as forças assírias chegaram à posição dos coligados, estes atacaram, mas Salmanasar conseguiu sustentar o embate e num contra-ataque derrotou Šattuara II e os hititas. A derrota foi devastadora para Šattuara que foi perseguido enquanto fugia para ocidente na tentativa de chegar ao Hatti. Salmanasar não consegue capturar o rei rebelde, mas captura tropas inimigas<sup>27</sup> e restabelece um domínio territorial que nas suas palavras atinge as margens do Eufrates, defronte de Karkemiš (Harrak, 1987: 170-171). Também o vale do Habur até à confluência com o Eufrates foi conquistado (Duistermaat, 2007: 25)

Não restam dúvidas que a partir deste momento o Hanigalbat foi anexado pela Assíria, uma vez que documentos do reinado de Salmanasar e Tukulti-Ninurta referem a nomeação de governadores em diversas cidades. Textos legais encontrados em Tell Fehheriye referem epónimos assírios e os meses assírios. Os nomes que surgem nas

---

<sup>26</sup> A.O.77.1 (Grayson, 1987: 183).

<sup>27</sup> Na inscrição real A.O.77.1 (Grayson, 1987: 184) o número avançado é de 14.400, mas como refere Harrak (1987: 171) este é um número redondo e não um dado rigoroso.



fontes são todos de origem assíria, sem no entanto discriminar a profissão, mas percebe-se a criação de uma máquina administrativa assíria, que precisava urgentemente de resolver o problema de populações deslocadas e a sua alimentação. (Munn-Rankin, 2006: 281)

A vitória assíria seguida da anexação do território hurrita trouxe vantagens estratégicas para a Assíria enquanto potência regional. Esta tinha conseguido afirmar-se perante os hititas que perdiam definitivamente a disputa deste território. Simultaneamente, ficou assegurado o controlo de rotas comerciais vindas da Síria e da Anatólia, acrescentando terras agrícolas ricas e colocando à disposição dos comandos militares uma grande quantidade de população com experiência na guerra. Munn-Rankin (2006: 282) não hesita em afirmar que a vitória assíria sobre Šattuara II foi a mais significativa do século XIII a.C. pelo efeito de alavanca na prossecução do objetivo de afirmação assíria como grande potência.

A reação hitita perante o seu desaire no confronto com a Assíria conduziu a um deteriorar das relações entre ambas as potências. Hattusili III não se corresponde com o rei assírio, não reconhecendo o seu estatuto de ‘Grande Rei’, situação que perdura até ao reinado de Tudhaliya IV quando são restabelecidas as comunicações. (Duistermaat, 2007: 25) Este rei reconhecerá o rei assírio<sup>28</sup> como soberano sobre o Hanigalbat e chamando-o de ‘Grande Rei’ e ‘Meu Irmão’, rompendo claramente com a postura do seu antecessor e reconhecendo que o seu pai era inimigo dos assírios (Freu, 2003 103; Tenu, 2006: 165)<sup>29</sup>.

A ameaça assíria era agora tão ou mais elevada que no tempo de Adad-nirari, e assim, o Hatti reforça os laços com as outras potências, tentando isolar a Assíria. Uma aliança com o Egipto tinha sido estabelecida ainda no reinado de Hattusili III, assim como com Kadašman-Turgu da Babilónia (Freu, 2003: 103). No entanto, durante o reinado de Salmanasar, a Babilónia parece ter estado demasiado envolvida no conflito que a opunha ao Elam, que chegou a assolar a região de Ešnuna (Garelli, 1980: 148).

---

<sup>28</sup> A identidade deste rei assírio ainda está em aberto, podendo ser Salmanasar ou Tukulti-Ninurta.

<sup>29</sup> Bryce (2005: 313) tem uma perspectiva diferente, uma vez que data a batalha de Salmanasar e Šattuara II no reinado de Tudhaliya IV, e assim mantém que este seria o promotor duma política que hostilizava o rei assírio.

O monarca assírio ficou assim livre para lidar com os qutu, fazendo uma incursão no território compreendido entre a fronteira do Uruatri e a terra de Katmuhu, saindo uma vez mais vitorioso. Prescindindo da força dos números em favor da rapidez, o rei assírio reuniu um terço dos seus carros de batalha e deslocou-se para norte. O inimigo foi surpreendido e expulso, mas não foi submetido. Não é certo, mas é possível que Salmanasar tenha conseguido recuperar o domínio das terras de Katmuhu e de outros territórios dos šubaru, mas algures mais tarde no seu reinado acabou por perdê-las, pois Tukulti-Ninurta volta a efetuar campanhas nestes territórios. (Munn-Rankin, 2006: 282).

Como foi referido acima, as relações com a Babilónia atravessam um período de acalmia. Nas inscrições reais não existem referências aos reis babilónios contemporâneos Kadašman-Enlil II, Kudur-Enlil e Šagarakti-Šuriaš. As fontes babilónicas podem colmatar um pouco este desconhecimento. A Babilónia não representava o perigo de outrora para a Assíria, pois estava envolvida com o ressurgimento do Elam, recuperado da derrota infligida por Kurigalzu II. A perda de Susa no reinado de Kadašman-Turgu, pai de Kadašman-Enlil II, é um exemplo da força da ameaça elamita (Munn-Rankin, 2006: 282).

Já no seguimento da morte de Kadašman-Turgu, Hattusili III tinha enviado uma carta aos notáveis babilónios prometendo ajuda em caso de uma agressão externa, mas também ameaçando com guerra caso Kadašman-Enlil II não fosse reconhecido. Esta carta foi vista pelo regente como a tentativa de ingerência hitita em assuntos internos babilónicos. Como resposta acusa Hattusili III de tratar a Babilónia como um estado vassalo. Mais tarde, Iddi-Marduk-balatu queixa-se da oposição hitita em a Babilónia reatar relações com o Egipto, que tinham sido quebradas aquando do confronto entre Hattusili III e Ramsés II. Mensageiros babilónicos já não eram enviados regularmente à corte hitita sob pretexto de que nómadas ahlamu assolavam a norte de Hit e que a Assíria recusava a passagem pelo seu território (Munn-Rankin, 2006: 283).

Ao arrefecimento de relações com os hititas, Iddi-Marduk-balatu parece ter defendido uma reconciliação com a Assíria, assegurando a fronteira norte e concentrando os esforços no problema elamita (Munn-Rankin, 2006: 283).

Quando o rei babilónico atinge a maioridade, Hattusili III procura recuperar o aliado babilónico. Acusando o regente de interpretar incorretamente as suas palavras, elogia o poder babilónico e desvaloriza a ameaça assíria, exortando Kadašman-Enlil II a atacar a Assíria. Apelando ao orgulho babilónico o rei hitita questionava o babilónio: Quem é o rei da Assíria para reter os teus mensageiros? (Garelli, 1980: 148; Munn-Rankin, 2006: 283). Como reforço, Hattusili III chega mesmo a prometer apoio em dois incidentes envolvendo babilónios e vassalos hititas. No entanto, e apesar da pressão hitita, não temos informações suficientes para saber se Kadašman-Enlil II foi convencido a tomar uma ação direta contra o seu vizinho do norte (Munn-Rankin, 2006: 283-284).

Ao período inicial de revoltas e movimentos de resistência à autoridade assíria, seguiu-se provavelmente um período de maior acalmia, que permitiu a Salmanasar executar um extenso programa de obras que não se confinaram à cidade de Aššur. Na inscrição real A.0.77.16 (Grayson, 1987: 204-205) são referidas obras em diversas cidades: Aššur, Talmuš, Arbail, Kahat e Isana. Para este facto contribuíram com certeza os diversos sucessos militares, que permitiram não só a mobilização de recursos económicos materiais, mas também humanos, para as diversas obras de reparação e construção de edifícios. A nova estrutura de administração territorial do Hanigalbat aumenta o controlo da produção.

À data da morte de Salmanasar, a Assíria tinha alargado as fronteiras, estabelecido um sistema de administração provincial, com diversos centros, mantinha uma máquina de guerra constituída por soldados experientes, veteranos de décadas de guerras e mantinha sob controlo os povos dos Zagros e os nómadas ahlamu.

## **II.5 Notas finais**

A narrativa que se construiu ao longo destas páginas conduz-nos a uma série de questões relacionadas com o tema em estudo. Em primeiro lugar, a dinâmica expansionista criada desde Aššur-uballit acelera, depois de algumas resistências iniciais, nos reinados de Adad-nirari e Salmanasar e culmina com Tukulti-Ninurta.

Como se processou esta expansão? Quais as causas principais? Ter-se-ão estas causas mantido ao longo do tempo? Quais as condicionantes?

Em segundo lugar, é possível observar e conceptualizar uma estratégia geral de expansão, no entanto, esta não é estática. Reconhecendo este processo como dinâmico, coloca-se de imediato a questão da identificação de continuidades e inovações, e como estas se relacionam com o desenrolar dos acontecimentos históricos.

Finalmente, confrontando as diversas fontes disponíveis, será possível reconhecer no terreno a expansão assíria, enquanto controlo dum território cuja definição de fronteiras é um processo dinâmico e distinto conceptualmente das percepções atuais?

### **III. O reinado de Tukulti-Ninurta I**

#### **III.1 Evolução histórica**

A ascensão de Tukulti-Ninurta marca o início do período áureo meso-assírio e paradoxalmente o seu declínio. As vitórias obtidas no campo de batalha, logo após a sucessão, num clima de adversidade devido ao estado de rebelião generalizada, tiveram uma repercussão a nível político e simbólico, alimentando a crença do génio militar de Tukulti-Ninurta, presente nas palavras de Gadd: «The defeat of Kashtiliash established Tukulti-Ninurta as the outstanding military leader of the thirteenth century» (2006: 290). A vitória sobre o rei babilónico potencializa a força simbólica do monarca assírio, que desta forma ultrapassa os sucessos dos seus antecessores.

No entanto, o fim dramático do seu reinado, concretizado pelo seu assassinato às mãos dum dos seus filhos e no palácio da nova capital que fundara, Kar-Tukulti-Ninurta, acrescenta mais um elemento à equação que conduz à idealização da importância deste monarca na história da 2ª metade do 2º milénio.

Podemos então dividir em duas fases a evolução do reinado. Numa primeira fase, após a morte de Salmanasar, a Assíria cai num clima de instabilidade e revolta, próprio de cada passagem de reinado. A janela de oportunidade concedida por este acontecimento levou vários territórios submetidos por Salmanasar a revoltarem-se, na esperança de recuperarem a independência, tal como já tinha sucedido anteriormente com o seu pai.

Assim, o jovem rei precisa de reafirmar o domínio em todos os territórios anexados anteriormente ou submetidos sob a forma de uma relação de reinos-clientes. A capacidade demonstrada em campo de batalha, inclusivamente contra uma aliança de diversos reinos, foi determinante na forma como a Assíria conduziu a sua política de expansão. A fase de afirmação que progressivamente se caracteriza por uma expansão territorial que ultrapassa a herança de Salmanasar, culmina com a vitória sobre a Babilónia.

Numa segunda fase, vislumbra-se um certo declínio. A ausência de sucessos militares relevantes, gravados nas inscrições reais, como sucede com as vitórias da primeira fase, parece indiciar um período de acalmia ou até de derrotas militares que são convenientemente omitidas. Até ao fim do reinado, a Assíria terá entrado numa fase de contração, embora não seja muito acentuada uma vez que os reis assírios seguintes mantêm o controlo de grande parte do Hanigalbat e outras possessões.

Segundo diversas inscrições reais<sup>30</sup> deixadas por Tukulti-Ninurta, a primeira dificuldade que enfrentou foi o confronto contra os qutu e os uqumanu. Pese as dificuldades de guerrear numa região montanhosa, o monarca foi capaz de debelar a resistência e submeter os rebeldes, trazendo capturado Abule, rei dos uqumanu, e a sua corte para Aššur. Após o juramento de fidelidade a Tukulti-Ninurta, estes são libertados para regressarem ao seu país.

O recurso a juramentos de fidelidade dos príncipes da região dos Zagros era uma ferramenta ao dispor dos reis assírios, uma vez que o controlo efetivo do território seria mais dispendioso, provavelmente não compensando os ganhos produtivos.

Munn-Rankin (2006: 284) afirma que a subjugação do território seria atingida duma forma mais económica através do envio regular de expedições punitivas e o estabelecimento de bases militares em pontos estratégicos. A rebelião era endémica, mas controlável com o recurso a tais medidas.

Em relação aos qutu, aparentemente após uma resistência inicial, a derrota imposta em batalha, assim como o destino dos uqumanu, levaram a que os habitantes deste território acabassem por evitar continuar o confronto e aceitar a submissão aos assírios. Da mesma forma, os territórios de Elhunia, Šarnida e Mehru parecem ter sido submetidos sem oporem resistência, talvez procurando evitar o destino de uqumanu. Tropas dos qutu foram usadas para abater árvores de madeira de qualidade para a construção do palácio em Aššur.

A localização destas terras, embora ainda algo incerta, é apontada geralmente para a região norte e nordeste de Nínive e Aššur. Tendo em conta a sugestão de

---

<sup>30</sup> A.O.78.1, A.O.78.3, A.O.78.5 (Grayson, 1987: 231-238, 241-246).

Harrak (1987: 246), os uqumanu encontram-se imediatamente a norte de Nínive quando o relevo se torna acidentado. A descrição que as inscrições reais dão deste terra, assim como da terra dos qutu é precisamente dum terreno muito acidentado e naturalmente montanhoso. Assim, e considerando que a primeira afirmação é exatamente que Tukulti-Ninurta marcha contra a terra dos uqumanu, a expedição deve ter partido de Nínive para norte. Após a derrota dos uqumanu, os assírios seguiram para este, encontrando os qutu. No retorno passam ainda por Mehru, onde com o recurso às tropas entretanto aliadas dos qutu são cortadas árvores cuja madeira é usada na construção do Novo Palácio de Aššur. Este território é localizado por Harrak a noroeste dos uqumanu.

Após estas vitórias iniciais, onde Tukulti-Ninurta conseguiu restaurar a autoridade assíria em territórios previamente submetidos pelo seu pai, este volta-se na direção dos territórios ocidentais hurritas. Na leitura das inscrições, percebemos que estamos perante um segundo momento no reinado de Tukulti-Ninurta, distinto do primeiro. Contudo, estabelecer a distância dum momento para o outro é muito difícil. Harrak (1987: 265) propôs atribuir a revolta hurrita no quarto ano do seu reinado, estando os dois momentos separados pelo menos por um ano.

Este autor considera que a normal produção de textos administrativos nos centros do Hanigalbat, como Dûr-Katlimmu, Kulišhinaš e Tell ar-Rimah, demonstra que este território se encontrava sob sólido controlo assírio. Assim, inicialmente não teve lugar nenhuma revolta que colocasse em causa a autoridade de Tukulti-Ninurta. Mas, a omissão na documentação não deve ser tomada como facto, pelo menos numa forma rigorosa. Ainda assim, a proposta de Harrak tem uma base sólida uma vez que os documentos referem o normal envio de cevada das cidades de Tai'du e trabalho *ilku* pelo exército de Nihriia.

No entanto, se após a ascensão ao trono por Tukulti-Ninurta a paz se manteve no Hanigalbat, porque esperam os revoltosos tantos anos até darem início à sua tentativa de sacudir o jugo assírio? Especialmente, porque o momento oportuno passara, pois o rei assírio já teria terminado a sua campanha nos Zagros e levado de vencida quem se lhe opôs. Naquele momento, e atendendo à cronologia proposta por Harrak, o exército assírio já teria recuperado do esforço da campanha militar nos

Zagros, uma vez que existe um intervalo de cerca dum ano entre as campanhas, e até eventualmente aumentado os seus números com as forças dos qutu, que surgem a cortar madeira em Mehru, e doutros povos submetidos.

O *timing* do estalar da revolta pode ser então compreendido sob outra perspectiva, isto é, a presença duma entidade externa que fomentou a revolta, sendo os hititas quem mais prosperaria com a independência dos territórios hurritas, recuperando assim um território que se configurava como uma zona tampão que mantivesse os assírios à distância.

Segundo a descrição nas inscrições reais, Tukulti-Ninurta, perante uma aliança de várias pequenas entidades, liderada pelo rei de Alzu, Ehli-Tešub, empreende uma nova campanha militar. Primeiramente, a marcha teve como destino Katmuhu, território que se localizava no vale do Tigre, a noroeste de Aššur e Nínive. O rei assírio justifica o ataque como castigo dos atos perpetrados pelas cidades de Katmuhu, acusando-as de saquearem terras assírias e capturarem os seus habitantes, enquanto vigorava uma paz.

Após este sucesso, os assírios dirigiram-se para as terras dos šubaru, englobando o Monte Kašiiari. Apesar da aliança anti-assíria incluir diversas entidades, como o Alzu, Purulumzu e Amadanu, esta foi incapaz de resistir ao avanço assírio. Com a tomada da capital de Purulumzu e doutras cidades de Alzu e Amadanu, Ehli-Tešub, apercebendo-se da iminência da derrota, decide fugir, com a sua corte, em direção à fronteira com Nairi. Quebrada a liderança, Tukulti-Ninurta aplica o golpe final e derrota o restante do exército inimigo, pilhando as suas cidades.

A submissão dos šubaru trouxe à Assíria importantes ganhos económicos e estratégicos, designadamente o acesso aos depósitos de cobre de Ergani Maden e o controlo das rotas que atravessando o Eufrates se dirigiam à Anatólia Central e do Leste. (Munn-Rankin, 2006: 285)

Até este momento, Tukulti-Ninurta consegue restabelecer a fronteira norte do seu pai, tendo pela frente o país de Nairi, possível foco de destabilização, seja através de raides fronteiriços seja de intrigas com dissidentes. O facto de Ehli-Tešub se ter refugiado no país de Nairi parece reforçar a ideia que este território era favorável à



criação duma base de oposição ao domínio assírio. Acrescem as riquezas económicas naturais, como os depósitos de metais, o gado ou os cavalos.

O envolvimento da terra de Nairi na coligação anti-assíria não está explícita, mas a fuga de Ehli-Tešub para este país e a consequente expedição de Tukulti-Ninurta pode levar a considerar Nairi como mais uma entidade coligada contra a ameaça assíria. Esta expedição levou o rei assírio a aventurar-se em passagens que nenhum outro rei antes dele tinha conhecido, segundo as suas palavras, atravessando montanhas rochosas impassáveis. Nairi localizar-se-ia numa região mais remota dos Zagros, a norte dos šubaru e Mehru, surgindo o topónimo Mar Superior, extremo da extensão do território de Nairi, que foi associado ao Lago Van<sup>31</sup>. A caracterização do exército de Nairi, liderado por 40 reis sugere mais um território composto por diversas cidades ou pequenos reinos associados por laços identitários semelhantes, do que uma entidade unificada naquela região.

Mais uma vez Tukulti-Ninurta enfrenta uma aliança e sai vitorioso das batalhas que trava, capturando os seus adversários, que após um juramento de fidelidade são libertados e autorizados a regressar às suas terras, em contrapartida do pagamento dum tributo. O título ostentado por Tukulti-Ninurta de ‘Rei de todas as terras Nairi’ deve ser visto com cautela, uma vez que um total domínio do território não deverá ter sido possível, mas sim um controlo indireto através de reis vassalos.

Para além da vertente política, em que as expedições militares servem como redução do risco de revolta, reconhece-se a existência duma vertente económica muito importante, pela capacidade de recolha imediata de tributos. A expressão «com a minha força insuperável eu frequentemente atravessei montanhas rochosas» levanta a hipótese que por diversas ocasiões o rei assírio empreendeu campanhas militares, com o objetivo de recolher impostos e tributos, em vez de uma grande campanha vitoriosa.

---

<sup>31</sup> O termo ‘Mar Superior’, que se encontra associado às terras de Nairi na inscrição de Tukulti-Ninurta (Grayson, 1987: 279), geralmente designa o mar Mediterrânico, em sumério ou acádico, no entanto, sabe-se que muito dificilmente o rei assírio terá atingido a costa mediterrânica ou mesmo estado próximo de o conseguir, assim este termo deverá designar o lago Van. Outra interpretação é apresentada por Astour (Astour, 2002: 99-100), que identifica o Mar Superior como o Mar Negro, acrescentando que os assírios não o distinguiram do Mediterrâneo, e dessa forma mantendo o mesmo significado original.

Duistermaat (2007: 26) afirma que apesar das resistências hurritas, influenciadas pelo Hatti, que bordejavam a fronteira norte do Hanigalbat, a zona central deste território permaneceu pacífica e sob forte controlo. Durante este reinado, o Hanigalbat é governado como uma província, através da figura do grande vizir, que apesar de ostentar a designação de 'Rei do Hanigalbat' já não detém a autonomia que tal título geralmente configura.

Paralelamente às várias campanhas militares que Tukulti-Ninurta empreendeu nos anos iniciais do seu reinado, o rei assírio arrancou com um extenso programa de obras, atestado nas inscrições reais, tanto de construção como recuperação de templos ou muralhas. Analisando o conteúdo das inscrições, Harrak (1987: 254) construiu uma cronologia dos trabalhos efetuados ao longo do reinado. Estas obras só foram possíveis, ou pelo menos em grande parte viabilizadas, através dos recursos obtidos durante e em consequência das expedições militares, nomeadamente nos Zagros. A obtenção de matérias-primas raras na Assíria, como atesta o exemplo da madeira do país de Mehru, é componente essencial das campanhas militares, assim como a captura de mão-de-obra, atestada em vários momentos e usada na construção da nova capital, por exemplo.

À guerra do Nairi seguiu-se a grande vitória de Tukulti-Ninurta, a derrota de Kaštiliaš IV<sup>32</sup> da Babilónia e a ocupação deste país pelos assírios. Embora seja um acontecimento estruturante na história assíria do séc. XIII a.C., especialmente pela dimensão simbólica que carrega, as circunstâncias que envolveram o conflito assírio-babilónico não estão totalmente clarificadas.

No momento em que decorria a guerra com o Nairi, o monarca babilónico deve ter pressentido a oportunidade apresentada por dois fatores favoráveis: Tukulti-Ninurta encontrava-se ocupado com o restabelecimento e segurança da fronteira norte da Assíria, e desta forma descurando parcialmente a defesa dum ataque vindo do sul; por outro lado, o Elam, eterno rival da Babilónia, encontrava-se numa mudança dinástica com os problemas que tal situação acarreta, possibilitando um período de tréguas e afrouxamento da pressão sobre os cassitas.

---

<sup>32</sup> Em diante apenas designado Kaštiliaš.

A carga simbólica da vitória que Tukulti-Ninurta conseguiu foi de tal forma valorizada que foi produzido um texto épico onde o rei surge como personagem principal, apresentando uma narrativa dos acontecimentos relacionados com esta guerra<sup>33</sup>. Para além desta epopeia, existem mais duas fontes que nos permitem estudar este acontecimento, as inscrições reais e a Crónica P de origem babilónica.

Devido à diversidade das fontes, o olhar do investigador pode ser mais crítico na sua análise, reconhecendo semelhanças e distinguindo pontos divergentes. Como seria de esperar, tendo em conta que as fontes não têm as mesmas origens, os acontecimentos são descritos de forma diferente. Contudo, a atribuição da iniciativa a Kaštiliaš é comum às fontes. Segundo Garelli (1980: 164), as manobras babilónicas iniciais atacaram e ocuparam Rapiqu, uma antiga possessão babilónica no Eufartes, e Arrapha. A contra ofensiva assíria foi eficiente e conseguiu não só recuperar a posse destas cidades como ainda ocupou parte do país babilónico.

No entanto, esta reação enérgica não estancou a ofensiva inimiga. O confronto bélico só se encaminha para o seu término após a batalha que opôs os dois reis, e que segundo as fontes, resultou na captura do cassita, que aprisionado foi levado para Aššur. Segundo a Crónica P, após o aprisionamento de Kaštiliaš, Tukulti-Ninurta retorna à Babilónia, arrasa as muralhas da cidade e passa os seus habitantes pela espada, pilha a cidade e os seus templos e leva a estátua de Marduk para a capital assíria. Este desfecho dá início ao breve período em que o rei assírio assume o trono babilónio e administra a Babilónia duma forma direta.

A epopeia, por seu turno, duma forma expectável coloca a responsabilidade totalmente do lado babilónico, caracterizando Kaštiliaš como desleal, já que segundo a sua narrativa é o cassita que rompe o tratado de paz com a Assíria. Tukulti-Ninurta defende-se perante Šamaš, apontando a culpa ao seu adversário, pedindo-lhe apoio divino na manobra de contra-ataque que pretende empreender. Os deuses favorecem os assírios, até porque também o cassita os procura, mas estes condenam a sua ação

---

<sup>33</sup> Devido às características que o texto apresenta, existe uma forte probabilidade do texto ter sido ordenado pelo próprio Tukulti-Ninurta. «Sembla ser que aquest poema fou compost contemporàniament o immediatament després dels fets que narra, potser per encàrrec del mateix rei, ja que el ductus dels testimonis i les particularitats del llenguatge són mesoassíries» (Llop Raduà, 2001: 234).

inicial e abandonam-no. Kaštiliaš amedronta-se perante a perspectiva de perda do favor divino, mas Tukulti-Ninurta persegue-o, acusando-o de cobardia e gabando-se de captura de várias cidades babilónicas, até que eventualmente se dá a batalha que ditou a derrota babilónia (Garelli, 1980: 164; Munn-Rankin, 2006: 287).

Para Munn-Rankin (2006: 287), a Epopeia de Tukulti-Ninurta dá a entender que só após a ocupação de parte da Babilónia é que a batalha final se deu, em 1235 a.C., e infere da Crónica P que a cidade da Babilónia, fortemente defendida, continuou a resistir após a derrota de Kaštiliaš ou então ter-se-á revoltado mais tarde contra a submissão à Assíria. Tukulti-Ninurta vê-se então obrigado a empreender uma nova campanha a sul. No seguimento desta ação militar, as restantes cidades da Babilónia são submetidas até ao Golfo Pérsico e inicia-se um processo de deportação da população para a Assíria. É a partir deste momento que Tukulti-Ninurta assume os títulos de ‘Rei de Karduniaš’, ‘Rei de Sumer e Akkad’, ‘Rei de Sippar e Babilónia’ e ‘Rei de Tilmun e Meluha’. Segundo as inscrições reais passaram para o controlo assírio, entre outras cidades, Mari, Hana, Rapiqu e Arrapha, o que permitiu o domínio das rotas comerciais que atravessavam estes territórios.

As narrativas da guerra entre Tukulti-Ninurta e Kaštiliaš são relativamente aproximadas, contudo sobre os acontecimentos que se deram posteriormente à conquista da Babilónia surgem divergências, designadamente no que concerne ao tipo de governação adotada por Tukulti-Ninurta e quanto à sua duração.

Assim, e de acordo com a Crónica P, Tukulti-Ninurta nomeou governadores assírios, estabelecendo assim uma governação direta do país que durou sete anos. Ao fim deste breve período, estalou uma revolta de nobres babilónios que colocaram no trono Adad-šuma-usur, filho de Kaštiliaš.

No entanto, na Lista A de Reis Babilónios o nome de Tukulti-Ninurta não surge enumerado. Entre Kaštiliaš e Adad-šuma-usur aparecem os nomes de Enlil-nadin-šumi e Kadašman-Harbe II, ambos com reinado que duraram apenas um ano e meio, seguidos de Adad-šuma-iddina, rei durante seis anos. Assim, o intervalo aumenta para nove anos, em vez dos sete. Por outro lado, os governadores que a Crónica P refere dificilmente serão designados enquanto reis e a existência dos reinados é atestada por

documentos provenientes de Ur datados pelo ano de ascensão de Kadašman-Harbe e Adad-šuma-iddina (Munn-Rankin, 2006: 288).

Estas evidências levaram os investigadores a considerarem duas explicações possíveis. Ou o período assírio foi omitido pela lista real ou este foi representado pelos três sucessores de Kaštiliaš. A primeira alternativa considera que o rei assírio governa diretamente a Babilónia, com recurso à nomeação de governadores, durante sete anos, de 1234 a 1228 a.C.. Neste último ano, a parte sul do país revolta-se, com Enlil-nadin-šumi à cabeça, incluindo a cidade de Nippur, posse que lhe permitia reconhecimento no cânone real. Mas, os assírios mantêm a posse do norte da Babilónia, incluindo a cidade capital, e só serão expulsos com a revolta de Adad-šuma-usur, terminando o domínio assírio que desta forma durou 16 anos (Munn-Rankin, 2006: 289).

A segunda explicação defende uma governação indireta de Tukulti-Ninurta através de reis vassalos, cujos nomes são os que aparecem na Lista Real. Pode-se assumir, que sendo desta forma, os governadores referidos na Crónica P seriam nomeados com o intuito de supervisionar e controlar o rei babilónico. A discrepância das fontes de sete e nove anos pode ser explicada se a Crónica P considerar os sete anos a partir do momento em que Tukulti-Ninurta toma a cidade de Babilónia.

Por outro lado, podemos também contemplar a possibilidade dos dois reinados estarem sobrepostos, pelo facto do monarca assírio ter reconhecido como vassalo Enlil-nadin-šumi logo a seguir à derrota de Kaštiliaš, continuando a resistir no sul o cassita Kadašman-Harbe, sendo reconhecido em Ur, e quando Enlil-nadin-šumi perdeu uma batalha contra o rei elamita, Kadašman-Harbe aproveita e provoca uma revolta na Babilónia, forçando o regresso de Tukulti-Ninurta para dominar a revolta, o que terá conduzido à conquista das províncias do sul. Adad-šuma-iddina é então colocado no trono (Munn-Rankin, 2006: 289). McIntosh (2005: 94) em linha com esta perspectiva assinala que existindo boas relações entre elamitas e cassitas, Kidin-Hutran III, o rei do Elam, invade a Babilónia sob domínio assírio em 1224 a.C. e captura Nippur, depondo Enlil-nadin-šumi. Mais tarde, o elamita volta a invadir a Babilónia com o intuito de depor mais um rei fantoche protegido pelos assírios.

A vitória sobre a Babilónia foi um acontecimento de extraordinária importância simbólica, no entanto, os recursos empregues não só na conquista, mas principalmente na manutenção devem ter esgotado as forças assírias. As matérias-primas não se encontravam em abundância nos territórios babilónicos, desequilibrando assim a balança dos proveitos e perdas (Bryce, 2005: 319).

No seguimento desta ideia, a alteração da política assíria de alargamento territorial e recolha de recursos terá constituído um fator de grande importância no decurso da segunda metade do reinado de Tukulti-Ninurta. Seguindo-se à conquista da Babilónia, na Assíria parece ter-se dado início a um processo de declínio, hipoteticamente devido à exaustão dos recursos. A manutenção da Babilónia acaba por se provar insustentável e noutras frentes é possível que Tukulti-Ninurta tenha enfrentado alguns reveses. Seja qual for a duração do domínio assírio da Babilónia, Tukulti-Ninurta permaneceu ainda vários anos no trono, o que leva a questionar se a perda da Babilónia teve, ou não, um impacto significativo no decorrer do resto do seu reinado.

À medida que as várias campanhas militares assírias iam correndo de feição, a postura do Hatti foi tornando-se cada vez mais cautelosa e apreensiva. Inicialmente, Tukulti-Ninurta recebeu a carta habitual após a sua ascensão ao trono. Artzi (1997: 4) refere que o objetivo do processo de reconhecimento internacional iniciado por Aššur-uballit é finalmente conseguido com Tukulti-Ninurta, no que se refere ao Hatti. O tratamento dado pelo rei hitita de LUGAL.GAL (Grande Rei) contrasta com os dos seus antecessores LUGAL.TUR (Pequeno Rei).

Ao contrário do que tinham sido as relações diplomáticas entre hititas e assírios, Tudhaliya IV procura apresentar um tom cordial, encorajando o novo rei a manter as fronteiras que o seu pai tinha estabelecido e disponibilizando-se para oferecer assistência contra revoltosos. Simultaneamente, envia cartas a dois oficiais, garantindo a pretensão de manter boas relações com Tukulti-Ninurta, contudo, sabendo da intenção deste em atacar Paphu, avisa os conselheiros dos perigos que advinham de tal expedição. Podemos vislumbrar uma ameaça velada por parte do hitita, que mantinha interesse nas terras de Paphu e outras dos šubaru (Bryce, 2005: 314-315; Freu, 2003: 105).

Tukulti-Ninurta não deu importância ao aviso, avançou para Paphu, e nalgumas inscrições reais, aparentemente mais tardias, afirma mesmo que atravessou o Eufrates para território hitita e capturou 28.800 súbditos hititas. Este episódio é descrito nas inscrições como tendo ocorrido no início do reinado, no entanto, são muitas as dúvidas que se levantam perante tal afirmação. Em primeiro lugar, estranha-se que a propaganda da captura dos hititas apenas surja em inscrições que podem ser datadas mais tardiamente no reinado de Tukulti-Ninurta. Só após a conquista da Babilónia, Tukulti-Ninurta celebra este acontecimento, certamente de forma exagerada, concorrendo para o facto o simbolismo desta vitória, como já foi referido.

A existência duma carta entre Ugarit e o rei hitita, autorizando o primeiro a não enviar exércitos num conflito com a Assíria, permitindo que a cidade compensasse pecuniariamente a falta de prestação de ajuda militar, parece indiciar um estado de guerra entre hititas e assírios. No entanto, tal permissão só é razoável que tenha sido atribuída se a escala do conflito for muito localizada. Se for estabelecida a relação entre a carta e o episódio descrito por Tukulti-Ninurta, então é possível considerar que tal acontecimento não terá passado duma escaramuça fronteiriça, sem importância significativa. Acrescentando mais um dado a esta questão, foi descoberta uma carta enviada pelo rei assírio à corte hitita que num tom defensivo refuta uma acusação de pilhagem na fronteira hitita (Bryce, 2005: 315; Freu, 2003: 106).

Apesar da crescente tensão entre as duas cortes, Tudhaliya IV manteve-se fiel à sua política de cordialidade e não abriu hostilidades contra os assírios, mesmo nos momentos mais críticos em que a ameaça assíria pairava sobre Karkemiš e a Síria. Não quer isto dizer que o hitita mantinha uma postura passiva frente às manobras do seu rival, mas antes optou por enveredar por uma via alternativa, realizando um bloqueio comercial à Assíria. Um exemplo desta política de isolamento comercial encontra-se concretizado no tratado entre Tudhaliya IV e Šaušgamuwa de Amurru<sup>34</sup>, proibindo o comércio com os mercadores vindos da Assíria, inclusivamente colocando a hipótese de captura dos mercadores assírios e conseqüente guerra. Não podemos avaliar rigorosamente o efeito deste bloqueio comercial com a Assíria, mas certamente que

---

<sup>34</sup> A referência ao rei da Babilónia como igual, aponta para que possamos datar este documento antes da derrota de Kaštiliaš.

tal medida afetava parcialmente os rendimentos da Assíria. A opção pelo bloqueio económico, em alternativa a uma ação militar direta como retaliação, pode explicar-se tendo em conta que também os hititas estavam a focar as suas energias no conflito com Arzawa, na Anatólia Ocidental (Bryce, 2005: 315; Freu, 2003: 107-108; Garelli, 1980: 150).

Bryce (2005: 316-317) observa que a paz entre as duas cortes tremeu após o avanço assírio sobre Šubaru, entrando em choque com os interesses hititas de estabilidade na região, uma vez que esta configurava-se como uma espécie de estado-tampão entre as duas potências. Tendo em conta que uma vez submetidos os territórios de Šubaru seria a região siro-hitita que se perfilava como próximo passo no progresso para oeste. A ameaça que representava o país de Nairi para Tukulti-Ninurta foi uma oportunidade que Tudhaliya IV não deixou de aproveitar. Segundo uma carta enviada ao rei de Ugarit por Tukulti-Ninurta, os hititas fortificaram Nihryia e o monarca assírio apresenta um ultimato. Apesar desta reação firme, Tudhaliya IV não recuou e o assírio não quis forçar uma guerra com os hititas. Vendo que as forças inimigas retiraram para Surra, estando a braços com a resistência dos príncipes de Nairi, o hitita ordenou o avanço das suas tropas contra os assírios. Tukulti-Ninurta conta ao rei de Ugarit que após ter sido avisado por um fugitivo hitita, consegue rapidamente preparar-se para a batalha de que sai vencedor.

A carta enviada para Ugarit pode ser vista como a tentativa assíria de aliciar este reino para o seu lado, preparando uma invasão às possessões hititas na Síria. Neste quadro, com a derrota dos hititas em Nihryia, a conquista de Šubaru e a submissão de Nairi, Tukulti-Ninurta parecia ter o caminho aberto para empreender uma grande campanha para além do Eufrates. Todavia, a ameaça assíria aos territórios hititas nunca se concretizou numa guerra aberta, talvez devido à exaustão dos recursos disponíveis aos Assírios, após campanhas militares contínuas e à iniciativa de Kaštiliaš que alterou o foco da expansão de oeste para sul.

Após uma primeira parte do reinado de Tukulti-Ninurta recheada de informações, com diversas descrições de campanhas militares vitoriosas e início dum ambicioso programa de obras que culmina na fundação da nova capital, segue-se um segundo momento cujas informações rareiam. Como foi afirmado acima, a Assíria



pode ter enfrentado uma situação de desequilíbrio económico resultante da exaustão dos recursos angariados. Sem mais campanhas militares de monta que tenham sido bem-sucedidas, pelo menos avaliando pelo facto que deixam de ser descritas novas campanhas em inscrições reais, os assírios deixam de poder contar com a dinâmica que lhes permitiu tantos sucessos anos antes. Como efeito desta situação de crise, adivinha-se como provável o mergulhar num clima de instabilidade interna.

Mas se realmente se instalou na Assíria um clima de instabilidade, as evidências não apontam para uma perda generalizada de território. À restauração da independência babilónica seguiu-se a secessão dos pequenos reinos de Sikkuri e Sappani, nas regiões montanhosas orientais. Possivelmente houve uma tentativa dos hititas de recuperar a posse dos territórios do Alto Tigre, liderados por Suppiluliuma II. A ausência de registos desta hipotética guerra indicia uma derrota, que no entanto não foi decisiva ou total (Bryce, 2005: 319; Garelli, 1980: 149; Munn-Rankin, 2006: 293).

Os últimos anos terão sido de declínio da capacidade militar e política de Tukulti-Ninurta, que enfrentou uma oposição interna, culminando no seu assassinato. Vários motivos são avançados para tão drástico desfecho, sendo o mais importante a esperança que a sorte da Assíria se alterasse com a liderança dum rei mais jovem. Provavelmente são várias as causas que levaram à crescente oposição interna. Adivinha-se que o ritmo inicial de expansão e sucessos militares tiveram um custo gravoso nos anos seguintes. Uma sobrecarga de impostos destinada a colmatar o aumento das despesas poderá ter ocorrido, aumentando o descontentamento geral. O bloqueio comercial promovido pelos hititas aumenta a escassez de materiais e a revolta de territórios nas regiões montanhosas dos Zagros dificultam ainda mais o acesso a metais (Bryce, 2005: 319).

A fundação de uma nova capital, Kar-Tukulti-Ninurta, no margem oposta do Tigre, nos arredores de Aššur, poderá ter servido para alimentar o ego e afirmação da importância do monarca assírio, mas aumentou a necessidade de recursos que foram desviados para a construção monumental. Observa-se, no entanto, que a utilização de mão-de-obra proveniente da deslocação de populações de territórios conquistados poderá ter atenuado os custos, pese o facto de aumentar as necessidades alimentares

concentradas na região (Munn-Rankin, 2006: 293).<sup>35</sup> Um outro problema político foi colocado pela aparente ascensão de oficiais cassitas, assim como uma maior influência do culto de Marduk. Tukulti-Ninurta poderá ter-se apoiado crescentemente em elementos babilónicos na tentativa de enfraquecer a oposição que lhe era movida pelos grupos sociais assírios, não apenas do ponto de vista da relação com as elites religiosas, mas também na administração, como é o caso de epónimos que ostentam nomes de origem cassita.

Após a deposição e assassinato de Tukulti-Ninurta, perpetrado pelo seu filho Aššur-nasir-apli e pelos nobres assírios, poder-se-ia pensar que a Assíria recuperaria o seu anterior poderio, mas a incapacidade de inverter a dinâmica de declínio marcou os reinados seguintes. Só um século mais tarde, com Tiglath-Pileser I no comando da Assíria, esta recupera o estatuto e glória na região do Próximo Oriente.

### **III.2 As fontes arqueológicas e a sua especificidade**

Para além de fontes escritas, nas suas diversas formas, já apresentadas acima, um precioso contributo é oferecido pelas fontes arqueológicas. Com um carácter diferente, os materiais arqueológicos recuperados através do uso de técnicas de prospeção e escavação permitem ao investigador aproximar-se da realidade quotidiana das populações.

Os estudos baseados em métodos arqueológicos fornecem fundamentalmente dois tipos de artefactos. Por um lado, a cultura material de determinada civilização, que pode ser dividida em diversas tipologias, como por exemplo: objetos de uso quotidiano doméstico (cerâmicas comuns, determinados materiais líticos, de osso e metal); objetos de luxo (cerâmica fina, metais, osso); armas (seja em metal, osso ou

---

<sup>35</sup> Claramente, existem outras motivações mais pragmáticas na decisão de construir uma nova capital. Wiseman coloca a hipótese da localização da nova capital, na margem oposta de Aššur, se dever à vontade de escapar ao perigo de cheias do Tigre, que durante o epónimo de Eriba-Sin destruiu 600 acres de campos de cultivo (Wiseman, 2006: 450). Na mesma ordem de ideias, Harmasanh (2012: 65) refere que as principais causas para o estabelecimento duma nova capital prendem-se com questões ambientais. Relaciona assim um crescimento demográfico na margem oposta a Aššur, com a fundação de Kar-Tukulti-Ninurta e com um processo colonizador para leste que dura ao longo da Idade do Ferro. Politicamente, também se pode referir que a existência duma oposição interna, nas elites assírias, pode ter levado Tukulti-Ninurta a deslocar o seu centro de poder, para fora de Aššur, com a intenção de atenuar os efeitos dessa mesma oposição política.

pedra); etc. Por outro, os vestígios arquitetónicos de diversas estruturas funcionais, como de habitação, de carácter religioso, militar, administrativo ou até económico.

As próprias fontes escritas provêm em grande medida de escavações arqueológicas e são, dessa forma, estudadas enquanto artefactos arqueológicos. No entanto, a dimensão resultante do texto escrito sobrepõem-se à mera classificação material. Esta dimensão que o texto nos permite explorar, tem sido determinante na forma como a historiografia tem abordado o que geralmente se entende por período histórico, por oposição à Pré-história, isto é, a evolução histórica da humanidade até ao momento em que o texto começou a ser registado através da escrita e, dessa forma, passível de ser estudado pelos historiadores.

Este panorama de maior dependência das fontes escritas para a reconstrução da narrativa histórica tem-se vindo a alterar, muito devido ao próprio desenvolvimento das técnicas aplicadas pelos arqueólogos, assim como à multiplicação de esforços e recursos canalizados não só para a escavação de sítios emblemáticos, mas também para programas de prospeção regionais e posterior escavação de sítios identificados.

Para o período em estudo na presente dissertação, a publicação recente da síntese do contributo da arqueologia para a investigação da expansão meso-assíria por Aline Tenu, baseada na sua tese de doutoramento, como foi referido na Introdução, reveste-se duma grande importância, na medida em que funciona como uma sistematização exaustiva da informação que a autora recolheu sobre os diversos sítios arqueológicos que oferecem vestígios da presença meso-assíria, presente em dezenas de publicações dispersas de notícias e relatórios de escavação.

As informações fornecidas por esta publicação revestem-se de grande utilidade para a presente dissertação, uma vez que permitiram a elaboração dum quadro-síntese, que cruzando as diversas informações apresentadas na obra, relacionam os dados arqueológicos com o reinado de Tukulti-Ninurta (ver em Anexo I).

Apesar do avanço científico que a obra de A. Tenu deu, especialmente do ponto de vista da criação duma ferramenta de investigação ao dispor da comunidade académica, este estudo apresenta também algumas limitações a serem tidas em conta, nomeadamente no que concerne à presente dissertação.



**Figura 1 – Topónimos modernos dos sítios arqueológicos**

Em primeiro lugar, a pesquisa bibliográfica, embora exaustiva, não é de todo homogênea. A bibliografia que cada projeto arqueológico produziu e publicou não reflete de maneira alguma aqueles que foram os resultados práticos da escavação. Isto é, a dimensão dum sítio não é proporcional aos dados publicados e assim disponíveis ao estudo da comunidade científica. Casos como Tell Sabi Abyad, sítio relativamente pequeno em dimensão, mas cujos arqueólogos responsáveis foram proficientes na publicação de notícias e relatórios de escavação à medida que esta avançava, chocam com a falta de bibliografia de um sítio como Tell Jikan, cujos relatórios preliminares são a única fonte de informação.

À variabilidade da proporção entre trabalho de campo efetuado e bibliografia publicada, junta-se uma outra condicionante de carácter mais definitivo. A evolução dos métodos e técnicas arqueológicas levaram a melhorias significativas na qualidade e quantidade de materiais passíveis de serem estudados. Contudo, isto significa que os trabalhos efetuados, por exemplo, no início do séc. XX fornecem dados menos precisos, estando condicionados aos critérios da relevância dos materiais encontrados próprios daquele tempo. Uma vez que o trabalho arqueológico implica na sua essência a destruição das camadas estratigráficas, a reinterpretação dos sítios arqueológicos torna-se extremamente difícil nos setores já intervencionados, limitando qualquer análise segundo critérios atuais de trabalhos efetuados há cerca de 100 anos.

Uma observação menos atenta da dispersão e/ou concentração dos sítios arqueológicos corre o risco de ficar enviesada, se não se tiver em conta a realidade do trabalho arqueológico, no sentido em que se na primeira metade do séc. XX as escavações focaram sítios importantes, com carga simbólica, como Aššur ou Nínive, nas últimas décadas surgiram as prospeções sistemáticas e os trabalhos de salvamento arqueológico devido à construção de barragens.

Por fim, outra questão que se pode colocar aquando do estudo de informação proveniente de trabalhos arqueológicos relaciona-se mais diretamente com o tipo de dados que podem ser obtidos. Tal como existem limites e condicionantes aos resultados que um investigador pode esperar conseguir da análise a uma fonte escrita, o mesmo sucedendo no estudo de fontes arqueológicas.

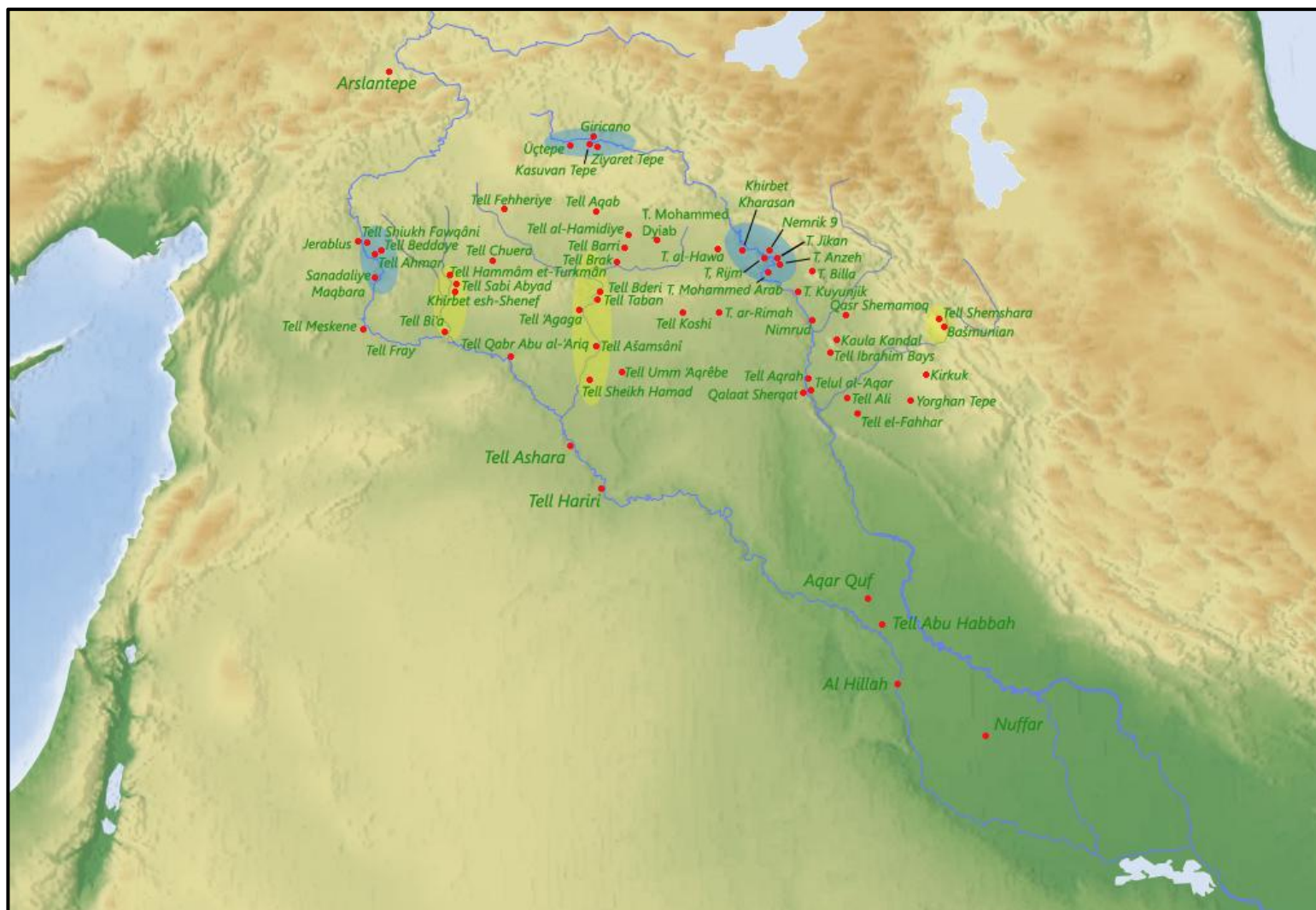


Figura 2 - Zonas de Prospeções (a amarelo) e de Salvamento (a azul)

Os dois maiores fatores a ter em conta para o presente estudo relacionam-se com a formação natural de camadas estratigráficas e a produção de artefactos por determinada comunidade. Primeiramente, o processo de estratificação implica uma sedimentação a ritmos variáveis, mas raramente permite a identificação de momentos específicos no tempo. Mesmo que numa determinada camada surja uma tabuinha cujo texto cuneiforme seja perfeitamente legível e uma cronologia seja determinada (através, por exemplo, da referência a um determinado epónimo), a cronologia dessa camada poderá ainda assim comportar um intervalo de tempo de dezenas de anos ou mesmo de mais dum século. Uma das mais evidentes exceções a este facto é o caso das camadas que registam um momento de destruição súbita, tal como as finas camadas com grande concentração de carvões, reveladores dum incêndio de grandes proporções que se deu no momento em que determinada cidade foi tomada de assalto e incendiada, ou o caso excepcional de Pompeia.

Em segundo lugar, os artefactos recolhidos são reflexos duma cultura material de determinada comunidade que em dado momento habitou ou passou por aquele sítio arqueológico. No entanto, pelo seu estudo é difícil interpretar, pelo menos duma forma clara, determinados níveis de relações de carácter virtual ou simbólico, se estas não tiverem uma expressão física. Como exemplo ilustrativo tome-se o caso dos povos dos Zagros e a sua submissão a Tukulti-Ninurta, documentada nas fontes escritas. O exercício de domínio assírio e a integração destas comunidades numa Assíria “alargada” não está refletida nos vestígios arqueológicos uma vez que não houve uma alteração na tipologia dos materiais, embora politicamente os soberanos destas comunidades reconhecessem o rei assírio como senhor. Outro caso que se pode destacar é o das populações nómadas que pelo seu carácter de permanente mobilidade deixam muito poucos vestígios materiais, sendo por isso quase “invisíveis” na abordagem arqueológica.

A publicação da obra de P. Pfälzner<sup>36</sup>, uma síntese sobre a cerâmica mitaniana e meso-assíria, tem-se revelado fundamental para o estudo dos sítios arqueológicos, designadamente na definição da cerâmica administrativa assíria e horizontes

---

<sup>36</sup> Peter Pfälzner (1995), *Mittanische und mittelassyrische Keramik: Eine chronologische, funktionale und produktionökonomische Analyse*.

cronológicos, suprimindo parcialmente a lacuna de estudos de cerâmica meso-assíria e disponibilizando uma nova ferramenta na interpretação dos sítios arqueológicos.

Embora reconhecendo as limitações enunciadas, o valor do contributo da arqueologia é determinante para o alargamento e aprofundamento do conhecimento sobre o período meso-assírio. A combinação das várias perspectivas, arqueológica, histórica e epigráfica, configura-se como a solução mais abrangente e vantajosa para potencializar o conhecimento histórico. Um dos objetivos presentes nos trabalhos de investigação, tanto de arqueólogos, como de historiadores, cujo cruzamento de dados é evidente, é a identificação de sítios arqueológicos com os topónimos antigos que são reconhecidos nas fontes escritas. Este é um trabalho em desenvolvimento constante, acarretando muitas incertezas e cautelas. Já vários autores procuraram representar graficamente a localização das antigas cidades meso-assírias e outras suas contemporâneas, mas como se pode verificar pela Figura 3 comparando-a com a Figura 1, neste domínio o nosso conhecimento permanece indesejavelmente escasso.



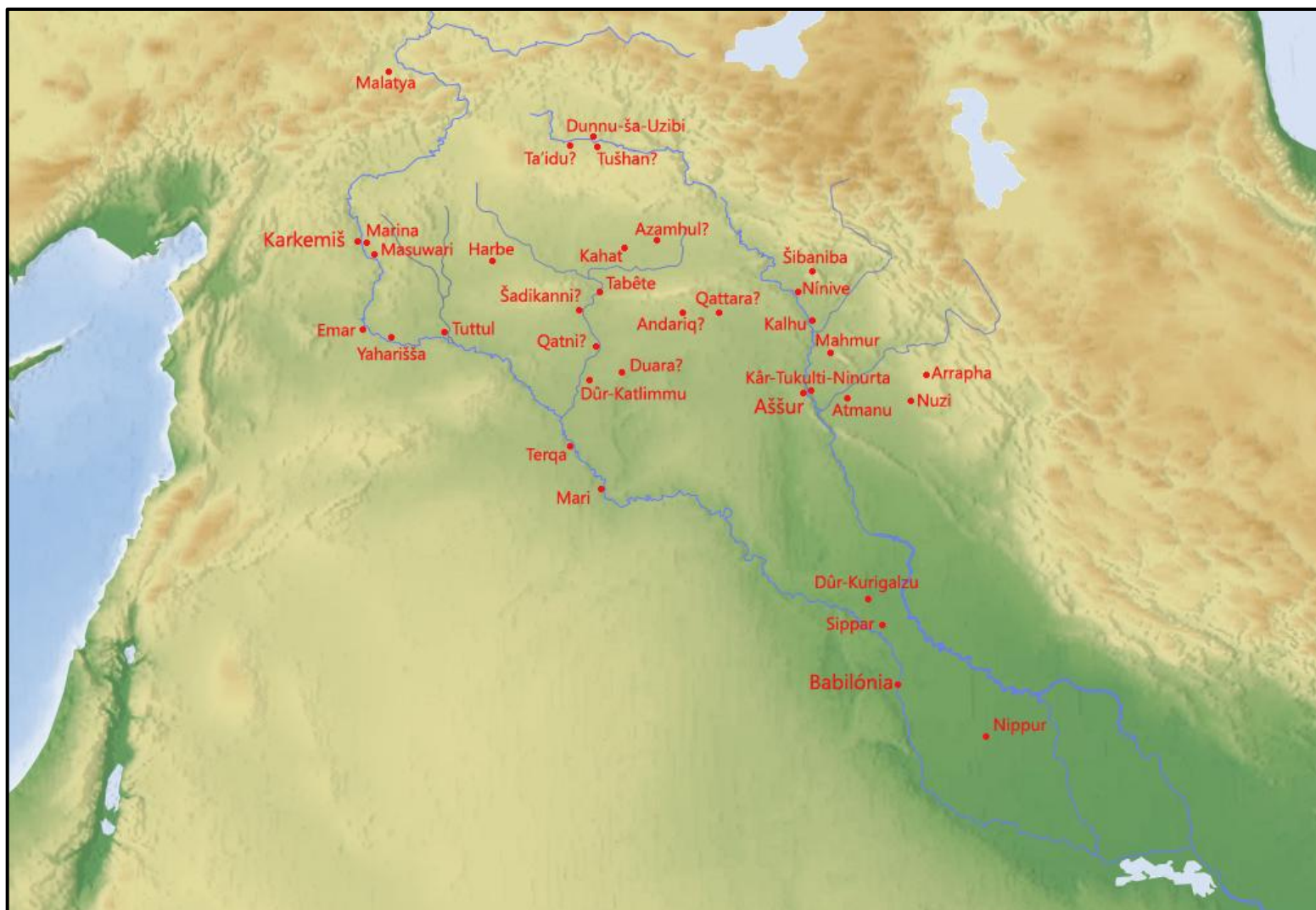


Figura 3 – Topónimos antigos conhecidos ou cuja identificação é provável

### III.3 Regiões meso-assírias no reinado de Tukulti-Ninurta I

O cruzamento de informações de base arqueológica com as fontes escritas revela-se, como já foi referido anteriormente, de grande importância neste estudo. Adicionar a dimensão arqueológica acrescenta novos dados que os textos omitem, embora se reconheça a devida cautela, necessária para reduzir a margem de erro na interpretação dos resultados.

Para uma melhor compreensão destes dados e do seu cruzamento com a historiografia, estes são apresentados segundo uma estrutura que privilegia a delimitação geográfica. Com esta divisão regional procura-se concretizar numa forma organizada a relação espaço-tempo, assim como distinguir realidades diferentes, cujas diferenças correm o risco de tornar-se mais difusas num discurso narrativo contínuo.

As delimitações aqui apresentadas seguem parcialmente a divisão que Aline Tenu (2009) desenhou, justificado pelo facto de se conseguir observar etapas que coincidem com a evolução da expansão assíria, assim como definir regiões que são tratadas historiograficamente numa forma específica. Assim, surgem as seguintes regiões: Triângulo Assírio; o Tigre Oriental; o Alto Tigre; a Djazira; o Baixo Habur; Karduniaš; o Médio Eufrates; o Balih; e o Alto Eufrates. A estas nove regiões juntam-se a Planície Desértica e os Zagros, que não estando incluídas na tese de Tenu<sup>37</sup> não deixam de constituir regiões onde as fontes escritas referem a existência de atividade por parte de Tukulti-Ninurta.

---

<sup>37</sup> A autora não deixa de fazer referência a estas zonas geográficas, mas devido à ausência de dados arqueológicos, que são o seu objeto de estudo, não foi dado um destaque semelhante ao dado a outras regiões.

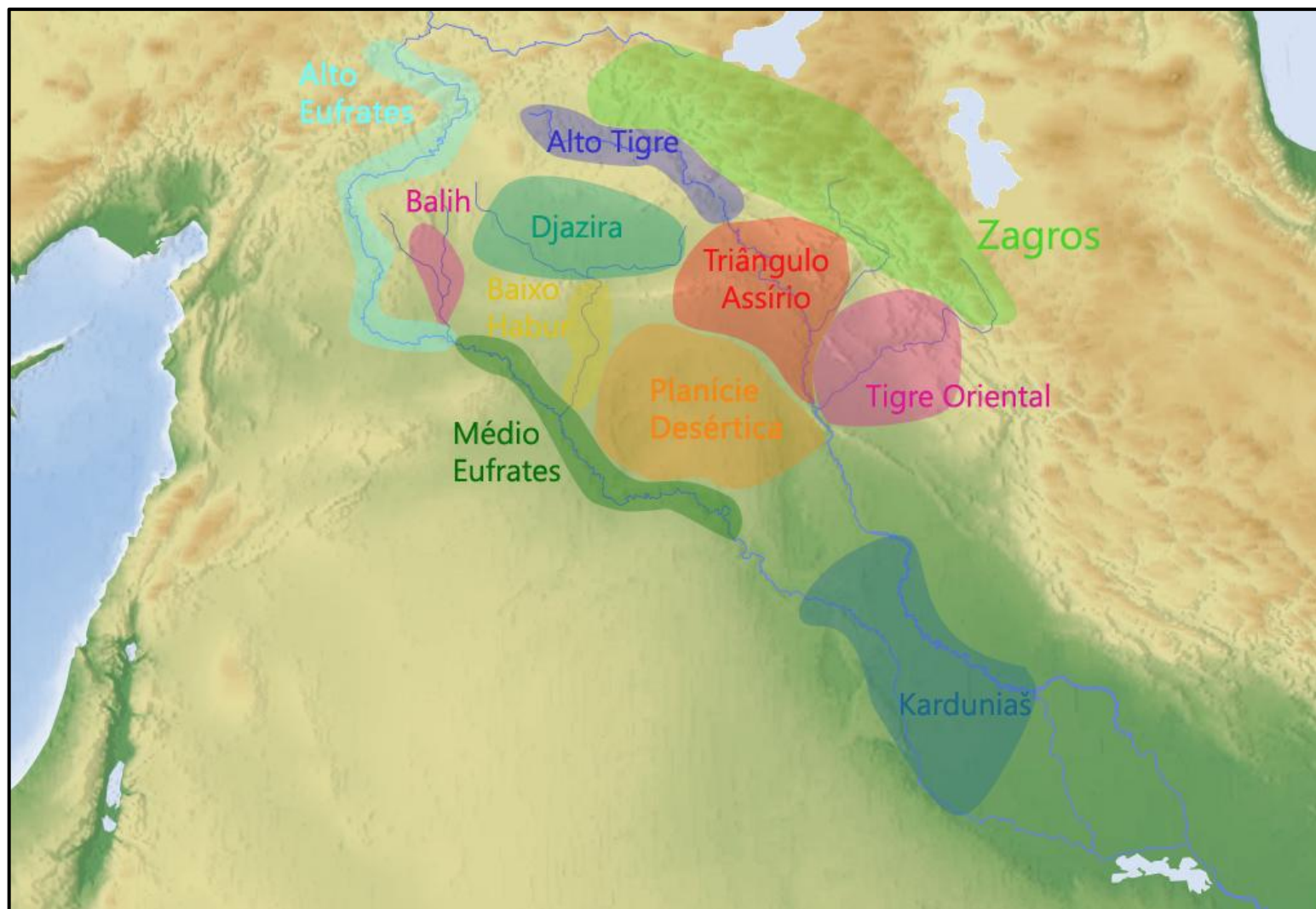


Figura 4 – Regiões de Expansão de Tukulti-Ninurta

### *III.3.1 O Triângulo Assírio*

Como foi referido anteriormente, o primeiro passo dos reis meso-assírios foi a consolidação do território próximo de Aššur, o denominado Coração da Assíria. No conjunto de cidades cujo território compunham a Terra da Aššur (*mat aššur*) encontra-se a capital Aššur, e mais tarde Kar-Tukulti-Ninurta, Kalhu e Nínive, entre outras.

A afirmação do domínio do rei assírio neste território permitiu criar uma base sólida onde as expedições versus o Este e o Nordeste eram lançadas. As populações dos Zagros, sempre conflituosas e adversas ao controlo assírio, estavam assim ao alcance do exército assírio que, ainda assim, detinha a planície. A tomada de Nínive e do seu território reveste-se de alguma importância estratégica, uma vez que a sua localização na margem oriental do Tigre torna-a num importante ponto de apoio. Já a capital Aššur, localizada na margem ocidental, estaria mais protegida de ataques vindos do Este, mas igualmente teria a sua capacidade operacional mais reduzida.

Tukulti-Ninurta, pelo que é possível observar das fontes escritas, terá iniciado o seu reinado precisamente a combater os povos dos Zagros, restabelecendo a soberania sobre populações como os qutu e os uqumanu.

Também a planície que se estende a ocidente de Aššur e Nínive engloba-se nesta região destacando-se os sítios de Tell ar-Rimah e Tell Koshi, provavelmente identificados com as cidades antigas de Qattara e Andariq, respetivamente.

A maioria dos sítios tem uma pré-ocupação mitaniana atestada, especialmente se excluirmos a cidade de Aššur e as duas cidades fundadas por Tukulti-Ninurta e o seu pai, Kar-Tukulti-Ninurta e Kalhu, respetivamente. Esta preexistência arqueologicamente comprovada coincide com as fontes escritas e a inversão no domínio territorial que foi apresentada anteriormente, designadamente a independência de Aššur (na forma de cidade-estado) e a conquista de Nínive, sob domínio mitaniano, e os seus territórios dependentes.

### *III.3.2 Tigre Oriental*

A região do Tigre Oriental engloba geograficamente toda a zona que se encontra a leste do rio Tigre, seguindo nomeadamente o rio Zab Inferior até à planície

de Rania. Arqueologicamente, estão incluídos nesta delimitação diversos sítios, designadamente: Qasr Shemamoq, Kaula Kandal, Tell Ibrahim Bays, Tell Ali, Tell el-Fahar, Yorghhan Tepe, Kirkuk, Bašmunian e Tell Shemshara. Destes, quatro foram identificados com nomes de cidades antigas: Arrapha (em Kirkuk); Nuzi (em Yorghhan Tepe); Atmanu (em Tell Ali); e Mahmur (em Tell Ibrahim Bays).

Duas cidades destacam-se então: Nuzi e Arrapha. Nuzi é conhecida pelo grande número de arquivos descobertos e pela sua cerâmica que encontra paralelos em diversos sítios. Com Nuzi, Arrapha constituía um reino subordinado ao Império Mitânico durante os séc. XV e XIV a.C., cuja prosperidade é atestada pelas milhares de tabuinhas encontradas.

Esta prosperidade foi, no entanto, posta em causa com conflitos externos, que culminaram na destruição de Nuzi, atestada arqueologicamente e inferida pelo cessar de tabuinhas datadas posteriormente ao reinado de Aššur-uballit.<sup>38</sup> Os agentes desta destruição não são certos. A tentação de apontar o enérgico rei assírio é grande, mas não está descartada a hipótese que a cidade tenha sido atacada pelos babilónios. Sabemos, pela documentação que o reino de Arrapha enfrentava não uma, mas duas frentes, sendo referidas razias perpetradas pelos assírios vindos de ocidente e por babilónios do sul (Lion, 1995 apud Tenu, 2009: 169).

Apesar da destruição, existem indicações, ainda que pouco precisas, de uma reocupação do sítio, não sendo certo se este acontecimento terá tido lugar ainda durante o período meso-assírio ou posteriormente. Para Bryce (2009: 67) o reino de Arrapha caiu sob domínio assírio, após a queda do Mitanni. Posteriormente, os cassitas conseguem conquistar este território, que só regressa a mãos assírias após a tomada da Babilónia por Tukulti-Ninurta, que o autor data de 1235 a.C. A tomada do reino de Arrapha e uma consequente ocupação parece provável, contudo os testemunhos arqueológicos ainda não permitem a confirmação.

Outro sítio que cujo destino aparentemente é semelhante a de Nuzi é Tell el-Fahhar, que apresenta uma camada de destruição que cobre o nível II, idêntico ao nível II de Nuzi, tal como em Yorghhan Tepe. A identificação deste povoamento ainda é

---

<sup>38</sup> Diana Stein atribui o fim do nível II de Nuzi, que representa o período mitânico, à baliza cronológica entre 1350 e 1330 a.C. (Stein, 1989)

incerta, apesar das várias hipóteses já avançadas. Assim, e até que sejam apresentados novos dados, Tell el-Fahhar apresenta-se como mais uma cidade dependente do reino de Arrapha, que sucumbiu aos conflitos armados. Infelizmente não existem datações aproximadas, como em Yorgan Tepe, mas a proximidade geográfica destes sítios e similitude do registo estratigráfico reforçam esta ideia.

A sul do Zab Inferior, localizado na provável rota entre Aššur e Arrapha, existe o sítio de Tell Ali, identificado pela descoberta de tabuinhas como a antiga cidade de Atmanu. Os textos não foram publicados, mas Ismail Sabir data-os dos reinados de Salmanasar e Tukulti-Ninurta (apud Tenu, 2009: 167). Sabendo que a composição da população é heterogénea, existindo nomes assírios e hurritas, e dada a proximidade com Arrapha, constitui-se provável a fundação da cidade no tempo mitaniano, apesar das limitadas intervenções arqueológicas não reforçarem esta ideia.

Um pouco mais a norte dos sítios referidos nos parágrafos anteriores, entre os dois Zab, surgem três povoamentos cujos vestígios apontam para uma provável, embora não indubitável, ocupação meso-assíria.

Finalmente, na planície de Rania, no seguimento de escavações de emergência decorrentes da construção duma barragem, existem dois sítios, atualmente submersos, que indiciam ocupação meso-assíria, embora apenas tenuemente atestada. Por um lado, Bašmunian onde foram recuperadas formas cerâmicas que apontam para uma cronologia larga que atravessa do II ao I milénio a.C., não havendo uma confirmação segura de ocupação meso-assíria. E por outro, Tell Shemshara que foi reconhecida por Lassae (apud Tenu, 2009: 171) como a antiga Alaia<sup>39</sup>, topónimo presente numa inscrição real de Tukulti-Ninurta<sup>40</sup>, mas que apenas apresenta um corpo pouco significativo de cerâmica passível de ser identificada como meso-assíria.

Esta região caracteriza-se essencialmente pela localização do reino de Arrapha que com a queda do Mitanni fica numa posição muito fragilizada, que conduziu à sua destruição às mãos de assírios e babilónios. Assim, este território, a partir de Aššur-uballit torna-se uma zona de forte disputa entre estas duas potências, provavelmente

---

<sup>39</sup> Esta associação toponímica é contestada, uma vez que existe uma enumeração contemporânea de topónimos relacionados com o Taurus, onde surge Alaia.

<sup>40</sup> A.O.78.23 (Grayson, 1987: 271-274).

não estando estabilizado até ao reinado de Tukulti-Ninurta, que com a vitória sobre Kaštiliaš terá assegurado o controlo da região.

### *III.3.3 Djazira*

A região da Djazira apresenta alguns dos sítios melhor estudados do período meso-assírio, como são exemplos Tell Chuera ou Tell Brak. Rica do ponto de vista agrícola, a região fica acima da linha de pluviosidade média de 200 mm, que permite o cultivo sem recurso a rega, para além de estar enquadrada por diversos rios afluentes do Habur, por vezes designada como o triângulo do Habur. A norte encontram-se os famosos montes Kašiari que surgem em numerosas inscrições reais. Esta região seria o coração do Hanigalbat, com cidades ricas e importantes como Harbe e Kahat.

A cidade de Harbe, identificada com o sítio de Tell Chuera, foi ocupada no período mitaniano e posteriormente conquistada pelos assírios. Foi a descoberta dum arquivo de dezenas de cartas e textos administrativos que permitiram esta identificação do topónimo e reconhecer a importância do sítio enquanto sede de governador (Kühne, 1995). Por outro lado, os próprios vestígios arquitetónicos escavados dão conta da importância da cidade muralhada, com cidadela, palácio e vários templos. Os materiais cerâmicos comprovam a ocupação mitaniana seguida da meso-assíria, que se terá iniciado antes do reinado de Tukulti-Ninurta como comprova a descoberta, no estrato meso-assírio mais antigo, duma tabuinha anterior a este rei.

A norte de Harbe surge o sítio de Tell Fehheriye, onde foram descobertos vestígios mitanianos e assírios. Este sítio foi apontado como a localização da capital mitaniana Waššukkanni, devido à descoberta duma inscrição do I milénio a.C. onde aparece o topónimo Šikanu. No entanto, a dimensão observável dos vestígios do período mitaniano não se coaduna com a dimensão duma capital, para além de que em análises efetuadas à argila das cartas de Tušratta a composição química desta difere da argila deste local (Bryce, 2009: 243). As camadas meso-assírias apresentaram selos e tabuinhas de escrita cuneiforme assíria, confirmando a passagem da cidade para o domínio assírio. O estudo epigráfico reconheceu epónimos de Salmanasar e Tukulti-Ninurta.

Para além destes dois locais, contam-se três sítios muito próximos: Tell Brak, Tell Barri e Tell al-Hamidiye. Destes, um dos sítios foi já identificado como Kahat (Tell Barri). Este topónimo surge nas inscrições reais de Adad-nirari, como sendo uma das cidades conquistadas por este rei, aquando da revolta de Wasasatta, não surgindo referências nos reinados posteriores (Bryce, 2009: 361). A transição entre o nível mitaniano e o nível meso-assírio sugere uma passagem suave, sem hiatos. No entanto, os vestígios arqueológicos recuperados levam à ideia de que a cidade foi perdendo importância. Tenu acrescenta que o desaparecimento de Kahat das fontes escritas ou a inexistência de referências à cidade como sede de província comprova a perda de importância no séc. XIII a.C. (Tenu, 2009: 101).

Tell Brak localiza-se muito próximo de Kahat na margem norte do Habur, num ponto estratégico importante de intensas rotas comerciais. Nos trabalhos arqueológicos deu-se muita importância aos níveis mitanianos, designadamente perante os vestígios arquitetónicos de templos e um grande palácio-fortaleza, que apresentam um nível de fogo. A equipa de arqueólogos enviou para análise amostras deste nível, que resultaram na datação do acontecimento de destruição em 1293 a.C. (+/- 37 anos). O estudo das cerâmicas de tipologias meso-assírias levaram Pfälzner a avançar com a ideia que o sítio ficou abandonado durante um longo período de tempo, já que a cerâmica aponta para tipologias do reinado de Tiglath-Pileser I, isto é, c. de 200 anos depois (Pfälzner, 1995 apud Tenu, 2009: 107). A equipa de arqueólogos que escavou o sítio contrapõe que a presença tardia de formas meso-assírias relaciona-se mais com a manutenção de formas tradicionais mitanianas do que com um abandono prolongado do povoado. Mesmo com a descoberta de tabuinhas em 1986, a identificação deste sítio permanece em dúvida. Os textos referem a cidade de Nawar, que estaria dependente de Ta'idu. Mas como esta última tem sido apontada mais a norte no Alto Tigre, mantêm-se muitas dúvidas em associar Tell Brak a Nawar<sup>41</sup>.

Tal como na generalidade dos sítios englobados nesta região, Tell al-Hamidiye foi ocupado durante o período mitaniano, tendo posteriormente passado para domínio assírio. Os vestígios arquitetónicos encontrados permitiram avançar com a

---

<sup>41</sup> Matthews e Eidem (1993) propõe que a possibilidade de existirem duas cidades chamadas Nawar, uma a norte e outra a sul de Kahat, sugerindo que o nome da cidade nortenha tenha evoluído para Nabula (Bryce, 2009: 493).



hipótese deste ser a localização da última capital mitaniana – Ta’idu, pois foi escavado um grande palácio cuja fundação foi atribuída ao período mitaniano. No entanto, atualmente tal identificação foi posta de parte uma vez que, como já foi referido acima, esta capital deve-se localizar mais a norte. Curiosamente, no seu estudo, Pfälzner (1995) identificou formas meso-assírias sob o nível fundacional do palácio. Perante o paradoxo, o autor argumenta que, a manter-se a cronologia de construção original da estrutura na época mitaniana, então esta teve de ter tido obras de reconstrução no período seguinte, entre meados de séc. XIII e inícios do séc. XII a.C. Acrescenta ainda a relevância do local, tomando em consideração a quantidade de material cerâmico (Tenu, 2009: 103).

Tell Mohammed Diyab localiza-se mais próxima da região do Triângulo Assírio, tendo sido proposta a sua identificação com a antiga Azamhul, contudo esta hipótese ainda não está inteiramente confirmada. Os vestígios arqueológicos apontam para uma transição violenta do nível mitaniano para o meso-assírio, com uma camada indiciadora de fogo e consequente abandono temporário do local (Tenu, 2009: 102).

Finalmente, os dois últimos sítios (Tell Amuda e Tell Aqab) nesta região têm a particularidade de não oferecer um nível mitaniano anterior à ocupação meso-assíria. Em relação a Tell Aqab, tal constatação pode-se dever ao facto de ainda não se ter escavado o *tell*, apenas se ter intervencionado com o intuito de evidenciar uma sequência estratigráfica das épocas de Obeid e Halaf. Ainda assim, foram encontrados dezenas de fragmentos cerâmicos num fosso de quase 4 m de profundidade (Tenu, 2009: 106). Fica a incógnita sobre a forma de ocupação e a função que este sítio tinha, inclusivamente não sendo ainda possível descartar qualquer tipo de ocupação mitaniana prévia.

Contudo Tell Amuda, que forneceu não só dados arqueológicos como também um arquivo, é comprovadamente de fundação assíria. A escavação do sítio encontrou solo virgem sob o nível meso-assírio mais antigo que foi atribuído ao séc. XIII a.C. Também os documentos recuperados são datados dos reinados de Salmanasar e Tukulti-Ninurta, através da análise dos epónimos enunciados. A identificação do sítio com a cidade de Kulišhinaš, por oposição ao da cidade de Urkiš que foi anteriormente

avançada, é reforçado não só pelos textos como pelo facto do sítio ser de fundação assíria, enquanto Urkiš tem uma história anterior a este período.

Esta região caracteriza-se essencialmente pela tradição cultural mitaniana nos vestígios arqueológicos recuperados, à exceção dos sítios de Tell Amuda e Tell Aqab. Esta região terá sido o primeiro alvo de expansão assíria logo a seguir à consolidação do núcleo assírio por parte de Aššur-uballit. Durante os reinados do avô e do pai de Tukulti-Ninurta, esta região foi varrida por conflitos armados que deixaram as suas marcas na estratigrafia dos sítios. A datação por 14C é bastante útil na medida em que oferece a oportunidade de estabelecer um paralelo entre a abordagem arqueológica e os textos. Seguramente esta região foi submetida antes do reinado de Tukulti-Ninurta, estando estes territórios englobados na sua herança aquando da ascensão ao trono. A manutenção destes territórios em mãos assírias parece estar também estabelecida, pelo menos durante o séc. XII a.C., reforçando a ideia de que o domínio deste território por parte dos assírios caracteriza-se pela sua solidez e estabilidade ao longo do tempo.

#### *III.3.4 Alto Tigre*

O Alto Tigre afigura-se como o extremo norte da expansão assíria durante o reinado de Tukulti-Ninurta, com efetiva ocupação no terreno, atestada pelos vestígios arqueológicos. A maior distância em relação ao centro assírio leva a que os vestígios sejam inversamente proporcionais, reconhecendo-se apenas quatro sítios, identificados na sequência de trabalhos de prospeção e salvamento aquando da construção da barragem de Ilisu, na Turquia.

Ziyaret Tepe localiza-se na margem sul do Alto Tigre, tendo sido ocupado desde o Bronze Antigo. A ocupação meso-assíria foi detetada a partir dos trabalhos efetuados no ano 2000 com a descoberta de centenas de fragmentos de cerâmica que apontam para cronologias de 1300/1200 a 1100 a.C., assim como um selo de Tukulti-Ninurta. A cidade tinha um sistema defensivo cuja estrutura foi parcialmente escavada tendo sido possível associá-la a um forno que funcionou no II milénio (Tenu, 2009: 213-214). Roaf (apud Tenu, 2009: 215) propõe a identificação deste sítio com a antiga Tušan, proposta que tem merecido uma boa aceitação, sem estar totalmente assegurada. Esta cidade

em conjunto com os dois sítios que lhe estão muito próximos, Giricano e Kasuvan Tepe, podem fazer parte dum sistema defensivo da região, procurando defender a passagem do Alto Tigre contra invasões provenientes do oeste, como por exemplo do Hatti.

Na margem oposta surge Dunnu-ša-Uzibi, a atual Giricano, que através dum arquivo descoberto permitiu a identificação do sítio. Estes textos apresentam o epónimo de Ili-iddina (1069-1068 a.C.), que para Roaf e Schachner representa a data final de ocupação meso-assíria do local, tendo-se esta ocupação iniciado durante o reinado de Salmanasar (Roaf & Schachner, 2005; Schachner, 2003). Contudo, através da análise do material cerâmico, a cronologia atrasa um pouco para finais do séc. XIII a.C., o que por si só não invalida que a conquista tenha tido lugar já durante o reinado de Salmanasar, podendo a ocupação ter demorado algumas décadas a refletir o corpo de cerâmica tipicamente assíria. O topónimo sugere a função defensiva, se tivermos em conta o paralelismo com o *dunnu* melhor conhecido, Tell Sabi Abyad, mas Schachner (2003: 156) apresenta o sítio como tendo apenas um carácter agrícola. A partir da análise dos textos, o arqueólogo refere que existem outros dois *dunnu* na zona. Se a função militar estiver associada a esse outros dois sítios, possivelmente a necessidade de Dunnu-ša-Uzibi estar fortificada pode ser reduzida e assim focar-se na parte agrícola do estabelecimento. Contudo, até novas descobertas, não é possível certificar se nesta região os *dunnu* acumulavam a função defensiva, ou eram apenas povoamentos de cariz económico.

O terceiro sítio, Kasuvan Tepe, é ainda mal conhecido, mas foram reconhecidas formas meso-assírias associadas a formas mitanianas. Não existe porém uma datação muito rigorosa, não sendo possível determinar se este sítio foi ocupado pelos assírios durante o reinado de Tukulti-Ninurta ou só posteriormente.

Üçtepe localiza-se na mesma margem que Kasuvan Tepe e Ziyaret Tepe e segundo Karen Radner e Andreas Schachner (apud Bryce, 2009: 704) este é a localização da antiga capital do Hanigalbat – Ta’idu. Arqueologicamente o sítio apresenta materiais cerâmicos meso-assírios, embora Tenu (2009: 216) afirme que os arqueólogos atribuíram incorretamente a datação deste corpo de cerâmica ao período posterior. Reforçando as evidências da presença meso-assíria, foram escavadas

diversas sepulturas, cujos resultados apontam para finais do séc. XIII e inícios do séc. XII a.C.. Numa inscrição real de Ashurnarsipal II<sup>42</sup> (séc. IX a.C.) refere-se que um rei anterior chamado Salmanasar<sup>43</sup> tinha fortificado Tidu (o nome neo-assírio de Ta'idu), para funcionar como um centro militar assírio na fronteira com Nairi.

Perante os dados arqueológicos, verifica-se uma ocupação assíria desta região durante o reinado de Tukulti-Ninurta, que se terá iniciado ainda antes, no tempo do seu pai. Os estratos não evidenciam abandono, o que conduz à ideia que pelo menos durante a primeira metade do séc. XII a.C., este território permaneceu em mãos assírias. A colocação estratégica de cidades fortificadas no vale do Tigre é significativa, tanto para os casos de Üçtepe como Ziyarete Tepe. Desta forma, o acesso entre os Zagros e os montes Kašiiari estava defendido. Fica no ar a questão, ainda sem resposta, da função dos *dunnu* nesta região, se exclusivamente agrícolas, ou reforçando a defesa.

### III.3.5 Baixo Habur

Enquadrada pelo rio Habur, esta região configurou-se inicialmente como uma fronteira natural perante os adversários vindos de oeste. Conjuntamente com a Djazira definia o território nuclear mitaniano conquistado durante os séculos XIV e XIII a.C. Mais tarde, com o consolidar da conquista do Hanigalbat e o avançar da fronteira, esta região tornou-se central na expansão assíria.

No Baixo Habur, encontra-se um dos mais importantes sítios arqueológicos do período meso-assírio, Tell Sheikh Hamad, a antiga Dûr-Katlimmu, capital provincial e centro urbano de grande importância, sendo a sede de poder do segundo dignatário da Assíria, o *sukallu rabiû, šar mât Hanigalbat*. Antes de ser uma possessão assíria Dûr-Katlimmu encontrava-se sob domínio mitaniano, o que é atestado por níveis arqueológicos cujas cronologias atravessam desde o séc. XVI ao XIV a.C. (Bryce, 2009: 204-205). Foi neste local que se recuperou um dos mais importantes arquivos da

---

<sup>42</sup> A.O.101.19 (Grayson, 1991: 256).

<sup>43</sup> Radner e Schachner referem que é muito mais provável ser Salmanasar I, cujas atividades militares conhecidas colocam na região, do que Salmanasar II, como Mayer e Grayson consideraram, de quem se desconhece a sua intervenção militar na região (Radner & Schachner, 2001: 758).

época em estudo, compreendendo mais de 500 tabuinhas, encontradas numa das alas do palácio provincial. Este arquivo, para além de permitir a identificação do topónimo antigo, possibilitou a atribuição de datações para a ocupação meso-assíria, que começou no reinado de Salmanasar, estendendo-se para além do reinado de Tukulti-Ninurta (H. Kühne, 2000). Contudo, o nível arqueológico que é datado destes dois reinados termina com uma camada carbonizada, indiciando algum acontecimento destrutivo (Tenu, 2009: 110)

Na margem oposta a Dûr-Katlimmu, Tell Ašamsâni foi alvo de prospeção, que recuperou materiais meso-assírios atribuíveis aos sécs. XIII e XII a.C. e ainda cerâmicas mitanianas. O topónimo de Qatni foi avançado para identificar este sítio, mas outra hipótese também surgiu (Tell Fagdami), contudo Pfälzner (apud Tenu, 2009: 117) assinala que perante a inexistência de materiais meso-assírios, Qatni deve associar-se a Tell Ašamsâni.

Mais a norte encontra-se um conjunto de três sítios: Tell 'Agaga, Tell Bderi e Tell Taban. No primeiro foram recolhidos materiais meso-assírios em prospeção, com paralelos em Tell Sheikh Hamad, com cronologias do séc. XIII ao XI a.C., mas curiosamente nenhum foi encontrado nas escavações que se seguiram. Levantou-se a hipótese de se estar perante a antiga Šadikani, especialmente devido à importância do período neo-assírio (Tenu, 2009: 117). Também em Tell Bderi se descobriram vestígios meso-assírios, sob níveis mitanianos, embora a cerâmica recuperada aponte para cronologias ligeiramente mais tardias (séc. XII-XI a.C.) e um arquivo do reinado de Tiglath-Pileser I (Tenu, 2009: 118). Perante estes dois contributos, este sítio parece não ter tido ocupação durante o reinado de Tukulti-Ninurta, no entanto, uma vez que não existe referência a um hiato ou destruição, que separe os níveis mitanianos e meso-assírio, é possível considerar que só a partir do séc. XII a.C. este sítio ganhou uma importância significativa, prolongando o uso de materiais de tradição hurrita. Finalmente, Tell Taban, de forma semelhante ao sítio anterior, apresenta transições da cultura cerâmica só a partir do séc. XII a.C., mas um arquivo descoberto apresenta

textos contemporâneos do reinado de Tukulti-Ninurta, mencionando o reino de Mari<sup>44</sup>.

Controlada a partir do reinado de Salmanasar, esta região apresenta algumas especificidades no ritmo da expansão assíria. Pela sua configuração física, representa uma fronteira natural, contudo Salmanasar prosseguiu mais para oeste. Parece que rapidamente após o controlo da região, esta se transformou como um eixo, um ponto central de apoio, da expansão territorial em direção ao ocidente. Dûr-Katlimmu afirma-se enquanto segunda cidade do reino (na hierarquia político-administrativa), sugerindo a passagem dum estado em processo de conquista para um estado de controlo e administração territorial.

Se olharmos para o mapa, a localização de Dûr-Katlimmu mostra-se muito periférica relativamente ao domínio territorial de Salmanasar, estando quase todos os territórios assírios numa latitude a norte. Duas razões podem estar por detrás da escolha dum centro periférico. Em primeiro lugar, numa ótica de governação, um centro de poder deve encontrar-se numa zona estabilizada. Assim, a opção por uma das capitais mitanianas sai desfavorecida, uma vez que o foco de instabilidade localiza-se principalmente a norte. Quando Tukulti-Ninurta sobe ao trono é a região da Djazira, assim como os Zagros, que se levanta contra o novo rei. A ameaça ao poder assírio poderia ser assim maior, caso o segundo centro político se encontrasse no meio duma região em revolta.

A segunda razão prende-se com a rede de vias de comunicação assírias. Kühne (2000: 273) defende a ideia de que existia uma via direta de Aššur a Dûr-Katlimmu, através da planície desértica, apoiada por uma série de pontos intermédios que serviriam tanto para o controlo militar, garante duma comunicação normalizada, como para a revezamento e descanso de cavalos e mensageiros. Esta via direta encurtava a distância entre a sede do poder assírio e os territórios do Hanigalbat, facilitando a governação e ao mesmo tempo mantendo uma via de comunicação longe dos territórios mais instáveis.

---

<sup>44</sup> Este reino de Mari, localizado no Habur, a norte do reino mariota de Zimri-Lîm, não tem, segundo J.-M. Durand e L. Marti qualquer relação com o reino paleo-babilónico (Durand & Marti, 2005: 129-131).

### III.3.6 Balih

O Balih, tal como inicialmente o Habur, transformou-se na fronteira ocidental da Assíria, uma vez que se define como uma barreira natural, articulada com o Eufrates, onde desagua. A expansão assíria atinge o Balih, enquanto absorção dos territórios do Hanigalbat, anteriormente do Mitanni, em face da consolidação do domínio hitita no nordeste sírio, centrado em Karkemiš, que avança em sentido inverso. É neste confronto latente entre as duas potências que devem ser enquadrados os sítios desta região.

São três os sítios arqueológicos englobados na região do Balih que surgem enquanto resultado duma prospeção nesta zona, estando os três concentrados numa área relativamente pequena, a meio curso do rio Balih: Tell Hammân et-Turkmân, Tell Sabi Abyad e Khirbet Shenef.

Tanto Tell Hammân et-Turkmân como Khirnet Shenef apresentam vestígios meso-assírios, contudo o estudo de cerâmica encontra-se dificultado pela baixa presença de tipologias de cerâmica administrativa assíria. Ainda assim, é possível estabelecer uma cronologia para estes dois sítios, cuja ocupação assíria é verificada na 2ª metade do séc. XIII ao XII a.C. para o último sítio, que Pfälzner (apud Tenu, 2009: 133) considera como dependente de Tell Sabi Abyad, tendo em conta a cerâmica encontrada, algo que já Bartl tinha sugerido (Bartl, 1990: 18).

Para Tell Hammân et-Turkmân, a presença meso-assíria é de mais difícil análise, uma vez que as formas cerâmicas encontradas associam-se à cerâmica comum própria do Bronze Final, mas sem distinção entre elementos hurritas e assírios. A presença da tradição mitaniana neste sítio é mais longa, até porque foi escavada uma estrutura que se considerou um palácio, sugerindo uma importância mais significativa deste povoamento (Szuchman, 2007), durante o período mitaniano, mas que foi abandonado. Akkermans, Limpens e Spoor (1993: 31) relacionam o abandono deste sítio mitaniano com o surgir de Tell Sabi Abyad, que se encontra a pouca distância.

Finalmente, Tell Sabi Abyad é um dos mais interessantes sítios arqueológicos meso-assírios, tanto pelo contributo que oferece sobre o estudo dos *dunnu* e das suas funções, assim como por ser um dos sítios com a área mais escavada, tendo até ao momento sido escavados mais de 55% da área total do sítio (Akkermans, 2006: 201).

Um arquivo de quase 400 textos também foi descoberto, tendo sido possível identificar este *dunnu* como propriedade de vários oficiais assírios importantes portadores do título de ‘Rei do Hanigalbat’ como: Aššur-idin, Šulmanu-mušabsi e Ili-pada. Contudo o topónimo antigo do sítio permanece ignorado.

O sítio apresenta níveis do Bronze Final desde o período mitaniano, altura em que foi erguida uma torre, e depois meso-assírio, quando a antiga torre foi reconstruída após um período de abandono do sítio e este foi convertido em fortaleza. Através da análise dos textos pode-se avançar que a (re)fundação do sítio pelos assírios data do reinado de Tukulti-Ninurta, mantendo-se ocupado até inícios do séc. XII a.C., altura em que um fogo o destrói, sendo porém reocupado, em menor escala, até ao século seguinte (Akkermans, 2006: 209). O arqueólogo responsável avança que Tell Sabi Abyad seria o centro administrativo, económico e militar do extremo ocidental da Assíria, durante o reinado de Tukulti-Ninurta. Akkermans avança ainda com a ideia que ao longo do Balih, desde Harran, na margem ocidental do Balih, até Tuttul, na confluência com o Eufrates, existe uma rede de fortalezas e entre estas pequenos povoamentos agrícolas, de que é exemplo Khirbet Shenef. Assumindo-se como centro de poder desta linha defensiva encontra-se Tell Sabi Abyad. *«It comes as no surprise that Sabi Abyad, as the seat of grand vizier Ili-pada, often functioned as the ‘spider in the web’»* (Akkermans, 2006: 209).

Perante estes dados da região do Balih, fica-se com a impressão que esta seria a grande região fronteira ocidental, com um sistema defensivo que resguarda os territórios do Hanigalbat a oriente e cuja governação cabia a um alto dignatário assírio, que assim estaria colocado na linha da frente.

De qualquer forma, são ainda escassos os dados arqueológicos, já que a existência desta linha de fortalezas ainda não foi confirmada com uma diversidade de sítios distintos, como seria de esperar, uma vez que estão referenciados em textos do arquivo de Tell Sabi Abyad (Tenu, 2009: 146). A prospeção de Lyon (2000) parece apontar na direção da existência desta linha fronteira fortificada, reforçando a ideia de que o Balih será mesmo o limite fronteiro ocidental da Assíria neste período.



Contudo, a afirmação dos reis assírios da extensão do seu domínio até à margem do Eufrates, presente em diversas inscrições reais<sup>45</sup> leva-nos a acautelar a certeza de vermos uma linha estática e definida nas margens do Balih a que se acrescenta o facto de existirem alguns sítios na região do Alto Eufrates que apresentam vestígios meso-assírios. Tenu avança com uma proposta interessante, que pode solucionar esta ambiguidade: *«la vallée du Balih sans être ni la frontière politique, ni la frontière idéologique de l'Empire, peut être la limite de l'exploitation systématique et intensive de l'Empire.»* (Tenu, 2009: 147)

### III.3.7 Alto Eufrates

Para efeitos deste estudo, a região denominada Alto Eufrates é geograficamente delimitada a sul pela confluência do Balih com o Eufrates, junto à antiga cidade de Tuttul, e a norte próximo da atual Arslantepe, na Turquia. Nesta região contam-se vários sítios arqueológicos que apresentam dados que podem auxiliar a compreender a expansão assíria nesta zona.

Apesar de existirem níveis em determinados sítios com materiais meso-assírios, esta região pauta-se pela diversidade de influências culturais que dificultam o processo de análise da evolução histórica. Por um lado, existem os hititas, especialmente no setor mais a norte e próximo do coração do Hatti; por outro, a permanência das características dos materiais do nordeste sírio, o substrato autóctone da região. A este quadro acrescenta-se a existência de materiais que se assemelham às tipologias mitanianas, sem contar com a introdução de vestígios meso-assírios.

A variedade dos vestígios arqueológicos da região do Alto Eufrates espelha a volatilidade político-social. Aparentemente nenhuma das duas potências, hititas e assírios, conseguiram um domínio consolidado do território, reforçando a ideia de que a expansão assíria atingiu o Eufrates, mas não foi capaz de controlar e estabelecer o mesmo modelo de governação. Perante a presença hitita na margem ocidental do Eufrates é possível que os reis assírios tenham decidido estabelecer um domínio

---

<sup>45</sup> Tanto Adad-nirari, como Salmanasar, como Tukulti-Ninurta, referem terem atingido o Eufrates nas suas inscrições reais: A.O.76.1, A.O.76.3, A.O.77.1, A.O.78.1, A.O.78.2, A.O.78.9, A.O.78.10, A.O.78.23, A.O.78.24 (Grayson, 1987: 128-132, 135-137, 180-187, 231-241, 250-253, 271-276).

menos direto, constituindo este território como uma espécie de fronteira ou marca. Assim, existia uma primeira linha defensiva, menos focalizada em fortificações e mais em vigilância e apoio a incursões ao território inimigo.

Entre os sítios que evidenciam a presença assíria através de artefactos de fabrico meso-assírio contam-se Tell Shiukh Fawqâni, Tell Ahmar, Tell Beddaye e Sandaliye Maqbara, todos nas proximidades de Karkemiš. Estes são os sítios cuja ocupação assíria melhor poderia ser compreendida no quadro das relações hitito-assírias, especialmente tendo em conta a importância chave que a praça-forte de Karkemiš detém na estratégia defensiva do império hitita.

Os trabalhos arqueológicos já efetuados não clarificaram totalmente esta problemática, já que por um lado existem níveis meso-assírios em Tell Shiukh Fawqâni e Tell Ahmar, mas cuja exiguidade não permite muitas certezas, e por outro os materiais meso-assírios dos restantes sítio só foram identificados em prospeção, não tendo havido ainda escavações.

Tell Shiukh Fawqâni é atualmente considerada a antiga cidade da Idade do Ferro de Burmarina. Com toda a probabilidade esta é também a localização do topónimo Marina, atestado nos textos meso-assírios do séc. XIII a.C. (Bryce, 2009: 136). Como se encontra referido acima, foi identificado um nível meso-assírio, mas a exiguidade da camada não permite avançar com muitas informações. Antes e após esta ocupação, aparentemente breve, o sítio terá estado abandonado, notando-se um nível de destruição na zona habitacional do sítio. No entanto, a interpretação do sítio está muito limitada pelo pouco desenvolvimento das escavações, apesar de se determinarem cerâmicas meso-assírias (Tenu, 2009: 201). Não é possível, com os dados disponíveis, considerar que este sítio tenha estado ocupado pelos assírios durante o reinado de Tukulti-Ninurta ou apenas mais tarde.

Tell Ahmar é outro sítio que nos oferece alguns dados sobre a ocupação meso-assíria desta região tendo a particularidade de terem sido efetuadas análises de radiocarbono que resultaram na datação da destruição do nível mais antigo dos dois níveis meso-assírios, apontando para uma baliza cronológica entre o séc. XIII e XI a.C.. Assim, Bunnens (Bunnens, 2009: 71) terá apontado para que o nível mais antigo seja do reinado de Tiglath-Pileser e o seguinte, ainda meso-assírio, de Aššur-bel-kala. Tais

datações retirariam este sítio do presente estudo, contudo Bryce avança a hipótese que logo no reinado de Adad-nirari Tell Ahmar terá caído em mãos assírias, o que não pode ser totalmente posto de lado uma vez que a própria datação de radiocarbono apresenta um intervalo que engloba o séc. XIII a.C. (Bryce, 2009: 13).

Em relação aos outros dois sítios, cujo conhecimento resulta de prospeções, B. Einwag e A. Otto afirmam que Tell Beddaye está coberto de cerâmicas meso-assírias, sem precisarem datações possíveis (comunicação pessoal apud Tenu, 2009: 202), enquanto Sandaliye Maqbara que também apresenta cerâmicas meso-assírias, terá sido ocupada após a destruição de Tell Bazi, um sítio que se encontrava nas proximidades<sup>46</sup>. O facto deste sítio se encontrar na margem ocidental do Eufrates, em zona cuja influência hitita se sentiria fortemente, torna-o bastante interessante. Wilkinson (2004: 9) apesar de defender um limite do domínio assírio próximo do rio Balih, não deixa de reconhecer que alguma influência meso-assíria poderá ter atingido um tal ponto tão ocidental.

Um pouco mais a sul surge a cidade de Emar, no cotovelo do Eufrates, no sítio moderno de Tell Meskene. Esta cidade estaria ligada ao império hitita, através de laços estreitos com Karkemiš, mas não existia um controlo direto hitita sobre a cidade. Não existem evidências arqueológicas que apontem para alguma ocupação assíria, mas o grau de autonomia que Emar gozava permite considerar que algum tipo de relação possa ter sido estabelecido entre esta e Aššur. A presença duma fortificação e guarnição hitita em Qal'at Ferq'ous, próximo da cidade, poderá ter conservado os assírios à distância (Wilkinson, 2004).

A este de Emar, de novo na margem oriental do Eufrates, surge Tell Fray, hoje em dia submersa pelas águas da albufeira, conhecida como a cidade de Yaharišša. A escavação deste sítio permitiu a identificação dum nível do Bronze Final, cujos materiais cerâmicos são claramente de cultura local síria e hititas. Tendo em conta esta caracterização do estrato, a ocupação meso-assíria do local estaria fora de questão, não fosse a descoberta dum arquivo de tabuinhas que veio a alterar um pouco essa imagem. Este arquivo não chegou a ser publicado integralmente, mas A.

---

<sup>46</sup> A datação apresentada por Einwag, Kohlmeyer e Otto para a destruição de Tell Bazi é delimitada entre 1300 e 1134 a.C. (Tenu, 2009: 202).

Bounni e P. Matthiae apresentam como sendo constituído por cerca de uma dezena de cartas e contratos, tendo-as datado do séc. XIV e XIII a.C. (Bounni & Matthiae, 1980: 34). A convicção de que este arquivo faz prova de que a cidade de Yaharišša estava sob domínio assírio deve ser acautelada. Existe a possibilidade de existirem mercadores assírios na cidade, sem que esta estivesse obrigatoriamente sob a autoridade assíria.

Na confluência com o Balih localiza-se Tell Bi'a, a antiga Tuttul, já acima referida. Este sítio apresenta uma situação contraditória entre as fontes escritas e os vestígios arqueológicos recuperados. Segundo os arquivos de Tell Sheik Hamad e Tell Sabi Abyad a cidade de Tuttul encontrava-se sob administração assíria, embora as referências a este topónimo sejam pouco precisas, no entanto Cancik-Kirschbaum (1996) apresenta uma carta para Aššur-iddin onde um contingente militar é enviado para Tuttul. Wiggerman chega mesmo a referir, tendo em conta o texto T97-3 de Tell Sabi Abyad, que Tell Bi'a era administrada por um governador assírio (Wiggermann, 2000: 172).

Contrariamente a estas fontes, a investigação arqueológica não conseguiu identificar qualquer vestígio meso-assírio no sítio. Bryce chega mesmo a colocar o abandono do local a partir dos inícios do II milénio a.C. (Bryce, 2009: 725). Lyon afirma que esta cronologia pode ser aumentada até ao final do séc. XIV, sem no entanto surgirem materiais meso-assírios (apud Tenu, 2009: 210). Esta aparente contradição mantém-se sem solução.

Finalmente, Arslantepe surge-nos como mais um sítio especial, localizado a norte de Karkemiš, já em território anatólio. Identificado com a antiga cidade de Malatya, o sítio parece ter sido, desde os reinados de Adad-nirari e do seu filho, um ponto de discórdia entre hititas e assírios<sup>47</sup>. A cidade, no entanto, só é nomeada em fontes assírias, já no reinado de Tiglath-Pileser I, aquando da conquista deste rei de territórios nesta região (Bryce, 2009: 70).

Arqueologicamente, foram definidos dois níveis, um datando entre 1500 e 1300 a.C., com vestígios arquitetónicos de tradição hitita e siro-mesopotâmica e outro entre

---

<sup>47</sup> Dois textos publicado por Heinhold-Kramer. Um (KBo XXII 264) refere incursões assírias na cidade de Malatya, enquanto o outro é uma carta (KBo XVIII 24) enviada a Salmanasar para que fosse enviado um homem de confiança a inspecionar a cidade (Heinhold-Krahmer, 1988: 99-104).

1300 e 1200 a.C., em que se nota alterações arquitetônicas mas que mantêm uma certa influência da Anatólia Central (Tenu, 2009: 198). A cerâmica também se caracteriza pelas tradições locais. A separar o nível do séc. XIII a.C. e o seguinte existe uma camada de destruição.

Tendo em conta a menção dos 28.800 hititas capturados além do Eufrates, por parte de Tukulti-Ninurta<sup>48</sup>, poderemos estar perante uma incursão assíria que atingiu esta cidade e a destruiu parcialmente. Mas a presença assíria não parece estar atestada arqueologicamente, assim como os dados epigráficos parecem ser, pelo menos por enquanto, escassos para considerar o sítio de Arslantepe como parte do império meso-assírio. A própria localização deste, tão distanciada de qualquer outro sítio, desencoraja a ideia de que os assírios teriam conquistado uma cidade tão próxima do coração do Hatti.

Esta região é assim caracterizada por esta diversidade e conhecimento ainda relativamente limitado acerca da presença meso-assíria. A influência hitita é inegável, até mesmo na margem oriental do Eufrates, assim como vestígios de ocupação mitaniana ainda persistem de forma leve, testemunhos da passagem da região entre o Balih e o Eufrates dos hurritas para os hititas. A capacidade de estabelecimento duma administração, reflexo do controlo territorial, por parte dos assírios, não é tão evidente comparativamente a outras regiões mais próximas de Aššur. Fica a sensação de que o controlo territorial desejável pelos assírios esbarra contra a posição hitita. Karkemiš não foi ocupada pelos assírios, nem mesmo em alturas em que estes tinham obtido uma clara vantagem militar e estratégica sobre o Hatti. A viragem para sul na política expansionista pode ajudar a explicar o facto.

### *III.3.8 Médio Eufrates*

O Médio Eufrates inicia-se no limite do Alto Eufrates a norte e atinge a zona próxima de Hanat, já no Eufrates iraquiano. É uma região ainda muito mal conhecida, no que se refere à presença meso-assíria, conhecendo-se três sítios: Tell Hariri, Tell Ashara e Tell Qabr Abu al-'Atiq.

---

<sup>48</sup> A.O.78.23 e A.O.78.24 (Grayson, 1987: 271-276).

A cidade de Terqa localiza-se em Tell Ashara, na margem direita do Eufrates, tendo sido escavada desde os anos 70 do século passado. Durante os períodos do Bronze Inicial e Médio, Terqa foi a capital do país de Hana, que se configurava nas suas redondezas. Nesta zona, não surgiram artefactos meso-assírios significativos, mas sim materiais de tradição cassita. Todavia, não deixam de surgir cerâmicas atribuíveis a uma ocupação meso-assíria. Portanto, tendo em conta estes contributos arqueológicos, Terqa e arredores estiveram principalmente dominados pelos cassitas, tendo na passagem do séc. XIII para o XII a.C. sido verificado uma transferência para o controlo assírio (Tenu, 2009: 194).

Mari, localizada no sítio de Tell Hariri, é muito famosa pelas descobertas dos arquivos que nos deram a conhecer Zimri-Lîm e o seu reino do Bronze Médio. As escavações neste local foram, naturalmente, vocacionadas para a investigação desta cidade durante a 1ª metade do II milénio. Todavia, existem alguns vestígios meso-assírios, que atestam a ocupação deste sítio durante os séculos XIII e XII a.C., designadamente uma necrópole assíria e outras estruturas contemporâneas<sup>49</sup>.

Ao que parece, no momento em que os assírios ocuparam a região, esta estaria já praticamente abandonada. No entanto, as cerâmicas cassitas são encontradas em níveis arqueológicos, muito embora a relação com os materiais assírios não esteja definida.

Finalmente, o sítio de Tell Qabr Abu al-'Atiq surge como uma novidade, uma vez que é um estabelecimento, ao que tudo indica, de fundação assíria<sup>50</sup>, indiciando um carácter militar, já que as estruturas postas a descoberto parecem pertencer a uma fortificação. Pode-se, então, estar perante uma linha defensiva, semelhante ao que é proposto para o Balih, como já foi afirmado, e também para o Médio Eufrates Iraquiano, na zona da ilha de Anat.

Este sítio tinha sido já identificado em prospeção pela mesma equipa que escavou Tell Bazi, tendo apresentado desde logo a hipótese deste estar integrado num

---

<sup>49</sup> Alguns arqueólogos têm colocado dúvidas na qualificação deste conjunto de sepulturas como meso-assírias, uma vez que o material recolhido, assim como a prática funerária identificada, têm paralelismos com o que se verifica em necrópoles cassitas (Tenu, 2009: 188).

<sup>50</sup> Este local foi ocupado anteriormente, durante o III milénio a.C., contudo através da sequência estratigráfica identificada reconhece-se a ocorrência do abandono do local que durou até ao séc. XIII a.C. (Montero Fenollós, Caramelo, & Rowe Márquez, 2011: 222).

sistema provincial de defesa fronteiriça, apresentando cronologias do reinado de Salmanasar. Tenu considerou esta datação demasiado alta, algo que parece estar a ser confirmado pelo PAMES<sup>51</sup>, responsável pelos trabalhos arqueológicos no sítio. Numa revisão à cronologia inicialmente avançada, é proposta uma ocupação datada da 2ª metade do séc. XIII a.C. (Fenollós, Caramelo, & Rowe Márquez, 2011; Tenu, 2009: 210).

### *III.3.9 Karduniaš*

Esta é uma região especial, compreendendo o país babilónico, enquadrando os sítios arqueológicos em que foram encontrados vestígios meso-assírios, sem que a delimitação geográfica seja em rigor coincidente com a fronteira da Babilónia sob domínio assírio.

O período de ocupação da Babilónia foi relativamente breve, tendo em conta que apenas terá sido concretizada durante o reinado de Tukulti-Ninurta. Assim, compreensivelmente, os vestígios arqueológicos são escassos. No entanto, é possível observar alguns dados arqueológicos pertinentes para o presente estudo, pese o facto de os arqueólogos estarem, pelo menos inicialmente, pouco focados na recuperação de materiais meso-assírios, uma vez que estes são sítios com uma história que recua a eras simbolicamente mais significativas. Assim, o reconhecimento dos materiais cerâmicos especificamente meso-assírios, as técnicas arqueológicas usadas no início do século passado e o natural interesse por níveis mais antigos, estabeleceram limites ao contributo da arqueologia do período meso-assírio em sítios como Babilónia, Sippar ou Dûr-Kurigalzu.

No sítio de Tell Hillah, a antiga Babilónia, como referido acima, as escavações não tiveram muito em conta os vestígios da conquista e ocupação da cidade por Tukulti-Ninurta, todavia foram identificadas práticas funerárias com paralelos com as praticadas em Aššur, reforçadas pela descoberta de materiais funerários semelhantes. Seria de esperar reconhecer a existência dum nível de destruição, que corresponderia

---

<sup>51</sup> O Projeto Arqueológico Médio Eufrates Sírio (PAMES) tem desenvolvido escavações em Tall as-Sin, em Tall Humeida e em Tall Qabr Abu al-'Atiq, desde 2005. A parte portuguesa do Projeto tem sido levada a cabo pelo Centro de História de Além-Mar (CHAM) e em particular por Francisco Caramelo, subdiretor do PAMES

à destruição invocada nas crônicas, na sequência da conquista da cidade por Tukulti-Ninurta, mas tal evidência não foi encontrada. Tenu (2009: 178) nota que os trabalhos efetuados durante o período neo-babilônico poderão ter perturbado de forma significativa os estratos anteriores, perdendo-se assim esta informação. Como a autora refere, existe também a possibilidade de não se ter dado nenhum acontecimento destrutivo, contrariamente a algumas referências literárias.

Tukulti-Ninurta após a conquista da Babilônia passa a usar o título, entre outros, de 'Rei de Sippar'. Este teria uma carga simbólica significativa, conjuntamente com o de Sumer e Akkad, mas pode ao mesmo tempo indiciar uma conquista desta cidade. Contudo, e mesmo tendo em conta a existência de duas cidades próximas com este topónimo, as designadas Sippar Amnânnum e Sippar de Šamaš, as intervenções arqueológicas nestas cidades não identificaram vestígios meso-assírios, mas apenas cassitas.

Já Aqar Quf, identificado como a cidade de Dûr-Kurigalzu, parece ter mais dados pertinentes para a compreensão do avanço assírio perante a Babilônia. O nível mais recente deste sítio está marcado por dois momentos de destruição. A destruição mais recente determina o abandono definitivo deste local, que tinha uma importância estratégica significativa, já que se colocava entre o Eufrates e o Tigre, quase como a chave para a entrada em território babilônio. Foi estabelecida uma datação para o incêndio e abandono da cidade, no ano de 1155 a.C., uma vez que essa é a data do fim da dinastia cassita. Os elamitas afiguram-se como os autores mais prováveis da destruição de Dûr-Kurigalzu, já que são eles os responsáveis pela queda dos cassitas da Babilônia.

O outro acontecimento destrutivo referido, cuja data é mais antiga, foi associado à descoberta de textos pertencentes aos reinados de Kudur-Enlil e Kaštiliaš IV, este último derrotado por Tukulti-Ninurta. Assim, tendo em conta a posição estratégica na defesa da Babilônia e a datação indireta estabelecida é expectável que a destruição de Dûr-Kurigalzu esteja ligada aos acontecimentos que se seguiram a vitória do rei assírio sobre o cassita. Contudo, o incêndio pode estar antes relacionado com raides elamitas à cidade que se seguiram após a conquista de Tukulti-Ninurta.



Em Nippur apenas foram encontradas cartas assírias, que atestam as relações diplomáticas entre os dois reinos, datadas do séc. XIV e XIII a.C.

Esta região, enquanto território controlado pelos assírios durante o reinado de Tukulti-Ninurta afigura-se de difícil delimitação e análise. Através das fontes escritas é possível desenhar um quadro do processo expansionista, no entanto, não é possível reforçá-lo com o contributo da arqueologia numa forma satisfatória, uma vez que são muito escassos os vestígios encontrados. A brevidade da ocupação, assim como a forte base cultural babilónica levam à quase ignorância por parte da arqueologia numa ocupação assíria no séc. XIII a.C., até porque uma das principais fontes para o conhecimento arqueológico, a cerâmica, manteve-se sem alterações marcantes.

### *III.3.10 Zagros*

A Cordilheira dos Zagros define o limite do vale do Tigre, até ao norte da Assíria, estendendo-se desde o Irão até à Turquia. O relevo acidentado foi de tal forma determinante que ao observarmos um mapa da Assíria constatamos que os Zagros sempre se configuraram como uma barreira à expansão. Tal não significa que não tenham existido diversas campanhas militares nesta região, contudo estas não se concretizaram num controlo e domínio efetivo direto do território.

Na presente dissertação, foi definida a região dos Zagros, à semelhança de Karduniaš, enquanto zona onde houve uma intervenção por parte dos reis assírios, compreendendo diversos povos e pequenos reinos, sem no entanto delimitar qualquer fronteira política. Para esta região, não existem dados arqueológicos que verifiquem uma ocupação do território, uma vez que a política expansionista assíria abordou esta região numa forma particular.

Entre os povos que se estabeleceram nesta região e que ficaram, num momento ou noutro, subordinados à autoridade assíria, contam-se: Išuwa, no extremo ocidental já próximo do Taurus; o país de Alzu, a norte dos montes Kašiiari e do Tigre; Nairi, cuja localização é ainda incerta, mas que se localizará provavelmente nas proximidades do Lago Urmia, próximo de Alzu; Paphu, Katmuhu, Šubaru, Mehru e Uqumanu, que se encontravam ao longo do vale do Tigre; os qutu, que estavam

estabelecidos a nordeste e este do Triângulo Assírio, junto ao vale dos rios Zab; os Iullume, já distanciados da Assíria, na zona do planalto iraniano, na região do lago Urmia; e, finalmente, o Uruatru, que se encontraria nas margens do lago Van, que alguns séculos mais tarde formam o território do Urartu.

### *III.3.11 Planície Desértica*

A Planície Desértica compreende todo o território que se encontra entre os rios Eufrates e Habur e o rio Tigre, a sul do Hanigalbat e a norte de Karduniaš. Caracteriza-se por ser uma região muito árida, onde o povoamento é escasso, habitada maioritariamente por tribos nómadas que se dedicam à pastorícia.

Apesar de apresentar características pouco propícias ao desenvolvimento urbano desta região, isso não significa que os assírios tivessem ignorado por completo o controlo da zona. De facto, embora não existam grandes cidades na região, foi identificado um estabelecimento meso-assírio que dista 45 km para este de Dûr-Katlimmu, denominado de Tell Umm 'Aqrêbe. Este sítio ainda não foi escavado, tendo-se apenas recolhido materiais em prospeção, que Pfälzner reconheceu como tendo paralelos na cerâmica de Tell Sheikh Hamad. O autor não viu neste sítio uma cidade com características idênticas a Dûr-Katlimmu, mas antes considerou o sítio como tendo uma de duas funções, dentro do sistema administrativo assírio. Ou seria uma unidade de reprodução animal, o que de certa forma estaria integrado no sistema produtivo da região, ou por outro lado fazia parte duma sucessão de estações de revezamento de montadas, associada à rota que se fazia entre Aššur e Dûr-Katlimmu. Esta rota proposta por Kühne (2000: 273-274) no seguimento dum estudo de Pfälzner (apud Bernbeck, 1993) atravessaria toda a região, tornando a comunicação entre as duas principais cidades assírias muito mais direto e rápido, do que a alternativa que passaria pelas cidades do Hanigalbat e o Habur.

Num clima e geografia hostil ao eficiente progresso das viagens e segurança dos viajantes, este tipo de estabelecimentos era imprescindível. E teriam de existir diversos pontos de apoio, que todavia ainda não foram identificados no terreno, à exceção de Tell Umm 'Aqrêbe, cuja identificação proposta é o topónimo de Duara.

Ainda assim permanecem muitas dúvidas na forma como os assírios controlavam este território. Mesmo com o apoio logístico destes sítios, a região manteve-se aparentemente sob domínio de grupos nómadas, que pela forma natural da sua ação dificilmente seriam controláveis. Este vasto espaço vai-se afigurar como um ponto fraco na defesa do coração assírio. É claro que um exército organizado duma das potências que rivalizavam com a Assíria dificilmente optaria por uma rota que tanta pressão poria sobre as condições de sobrevivência dos soldados.

No entanto, para os povos nómadas seria porventura mais fácil qualquer tipo de empreendimento militar nesta região, dado estarem habituados às condições climatéricas e geográficas. Assim, povos como os ahlamu poderiam apresentar-se como uma perturbação no sistema assírio. A necessidade sentida pelos assírios e babilónios, no reinado de Aššur-uballit em atacar estes povos e mantê-los para além (a oeste) do Eufrates permite compreender o grau de risco que estas populações representam, do ponto de vista político e militar.

## **IV. A expansão meso-assíria no reinado de Tukulti-Ninurta I**

### **IV.1 Motivações para a expansão**

A capacidade que Aššur-uballit e os seus sucessores demonstraram na concretização progressiva dum sonho de hegemonia na região mesopotâmica, mostra-nos não só a sua resolução e determinação, mas também a inteligência no estabelecimento de objetivos diferenciados.

Se por um lado se pode ver o processo de expansão territorial como um fluxo de água que se alarga nas diversas direções, sendo apenas condicionado pelas resistências que encontra no terreno, também devemos considerar que tais resistências são ultrapassadas ou não, consoante a intensidade do fluxo em determinado ponto. Assim, da mesma maneira, a expansão assíria foi não só confrontada com resistências e oposições, que são tratadas no capítulo seguinte, mas também na capacidade de gestão de recursos, concentrando-os em objetivos atingíveis e não os dispersando aleatoriamente.

A definição de objetivos é por seu turno enquadrada pelas motivações dos soberanos e elites. No caso assírio, desde o reinado de Aššur-uballit as motivações têm variado, no sentido em que surgiram novas ao longo desse período, contudo, estas podem ser agrupadas a três níveis: o ideológico; o político; e o económico.

Sob o ponto de vista ideológico, observa-se nas inscrições reais, veículo preferencial de mensagens ideológicas da monarquia assíria, algumas expressões que de certa forma justificam a expansão territorial. Tukulti-Ninurta associa uma dimensão religiosa à sua ação militar, visto ser o escolhido dos deuses para administrar os quatro quadrantes do universo, a quem foi confiado o seu domínio. Na sua titulatura os reis assírios utilizam a expressão de ‘rei do universo’ e aquele que alarga as fronteiras. Existe, portanto, uma vocação atribuída pelos deuses à monarquia assíria para que esta promova a expansão do seu domínio.

Politicamente, a definição da Assíria, enquanto grande potência, iniciou-se desde logo com Aššur-uballit. A importância desta aspiração levou a que este monarca empreendesse com sucesso diversas medidas. Em primeiro lugar, a independência de facto relativamente ao Mitanni. Para isso, a correspondência com o Egito revela-se fundamental, já que o faraó acaba por aceitar relacionar-se ao mesmo nível que o rei assírio.

A afirmação internacional manter-se-á um objetivo permanente até ao reinado de Tukulti-Ninurta, devido à recusa hitita em reconhecer diplomaticamente a igualdade de estatutos entre ambas potências, mesmo que na prática, a Assíria se tenha realmente afirmado politicamente e militarmente. Paralelamente à abertura ao exterior, existem dois passos que catapultam a Assíria para a liga das grandes potências. Em primeiro lugar, a concretização da substituição do poder mitaniano pelo assírio. Ou seja, a Assíria conseguiu, principalmente através da ação dos sucessores de Aššur-uballit, ocupar a posição do Mitanni. Esta troca foi possibilitada pela ocupação territorial efetiva de antigos territórios mitanianos, especialmente aqueles que poderemos considerar o coração do Hanigalbat. Assim, o vácuo resultante da queda vertiginosa do Mitanni foi num século preenchido pelo domínio assírio, isto apesar da forte oposição movida pelos hititas. Ironicamente, foi a derrota infligida aos mitanianos pelo Hatti que permitiu à Assíria a ascensão ao estatuto de grande potência. O Hatti procurou, então, reforçar o seu antigo inimigo, agora numa posição de amizade, perante o avanço assírio. A determinação assíria não foi contudo quebrada e os territórios mitanianos passaram efetivamente, na sua esmagadora maioria, para as mãos assírias. Politicamente, a mensagem não podia ser mais clara: a antiga potência (Mitanni) foi ultrapassada em toda a medida pela cidade de Aššur transformada em grande poder do séc. XIII a.C.. Se juntarmos as tentativas goradas do Hatti em travar esta inversão política, e mais importante a concretização da conquista do Hanigalbat, o estatuto político alcançado é ainda maior.

O segundo passo relaciona-se com a rivalidade entre assírios e cassitas e na procura dos primeiros em conseguirem igualar a importância simbólica da Babilónia no mundo mesopotâmico. Assim, a Babilónia manteve-se durante séculos, seja no período meso-assírio como no neo-assírio, como a grande meta no plano político-

ideológico. Aššur-uballit deu o mote, ao conseguir intervir nos assuntos internos do seu vizinho do sul e não só vencer militarmente as forças cassitas como forçar um matrimónio entre as duas cortes. Assim, a Assíria consegue colocar na linha de sucessão um príncipe em cujas veias corre sangue assírio pela parte materna. Talvez Aššur-uballit sonhasse que um dia fosse possível a união dos dois reinos e por extensão a união da Mesopotâmia, nas mãos dum rei seu descendente. No momento em que esta sucessão foi ameaçada por um golpe palaciano, Aššur-uballit reúne as suas forças e rumo a sul, por forma a restaurar a ordem e garantir a herança do seu neto. Contudo, este ato não lhe valeu a concretização do sonho, pois assim que subiu ao trono, o jovem rei babilónio inverte a política pró-assíria e lança-se numa campanha contra Aššur.

Desta forma, o domínio sobre a Babilónia permanece um desejo por concretizar. Podemos especular que a constante rivalidade entre Assíria e Babilónia foi motivada, pelo menos do lado assírio, pela pretensão em sentar um rei assírio no trono babilónio. De facto, a Babilónia manteve-se como o centro cultural e religioso da Mesopotâmia e afigurava-se com certeza como um prémio muito apetecível para os seus rivais. Mas durante muitas décadas, a Assíria foi incapaz de penetrar verdadeiramente em solo cassita, ficando longe de alcançar a sua meta. Nem mesmo durante os reinados de Adad-nirari ou Salmanasar, coroados de sucessos militares, os assírios chegaram a ameaçar verdadeiramente o trono babilónio. Foi, então, no reinado de Tukulti-Ninurta que este quadro se alterou drasticamente. A vitória em batalha sobre Kaštiliaš desequilibró a balança e um rei assírio pode finalmente acrescentar aos seus títulos o de rei de Karduniaš e os prestigiados rei de Sumer e de Akkad.

Llop Raduà<sup>52</sup> sustenta que a grande motivação presente na estratégia expansionista assíria foi sempre a Babilónia. Reconhece-se a importância central que o domínio político sobre a Babilónia manteve ao longo dos vários reinados desde Aššur-uballit, condicionando a estratégia expansionista e a priorização dos objetivos e metas a alcançar, contudo a ação cassita manteve durante muito tempo os assírios a uma

---

<sup>52</sup> O autor faz recuar até ao tempo de Šamši-Adad I o sonho de unificação da Mesopotâmia, governado desde o norte (Llop Raduà, 2001: 504).

distância considerável, impedindo a prossecução desse sonho. A expansão assíria caracterizou-se pelo seu pragmatismo e desta forma não devemos descurar a importância que teve a conquista do Hanigalbat, igualmente central no processo expansionista.

Enquanto objetivo secundário político, relacionado com o desmantelamento progressivo da estratégia babilónica, Llop Raduà (Llop Raduà, 2001: 291, 319-321; Llop-Raduà, 2011: 210) associa a passagem para mãos assírias do controlo do Médio Eufrates. Por detrás desta pretensão, surge como objetivo o isolamento político a que ficou votado o rei cassita, com a perda de controlo das vias de comunicação com o Hatti. Efetivamente, o controlo do Médio Eufrates, e consequentemente da rota que liga o sul da Mesopotâmia à Síria e Anatólia, coincide com a derrota de Kaštiliaš e início do período de governo assírio na Babilónia.

Finalmente, relativamente à dimensão económica, é possível verificar a existência duma série de motivações, distintas entre si, mas que com toda a certeza exerceram uma grande influência na definição do processo expansionista. As motivações expressas enquanto ganhos económicos permitem uma divisão em duas categorias, tipologicamente distintas: os bens materiais, onde se integram as matérias-primas; e, a mão-de-obra ou recursos humanos. Tendo em conta estas duas categorias, verifica-se que a expansão assíria, na sua estratégia e execução, foi também condicionada por estes dois fatores, resultando em ações militares e administrativas diferentes.

Na ausência de moeda, os bens materiais funcionavam não só como matérias-primas, isto é, materiais que eram transformados num produto diferente, mas também como objetos de valor e troca. Os bens materiais eram assim indispensáveis na execução dos diversos projetos que os monarcas assírios empreendiam, e dessa forma motivaram realização de campanhas militares. De acordo com as inscrições reais, os sucessos militares contra diversos povos dos Zagros resultaram na submissão destes através dum juramento de fidelidade que era acompanhado pelo pagamento dum tributo. Enquanto a autoridade assíria se fazia sentir sobre estes pequenos reinos, o pagamento dum tributo anual era mantido como forma de garantir o cumprimento do juramento, geralmente efetuado perante o deus Aššur. A entrega deste tributo na

capital assíria representava a existência dum fornecimento sustentado de materiais necessários para os vários empreendimentos assírios. Pode-se levantar a hipótese que determinados bens, principalmente a prata, tomavam a forma de riqueza, pelo seu valor intrínseco, e podiam ser convertidos em forma de pagamento de mercenários<sup>53</sup>, por exemplo.

A cidade de Aššur e os seus arredores não são abundantes em recursos naturais, tendo antes uma posição estratégica defensiva de elevado valor. Estas condições levam a que os assírios vejam nas regiões próximas a possibilidade de obtenção de materiais de que estão em necessidade. Para o fluxo sustentável de matérias-primas, existem duas alternativas, ambas aproveitadas pelos assírios: o domínio dos territórios donde são originárias; e o controlo das rotas comerciais provenientes de regiões ricas mas distantes da zona de influência assíria.

Na procura do controlo de matérias-primas diretamente da origem podemos reconhecer os esforços para controlar diversas zonas dos Zagros, assim como o Hanigalbat. Seriam principalmente produtos agrícolas e pecuários, acrescentando a criação de cavalos. Embora as duas regiões tenham conhecido duas estratégias diferentes de controlo territorial, sendo o Hanigalbat incorporado no território assírio, enquanto os pequenos reinos dos Zagros se mantiveram semi-autónomos sob a sombra da autoridade assíria, ambas forneceram matérias-primas essenciais à construção da estrutura imperial.

Uma vez controladas porções de terra férteis do Hanigalbat, que em grande medida se encontrava acima da linha dos 200 mm de pluviosidade, estas foram distribuídas pelas elites assírias, que assim tinha fortes interesses económicos na promoção de campanhas militares que expandissem o território para ocidente em direção ao Eufrates. Desta forma, o Hanigalbat transformou-se no celeiro da Assíria,

---

<sup>53</sup> O recurso a soldados exógenos à Assíria é observado em alguns documentos. Por exemplo, a utilização do exército dos qutu para o derrube de árvores em Mehru, descrito nas inscrições reais, ou a atribuição de funções de defesa da cidade Waššukani, por parte de soldados cativos cassitas e šubaru que foram deportados para essa cidade, identificada numa carta proveniente de Dûr-Katlimmu (Cancik-Kirschbaum, 1996: n.2, 15-21). Da mesma forma, a utilização de recursos económicos para financiamento de campanhas militares pode ser associado à já mencionada carta (RS 17.59) enviada ao rei de Ugarit, que o autorizava a substituir o envio de tropas por 50 minas de ouro. Speidel (2002: 259) refere ainda que pela análise à descrição, na Epopeia de Tukulti-Ninurta, da forma de lutar dos soldados na batalha que ditou a derrota de Kaštiliaš, pode afirmar-se que estes eram mercenários, muito provavelmente de origem indo-europeia.



providenciando grandes quantidades de cereais, como o trigo e a cevada, necessários para as crescentes necessidades da população, assim como dum exército em campanha (Liverani, 1988; Postgate, 1992).

Por outro lado, a região dos Zagros era rica em diversas matérias-primas que os reis assírios necessitavam para a monumentalização que Aššur conheceu, a partir especialmente de Adad-nirari. Tukulti-Ninurta, promotor da fundação da nova capital, Kar-Tukulti-Ninurta, compreendeu a importância que essa região detinha para possibilitar a concretização desse sonho. Numa das suas inscrições reais é referido o corte de troncos de madeira no país de Mehru<sup>54</sup>, que tinha acabado de conquistar, tendo em vista a construção do seu novo palácio de Aššur. Com toda a certeza as necessidades de madeira, pedra e outros materiais de construção aumentaram consideravelmente ao longo do seu reinado, uma vez que este monarca foi pródigo em iniciar projetos de construção e reparação de edifícios da capital e não só. Com o início dos trabalhos em Kar-Tukulti-Ninurta, aumentou-se a pressão sobre a necessidade de obter maiores quantidades de materiais.

O controlo das rotas comerciais foi outro fator motivacional significativo, para a sustentabilidade e consolidação do crescimento e expansão da Assíria. Situada no norte da Mesopotâmia, a cidade de Aššur tinha já durante o período paleo-assírio assumido uma característica comercial, especialmente relevante nas suas relações com a Anatólia. Como foi referido anteriormente, o controlo da região do Alto Tigre encontra-se associada precisamente ao controlo de rotas comerciais que se dirigiam para a Anatólia Oriental e Central. O domínio, mesmo que parcial, do comércio de metais afigura-se de extrema importância para um estado que pretende concretizar uma política territorial expansionista. Da mesma forma, parte do controlo indireto aplicado à região dos Zagros prende-se na mesma medida com o controlo de rotas comerciais.

Paralelamente ao eixo este-oeste que os assírios pretenderam controlar no norte da Mesopotâmia, foram efetuados muitos esforços no controlo do eixo sul-norte, que, vindo da Babilónia, acompanhava o curso do Eufrates até à Síria. Foi durante o reinado de Tukulti-Ninurta que os assírios conseguiram atingir as margens

---

<sup>54</sup> A.O.78.1001, que se assemelha a A.O.78.1 (Grayson, 1987: 231-239, 291-292).

do Eufrates, na região de Emar, onde surgem testemunhos de empreendimentos comerciais assírios, assim como na região do Médio Eufrates. O tratado entre o rei hitita e Šaušgamuwa de Amurru, lançando as bases dum embargo comercial à Assíria, deixa antever que o alcance dos mercadores assírios ia muito para além das proximidades das fronteiras da Assíria. A conquista da Babilónia foi mais um passo dado no controlo das rotas fluviais e eventualmente do comércio do Golfo Pérsico<sup>55</sup>.

Seria, então, desta forma que os monarcas assírios conseguiam o abastecimento de metais importantes, como o cobre e o estanho, para a manutenção da máquina de guerra na qual apoiavam a expansão territorial, para além doutras matérias-primas economicamente necessárias.

Finalmente, os recursos humanos, apresentam-se como outro fator motivacional relevante no processo de expansão. A captura das populações vencidas em batalha revelou-se um bem precioso na sua conversão em mão-de-obra escrava. Para além do fator político, enquanto medida de controlo e restrição da liberdade de movimentos de resistência à autoridade assíria, esta massa de trabalhadores foi aplicada de forma sistemática em diversos projetos de construção, sendo o mais emblemático a fundação de Kar-Tukulti-Ninurta, explorações agrícolas e inclusivamente deveres militares. Mais uma vez, não só interessava ao monarca assírio a aquisição de mão-de-obra escrava, mas também para as elites, que obtendo terrenos agrícolas para explorar, via conveniência na recondução de parte desses recursos humanos para os seus próprios interesses<sup>56</sup>.

Procurou-se, assim, sistematizar as diferentes motivações que são observadas em relação com a expansão assíria, dividindo e tratando-as de forma individual, tendo em conta as suas especificidades. Apesar de tipologicamente estar-se perante três categorias motivacionais, e da sua análise se efetuar de forma independente, estas estão estreitamente interligadas e surgem associadas nas diferentes frentes da

---

<sup>55</sup> A referência nas inscrições reais de Makan resulta, na opinião de Munn-Rankin (2006: 285) e de Harrak (1987: 244) na confusão dos escribas e do seu desconhecimento da sua localização geográfica precisa, colocando este território do Golfo de Oman a oeste de Nairi.

<sup>56</sup> No texto A 2994, descoberto em Aššur e publicado por Brinkman e Donbaz (1985), surge o juramento dum presumível oficial em como não usou mão-de-obra estatal para benefício próprio (Harrak, 1987: 228). A existência deste julgamento levanta suspeitas que a prática de abuso de poder por parte de elites assírias em territórios distantes da capital seria suficientemente relevante para que fosse movido ações judiciais contra os suspeitos de corrupção.

expansão territorial assíria. Não é possível apontar apenas motivações económicas, políticas ou ideológicas nas diferentes campanhas que são promovidas, seja em direção ao ocidente e ao Eufrates, seja para norte e este, os Zagros, seja finalmente para sul, a Babilónia. No entanto, e apesar da combinação destes estar presente nas várias frentes, surgem interesses paralelos aos do monarca assírio, que tanto podem garantir o apoio à sua política e estratégia, como surgir enquanto foco de tensão interna, como parece ter sido o caso na parte final do reinado de Tukulti-Ninurta.

#### **IV.2 Resistências e oposições**

Num quadro de dinâmica expansionista, a Assíria conseguiu ao longo do séc. XIV a.C. e principalmente durante o séc. XIII a.C. empreender um processo de aquisição territorial que resultou na expansão meso-assíria. No decurso deste processo gradual, várias resistências e oposições levantaram-se perante os sucessos assírios. Por um lado, os povos, que duma forma ou doutra se foram submetendo à autoridade assíria, apresentaram diferentes estratégias de resistência, quer o confronto direto, em batalha, quer pelo levantamento de revoltas, num momento posterior à submissão.

Por outro lado, as potências regionais que se movimentam por forma a opor-se à expansão assíria. Desde o reinado de Aššur-uballit que o Mitanni, enquanto potência, entra num declínio acentuado, especialmente devido a problemas internos, onde se inclui a ação deste rei, assim como a guerra contra o Hatti. A afirmação dos hititas enquanto potência regional é clara durante o séc. XIV a.C., que procuram ocupar parcialmente o vazio de poder criado com a queda do Mitanni, mas principalmente bloquear indiretamente a crescente dinâmica expansionista assíria. Também a Babilónia não cessa de empreender campanhas militares que chegam a ameaçar a própria capital assíria.

Apesar de todas as resistências e oposições, a dinâmica expansionista não abrandou até ao reinado de Tukulti-Ninurta, marcando simultaneamente o auge e a estagnação ou mesmo o declínio desta. Curiosamente, não é possível efetuar uma relação direta entre resistências e oposições observadas durante este reinado e o

início do declínio meso-assírio do séc. XII a.C., já que alguns autores têm apontado o ritmo acelerado da expansão como o principal fator que concorreu para a inversão da dinâmica.

Assim, para a melhor compreensão do fenómeno expansionista deve-se ter em consideração o grau de complexidade presente, procurando avaliar o mais rigorosamente possível, tendo em conta as fontes disponíveis, a importância de cada um dos fatores que contrariaram a força expansionista que se revelou sólida e permanente durante mais de um século.

#### *IV.2.1 Resistências internas*

Após a conquista territorial assíria do Hanigalbat, assistem-se a momentos em que as elites autóctones se organizam perante a vontade de expulsar o conquistador assírio e assim recuperar a sua independência. Estes movimentos independentistas ocorrem principalmente em situações em que o dominador se encontra enfraquecido, como a morte dum rei ou afrouxamento da autoridade em determinado local.

Tukulti-Ninurta enfrentou revoltas de territórios submetidos ao jugo assírio durante o seu reinado, desde o norte do Hanigalbat nos primeiros anos de governo à recuperação da independência de pequenos territórios a nordeste da Assíria, num momento mais avançado do reinado.

Assim, e como foi referido acima, nas inscrições reais encontram-se atestadas revoltas generalizadas dos territórios a noroeste, que Tukulti-Ninurta foi forçado a sufocar com o recurso à força militar. Segundo a descrição apresentada nas inscrições reais, os territórios a norte de Kašiiari foram reconquistados após a derrota militar duma aliança de pequenas entidades políticas, lideradas pelo rei de Alzu, Ehli-Tešub. Esta aliança incluía para além do Alzu, as terras de Šubaru – Purulumzu, Amadanu – e Katmuhu. O envolvimento de Nairi, pelo menos na fase inicial, é de difícil confirmação.

A localização destes territórios é um pouco incerta, contudo, parece estar estabelecido que todos se encontravam a norte do Kašiiari, ou seja, na região do Alto Tigre. Katmuhu, o primeiro território a ser recuperado é também aquele que se

encontra mais próximo da Assíria. Depois e seguindo o curso do Tigre, no sentido da nascente, sucedem-se Purulumzu e Amadanu e finalmente Alzu.

Na leitura dos textos das inscrições, é possível distinguir os estatutos destas diferentes entidades e lançar hipóteses sobre o estatuto que cada uma detinha, segundo o ponto de vista assírio. Katmuhu, embora localizado próximo da Assíria, parecia gozar duma relação de dependência, através dum tratado de suserania, não sendo portanto diretamente administrada pelos assírios. A avaliar pela frase «Naquele ano cinco cidades fortificadas da terra de Katmuhu, capitais rebeldes, que, durante uma paz traiçoeira, arrastaram a minha gente (e) saquearam a minha terra, eu conquistei na plenitude do tempo»<sup>57</sup>, reconhece-se a existência dum tratado de paz, entre a Assíria e o Katmuhu, enquanto a expressão capitais rebeldes leva a crer que de alguma forma existiria uma submissão do Katmuhu à Assíria, nos mesmos moldes que outras entidades nos Zagros.

Para além das referidas entidades políticas, podem ser acrescentados mais alguns topónimos que estão englobados com os anteriores num mesmo grupo numa descrição semelhante do mesmo episódio<sup>58</sup>, que são Buššu, Mummu, Nihanu, Alaia e Tepurzu. A referência a Madanu parece relacionar-se com Amadanu doutra inscrição real, assim como Kummuhu com Katmuhu<sup>59</sup>, embora o texto esteja fragmentado o que leva a aumentar as dúvidas.

Da mesma forma que se pode considerar o Katmuhu como uma entidade submetida ao domínio assírio, através da caracterização presente nos textos, também se podem considerar as terras de Alzu e de Šubaru, que Tukulti-Ninurta considera «insubmissos»<sup>60</sup> e que como o monarca recorda, já no tempo do seu pai se tinham «revoltado e retido tributo»<sup>61</sup>.

O termo Šubaru refere-se a um conjunto populacional, que englobaria as regiões geográficas de Purulumzu e Amadanu. Da mesma forma, a referência à totalidade de Kašiiari remete para um conjunto de territórios distintos que estariam

---

<sup>57</sup> A.O.78.1 (Grayson, 1987: 231-239).

<sup>58</sup> A.O.78.5 (Grayson, 1987: 243-246).

<sup>59</sup> A.O.78.9 (Grayson, 1987: 250-251).

<sup>60</sup> A.O.78.6, A.O.78.18 e A.O.78.21 (Grayson, 1987: 246-247, 265-266, 268-269).

<sup>61</sup> A.O.78.1 (Grayson, 1987: 231-239).

localizados nas proximidades destes montes. Os textos de Dûr-Katlimmu sugerem que no Hanigalbat, a sul de Kašīiari, reinava a paz, por via do controlo direto dos assírios a partir deste centro administrativo. Assim, a submissão da totalidade deste território relaciona-se mais com o finalizar da restauração do controlo e paz a norte, no vale do Tigre, do que a reconquista de toda uma região que se havia rebelado.

O momento no reinado de Tukulti-Ninurta em que o Alto Tigre se sublevou contra o jugo assírio não é fácil de estabelecer com rigor. A confiar na ordem em que surgem nas inscrições reais as campanhas militares, só após a campanha nos Zagros frente a Paphu, Qutu e Mehru é que Tukulti-Ninurta se volta para noroeste. Assim, as campanhas frente ao Alzu e ao Šubarū terão sido efetuadas não no início imediato do reinado mas dois ou três anos após a ascensão ao trono (Harrak, 1987). Criam-se, então, dois cenários hipotéticos. No primeiro cenário o Alto Tigre revolta-se no momento da ascensão ao trono, ou mesmo ainda nos anos finais de Salmanasar, ou em alternativa este acontecimento ocorreu imediatamente antes da campanha militar empreendida por Tukulti-Ninurta.

O mais natural seria as populações subjugadas aproveitarem as sucessões monárquicas para beneficiar do enfraquecimento político temporário, na esperança de que o novo rei fosse fraco demais para poder reagir perante a quebra dos laços de submissão. A acrescentar este facto, a conhecida história de resistência ao domínio assírio que os povos do Alto Tigre perpetuaram, usando em sua vantagem o relevo acidentado da sua região. Por contraste, o sul do Hanigalbat era muito mais plano e dessa forma redutor da eficácia defensiva.

Num segundo cenário, estas entidades políticas mantiveram-se, num primeiro momento após a coroação de Tukulti-Ninurta, como súbditos do novo rei, eventualmente ainda a recuperar dos danos infligidos pelos assírios durante o reinado de Salmanasar. Esta cautela terá sido então posta de lado devido a um fator externo. Os hititas surgem como os principais suspeitos duma manobra indireta de se oporem ao crescente poderio assírio, que ameaça o equilíbrio de forças na região. Já antes o Hatti tinha procurado garantir a existência do moribundo Mitanni, na forma de estado tampão separando as duas potências. O enfraquecimento permanente do Mitanni impediu o sucesso dessa estratégia, e assim é natural que os hititas se vejam na

contingência de fomentar revoltas em territórios que lhe fossem próximos geograficamente e em que o controlo assírio não estivesse totalmente consolidado.

Embora um pouco distintos, os dois cenários hipotéticos resultaram num final semelhante, a vitória assíria. A presença de vestígios arqueológicos meso-assírios no Alto Tigre confirma a concretização do domínio no terreno. A região de Tušan e Tai'du pode ter funcionado como uma base avançada, não só enquanto defesa de incursões vindas do oeste, como foi referido acima, mas também como reforço do poder assírio no vale do Alto Tigre.

#### *IV.2.2 Hititas*

O império hitita após a batalha de Qadeš assumiu-se como a grande potência do Médio Oriente. As vitórias sobre o Mitanni permitiram ao Hatti a consolidação deste estatuto. Dessa forma, a solidez e prestígio conseguido no séc. XIV a.C. foi um fator significativo para que o processo de afirmação internacional assírio aos olhos hititas fosse demorado e por diversas vezes ignorado. Apenas na segunda metade do séc. XIII a.C. é que surgem contactos cordiais, a avaliar pela correspondência encontrada. Tudhalyia IV foi o rei hitita que procurou amenizar e estabilizar as relações hitito-assírias, mesmo nos momentos em que Tukulti-Ninurta afrontou essa estratégia.

Num primeiro momento, parecia que as tensões geradas durante os reinados anteriores, tanto assírios como hititas, podiam começar a dissipar-se dando lugar a relações mais amistosas. A correspondência entre as cortes de Tudhaliya IV e Tukulti-Ninurta mostra precisamente esta inversão diplomática. Com efeito, nos exemplares epistolares o reconhecimento do rei assírio como LUGAL.GAL, Grande Rei, tal como o tratamento entre os monarcas como irmãos, foi uma vitória no campo diplomático assírio que há muito tardava a chegar, já que no terreno o poder assírio se igualava ao hitita.

Esta política de cordialidade e apaziguamento nas relações hitito-assírias não demonstra qualquer intenção de Tudhaliya IV em ceder ainda mais terreno perante uma Assíria pujante, mas sim uma estratégia desenhada pelo rei hitita que parece

passar principalmente pelo confronto indireto, evitando a abertura de hostilidades militares em larga escala.

Assim, logo nas cartas enviadas a oficiais assírios, paralelamente à carta enviada a Tukulti-Ninurta felicitando-o pela ascensão ao trono, apresentavam-se as verdadeiras condições que Tudhaliya IV exigia em troca da paz. O tom cordial não desaparece, mas o hitita apela a que o novo rei defenda as fronteiras que o pai, Salmanasar, estabeleceu. Estende ainda a garantia de apoio em caso de existir alguma ameaça à manutenção de Tukulti-Ninurta no trono assírio.

Vários autores têm vindo a reconhecer um aviso velado nas palavras de Tudhaliya IV. O rei hitita claramente deixa pairar a ideia que qualquer tentativa de expansão assíria, que naturalmente colidia diretamente com os interesses hititas, seria motivo para retirar o apoio oferecido e inverter a política de estabilização regional. Tukulti-Ninurta não acedeu a estes pedidos hititas e da mesma forma o Hatti não se coibiu de assumir uma política de oposição ao avanço assírio.

O tratado entre o Hatti e Amurru, que estabelece um bloqueio comercial à Assíria, é uma prova da estratégia hitita em relação à Assíria. O real valor prático desta medida, assim como a extensão geográfica deste bloqueio são desconhecidos, dificultando a avaliação desta estratégia. A guerra com a Assíria está claramente afirmada neste documento, tal como estão as relações pacíficas com a Babilónia e o Egito. Ainda assim, o rei assírio, que não é nomeado, é reconhecido como um dos grandes reis, a par com o babilónio e o egípcio, apesar de ser inimigo declarado e estando em guerra aberta contra ele.

Outros documentos, desta feita de Ugarit, revelam os preparativos para a guerra, que esta cidade tinha de efetuar na qualidade de aliado hitita. Estando sob a dependência do vice-reino de Karkemiš, uma carta mostra a intenção de ser efetuada uma revista às tropas para que possam ser postas em marcha numa questão urgente. Por outro lado, outro documento converte a obrigação de envio de tropas de Ugarit para a guerra contra a Assíria numa prestação pecuniária.

A existência duma guerra aberta entre as duas potências parece contrária à vontade de Tudhaliya IV, e para além disso não encontra muito eco da parte das fontes



assírias. Exceção feita à afirmação que surge em duas inscrições reais<sup>62</sup> referindo a captura de 28.800 hititas do outro lado do Eufrates, isto é, da margem oeste. Este episódio é sempre associado à expressão «no início da minha soberania», antes da descrição dos sucessos militares nos Zagros e Alto Tigre. Muitas dúvidas têm surgido em torno desta afirmação, desde logo, o facto de esta só surgir em inscrições datáveis a partir da fundação de Kar-Tukulti-Ninurta. A omissão em inscrições cronologicamente anteriores levanta suspeitas. Para além disso a referência a hititas para além do Eufrates causa estranheza uma vez que etnicamente as populações não são hititas, mas sírios. González Salazar (2003: 154) refere-se a estes cativos como populações que estariam de alguma forma relacionadas com os hititas, não só sírios como outros povos mais a montante do Eufrates. A ocorrência deste acontecimento tão cedo no reinado de Tukulti-Ninurta entra em confronto com a cordialidade hitita das cartas enviadas ao novo rei. Apenas no auge do seu poder, aquando da fundação duma nova capital e após a vitória sobre os cassitas, Tukulti-Ninurta sentir-se-ia à vontade para vangloriar-se desse sucesso. Ainda assim, uma ação desta envergadura dirigida diretamente aos hititas teria, sem dúvida, motivado uma forte reação do Hatti, logo após o acontecimento, algo em que as fontes se mostram silenciosas.

A existência duma guerra entre a Assíria e o Hatti não está, durante o reinado de Tukulti-Ninurta, explícita nas fontes conhecidas, contudo como se pode verificar acima, existem indícios dum clima de hostilidades entre as duas potências durante o reinado de Tudhaliya IV, cuja duração abrange tanto Salmanasar como o filho. A dificuldade na atribuição cronológica de alguns documentos epistolográficos coloca-se ao nível da identificação do remetente e do endereçado. Nas cartas que se têm vindo a analisar, o rei hitita encontra-se identificado, no entanto, o rei assírio ou não é nomeado, como no caso do tratado com os amorritas, ou não é legível.

Existe uma carta<sup>63</sup>, encontrada em Ras Šamra, a antiga Ugarit, que refere um episódio militar entre os hititas e os assírios, na região de Nihiriya. Estando o recetor da missiva claramente identificado como o rei de Ugarit, infere-se pelo contexto que o emissor era um rei assírio, até porque o rei hitita surge na terceira pessoa. O texto

---

<sup>62</sup> A.O.78.23 e A.O.78.24 (Grayson, 1987: 271-276).

<sup>63</sup> RS 34.165.

descreve o desenrolar de acontecimentos centrados em Nihiriya, que o hitita tinha ocupado, justificando-se com uma agressão assíria a um vassalo ou aliado seu. O assírio reage avançando para Tai'du com o seu exército e dá-se início a negociações que conduziram à paz. Contudo, o rei assírio refere que está em guerra com a cidade e pede ao hitita para se retirar. Perante a recusa, os assírios movimentam-se para outra cidade, Sura. O confronto entre os exércitos acaba por ocorrer e dá-se a vitória sobre os hititas, longe das suas bases de apoio.

A localização desta cidade mantém-se em discussão, existindo duas hipóteses dominantes entre a comunidade científica: ou a sul dos montes Kašiiari, devido às referências de Mari; ou a norte desta cadeia montanhosa, no vale do Alto Tigre, a sudeste de Malatya, justificada por outras fontes hititas, assírias e do Urartu. Singer (1985) defendia esta última localização, fazendo um paralelo entre Nairi e Nihiriya. Existe ainda uma terceira possibilidade, baseada num tratado entre o Hatti e um oficial de Išuwa, que coloca Nihiryia ainda mais a norte. Esta cidade constituía-se como um foco de tensão e conflito entre assírios e hititas, da mesma forma que anteriormente Turira também o tinha sido, sem que um claro domínio duma ou outra potência esteja estabelecido.

González Salazar (2003: 156) acredita que esta cidade se situaria num ponto estratégico importante, uma vez que controlava uma das mais importantes rotas entre o Hatti e a Assíria. Efetivamente, a presença meso-assíria no Alto Tigre encontra-se atestada, o que revela um esforço militar de controlo da região e a constituição duma política ativa de alargamento das fronteiras até ao Alto Tigre, mais próximo dos domínios hititas.

A existência desta carta parece relacionar-se com uma tentativa do rei assírio em minar a fidelidade de Ugarit para com os hititas e dessa forma os acontecimentos descritos devem ser analisados à luz da intenção com que foi escrita e tendo em conta a autoria naturalmente tendenciosa. A fragmentação do próprio documento lança ainda dúvidas sobre a identidade do rei assírio, Tukulti-Ninurta ou o seu pai Salmanasar.

Um documento hitita<sup>64</sup> parece estar associado a este episódio, apesar que o seu estado de conservação volta a colocar dúvidas sobre quem foram os atores deste acontecimento. No texto, o rei hitita critica a postura dum seu aliado, que num momento crítico no conflito que o opunha aos assírios se pautou pela passividade e não veio em auxílio dos hititas. A debilidade do Hatti surge, uma vez que, perante estes indícios de traição declarada, o monarca hitita não empreendeu, nem se vislumbra que tal viria a suceder, uma ação punitiva. O interesse hitita em manter (ou recuperar) o seu aliado era mais significativo do que a afirmação inequívoca da sua autoridade. O aliado faltoso não se encontra identificado com rigor, devido à conservação do documento, no entanto, este é com muita probabilidade Išūwa, que localiza precisamente no extremo ocidental da região do Alto Tigre, posicionando-se assim como entre os novos territórios assírios e os domínios hititas.

O ambiente de receio dum novo ataque assírio e afronta dos interesses hititas na região da fronteira oriental do Hatti está presente e a cautela na política de confronto com os assírios está conforme as relações entre Tudhaliya IV e Tukulti-Ninurta. Do ponto vista hitita, a política de contenção da expansão assíria encontrava-se em risco, nomeadamente pelo desmantelamento do sistema de estados-tampões. Se para além da derrota de pequenas entidades políticas que resistiam ao avanço assírio, o rei hitita é confrontado com a inoperância dos seus aliados perante o perigo do inimigo entrar no coração do Hatti, o clima de instabilidade e medo é naturalmente justificado.

Esta frente assíria, seguindo o vale do Tigre, apesar de vitoriosa não é continuada. Na realidade, a oposição hitita pode ter-se revelado frágil, na estratégia em que foi definida, mas o rei assírio parece ter preferido consolidar a fronteira que entretanto alargou, ao invés de continuar a pressão até que um dos lados cedesse. Assim, e controlando uma zona chave que ao mesmo tempo defendia o acesso a Aššur e se configurava como base para posterior avanço, não existem notícias que Tukulti-Ninurta tenha voltado a avançar com um exército para oeste, a partir deste ponto. Assim, a um dado momento do seu reinado, foi estabelecido um equilíbrio de forças nesta frente.

---

<sup>64</sup> KBo IV 14.

Por outro lado, mais a sul, na região do Balih, a fronteira com os domínios hititas situava-se numa zona difusa entre este rio e o Eufrates. A estratégia hitita baseava-se na força defensiva da praça de Karkemiš, ponto estratégico importantíssimo na defesa face a uma invasão ao território hitita a partir da Síria. A importância desta cidade encontra paralelo na posição de poder do vice-rei de Karkemiš, cargo detido geralmente por filhos ou irmãos do rei hitita.

Uma vez desaparecidos os reis mitanianos, criou-se um espaço vazio de poder que os assírios paulatinamente ocuparam, apesar dos esforços hititas de contenção e de criação de mais um estado-tampão criado a partir das ruínas do Mitanni. A força militar assíria derrotou quaisquer pretensões hititas a este do Balih, mas entre este e o Eufrates a presença hitita fez-se sentir mais diretamente, pela proximidade com Karkemiš. O vice-rei gozava de grande autonomia, o que lhe permitia uma maior operacionalidade e reação rápida perante ataques vindos do oriente. Da mesma forma que o Hatti estabeleceu alianças no Alto Tigre, como o caso de Išuwa, também o reino de Emar se considera na esfera de influência de Karkemiš, assim como outras entidades políticas mais a ocidente do Eufrates.

A guerra aberta entre Hatti e Aššur também tem ecos no vice-reino de Karkemiš e prova disso são as cartas que Ini-Tešub envia para Ibiranu de Ugarit. O pedido de concentração de tropas em Mukiš enviado por Ini-Tešub foi recebido, mas por uma carta posterior verifica-se que a baixa qualidade das tropas enviadas não agradou ao vice-rei. Relacionando estes documentos com a carta que o rei assírio enviou para Ugarit, Freu (2003b: 107) aponta uma postura atenta e cautelosa deste vassalo hitita.

O papel de Emar, enquanto cidade sob dependência hitita, apresentou-se como mais um reforço de bloqueio ao avanço assírio para além Eufrates, contudo, a posição política deste reino parece ser algo ambígua, pelo que pode ser observada pelos documentos encontrados. Existem referências a uma certa influência assíria na região, apesar de esta não ser dominada por estes. A permanência duma guarnição assíria nas proximidades de Emar tanto poderia reforçar a defesa perante a ameaça exterior assíria, como garantir a fidelidade da cidade síria.

A destruição de sítios hititas na margem oriental do Eufrates concorda com o avanço definitivo até este rio por parte da Assíria, que assim estabelecia a fronteira mais ocidental.

Porém, os assírios não chegam a ameaçar diretamente os domínios hititas. Mesmo estabelecendo que os episódios acima descritos resultam da ação de Tukulti-Ninurta, e por conseguinte da manutenção da política de expansão em direção a oeste, o ataque babilônio vem redirecionar o foco da atenção assíria para sul.

A partir dum certo momento, possivelmente antes da conquista da Babilônia, o império Hitita e Assíria estabelecem um *status quo* que melhora as relações entre ambos, a partir da derrota sofrida pelos hititas. Segundo Freu (2003: 116-117) até à morte de Tukulti-Ninurta, e mesmo após os reinados dos seus sucessores, os hititas mantiveram-se em paz com os assírios. Perante as informações apresentadas, durante o reinado de Tudhaliya IV a estratégia hitita inverteu-se totalmente, procurando efetivamente a resolução mais ou menos pacífica, mesmo quando a belicosidade de Tukulti-Ninurta ameaçou a viabilidade desta política.

Do ponto de vista assírio, a determinação hitita em pacificar a sua frente sudeste permitiu o avanço e consolidação do domínio nas regiões do Alto Tigre e Balih e Médio Eufrates (margem oriental), no entanto de alguma forma atenuou o ímpeto conquistador em direção à Síria, seja por força da manobra babilônica, seja pelo poder dissuasor do Império Hitita.

#### *IV.2.3 Babilônios*

Durante todo o período meso-assírio, foram os babilônios quem se revelaram os rivais mais perigosos dos reis assírios. Simultaneamente, este poder não se encontra apenas patente na força militar, mas também na dimensão cultural. Efetivamente, durante os duzentos anos anteriores à morte de Tukulti-Ninurta, a Assíria manteve com os seus vizinhos a sul uma relação de confronto permanente, exceto em breves momentos, em que por via da força os assírios conseguiram submeter os cassitas, como nos casos de Aššur-uballit ou Tukulti-Ninurta.

No quadro de relações entre estas duas potências, a Assíria viveu momentos críticos durante o séc. XIV a.C. devido à ação militar empreendida pelos reis cassitas. A partir das descrições das guerras, percebe-se que Aššur nunca esteve muito longe dos cenários de guerra. O recurso ao flanqueamento pelos Zagros, com o recrutamento de guerreiros nesta região, em alternativa ao acesso por via direta da Assíria, permitiu aos reis babilónios surgirem nas proximidades da capital assíria e assim colocar uma grande pressão sobre os assírios, que lutavam pela sobrevivência.

Cerca de um século separa a vitória de Aššur-uballit e consequente ingerência nos destinos babilónicos e a conquista da Babilónia por Tukulti-Ninurta. Durante este intervalo de tempo, em que a Assíria se superiorizou ao seu rival do sul, os reis cassitas conseguiram duma forma consistente afastar a ameaça nortenha. Mas, nota-se que apesar dos momentos de aflição vividos pelos sucessores de Aššur-uballit, a capacidade bélica cassita foi enfraquecendo. Assim, à medida que se aproxima o reinado de Tukulti-Ninurta, observa-se que a localização dos campos de batalha move-se progressivamente para sul, e desta forma, afasta-se definitivamente da capital assíria.

Progressivamente, a fronteira meridional assíria afasta-se das proximidades de Aššur e ultrapassa o Zab Inferior. A este facto não é alheio a queda do reino de Arrapha e de Nuzi, cujo território passa parcialmente a ser controlado pelos assírios.

As informações sobre as manobras militares ou as políticas empreendidas por ambas as potências são sempre em menor medida do que seria desejável. Ainda assim, é no período do reinado de Tukulti-Ninurta que se obtém maior informação sobre as relações assírio-babilónicas. Contam-se neste grupo inscrições reais, crónicas, listas reais, documentação administrativa e a Epopeia de Tukulti-Ninurta.

Estes documentos permitem retirar algumas informações sobre as relações existentes entre a Assíria e a Babilónia cassita, designadamente avançar hipóteses sobre as políticas postas em prática por cada uma das potências perante os sucessos e insucessos da rival. Lopp Raduà (2001) é da opinião que desde o reinado de Aššur-uballit que a Babilónia se perfila como o grande oponente à estratégia assíria, sendo dessa forma o seu domínio um objetivo político e ideológico assírio. Por outro lado, a Babilónia considera o seu vizinho a norte como uma potência de estatuto inferior, de

que é prova a carta que foi enviada para o Egito em reação à abertura diplomática de Aššur-uballit, onde caracteriza os assírios como seus súbditos.

A oposição ao crescimento e expansão assíria está patente na permanência dum estado de guerra comum a todos os reinados dos sucessores de Aššur-uballit. Mesmo quando este rei assírio conseguiu intervir diretamente nos assuntos babilônios, primeiro com um bem-sucedido matrimônio entre as duas cortes e depois, após o assassinato do rei babilônio, a garantia por via da força militar da ascensão ao trono cassita do seu neto, as forças políticas babilônias não permitiram que este estado de boas relações perdurasse durante muito tempo. O próprio neto do monarca assírio vai atacar a Assíria e colocar em risco a expansão assíria que ainda se encontrava no início. Talvez um dos maiores fatores que levou a um certo estancar do dinamismo assírio inicial, que tinha o cunho de Aššur-uballit, foi precisamente a oposição movida pela potência cassita. Os reinados de Adad-nirari e Salmanasar foram brilhantes, do ponto de vista militar e político, com a aquisição de novos territórios e a subjugação de povos vizinhos, mas se repararmos no mapa da Figura 5 (p. 108), o alargamento para sul foi muito limitado, tendo por comparação a fulgurante expansão para oeste.

A ação dos reis cassitas em suster a progressão assíria em direção a sul foi bem-sucedida durante mais de um século. A pressão militar que mantiveram em território nuclear assírio manteve a guerra e os seus efeitos nefastos longe das suas possessões da Baixa Mesopotâmia. Mas convém lembrar que a frente assíria não era a única preocupação para a monarquia cassita, já que a leste situava-se um inimigo mais perigoso, devido à sua proximidade, e cuja sombra da ameaça se manteve durante séculos, o Elam.

A existência do Elam enquanto ameaça à integridade territorial da Babilónia deve ter preocupado em grande medida os reis cassitas, e desta forma, em momentos de maior perigo elamita nota-se o afrouxamento da pressão sobre a Assíria. De qualquer forma, não existem indícios de que tivesse existido uma tentativa de coordenação de esforços anti-babilónicos, num eixo assiro-elamita, contudo não é de descuidar a hipótese de que ambas potências as conheçam as manobras dos outros e poderia existir um aproveitamento oportunista da situação.

Já em relação à oposição ao avanço assírio por parte dos cassitas da Babilónia, o isolamento diplomático da Assíria estava com certeza nos seus planos. A carta enviada para a corte egípcia, referida anteriormente, onde é demonstrando o desagrado pela possibilidade dos assírios conseguirem contactar e relacionar-se com um grande rei, apresentando-se ao mesmo nível, como irmão, é exemplar. Perante a queda do Mitanni e a passagem gradual mas certa dos seus territórios para mãos assírias, apenas um aliado natural surgia no horizonte diplomático babilónico, o Hatti.

Passado um século desde o saque da cidade babilónia pelos hititas, é no Hatti que os cassitas se focam, para a criação duma coligação anti-assíria. A animosidade hitita perante a expansão assíria já foi aqui referida e assim as duas potências juntam esforços na supressão da dinâmica expansionista assíria, duma forma mais ou menos explícita, recorrendo à via de comunicação natural do Eufrates. Ambas as potências tinham possessões no Médio Eufrates, que desta forma se assumia como uma zona de interface entre as áreas de influência do Hatti, especialmente concentradas em Karkemiš e Emar, e da Babilónia, em Terqa. Llop Raduà (2001) põe em evidência este eixo, essencial na operacionalização da aliança hitita-babilónica.

Para além desta ligação diplomática que reforçava a pressão sobre a Assíria e levava a que a expansão assíria fosse feita duma forma mais cautelosa, a estratégia babilónica passou também pela manutenção duma zona-tampão, que dificultasse o empreendimento duma invasão vinda de Aššur e mantivesse afastada a ameaça assíria. A manutenção deste espaço intermédio entre os territórios assírios e babilónicos foi conseguida até ao reinado de Tukulti-Ninurta, já que nas inscrições reais iniciais deste rei, a definição das fronteiras era colocada nas margens do Zab Inferior. A existência do reino de Arrapha, nesta zona transtigrina, levantava um obstáculo extra na progressão para sul, contudo com a queda deste pequeno reino, dividido tanto por babilónios como por assírios, de certa forma abriu uma pequena brecha no sistema montado pelos cassitas.

Outro passo na desmontagem da estratégia babilónica foi a ocupação do Médio Eufrates babilónico. Após a consolidação da frente ocidental, com as campanhas do Alto Tigre e o apaziguamento das relações com Tudhaliya IV, Tukulti-Ninurta aproveita a oportunidade oferecida para cortar as vias de comunicação entre o Hatti e a



Babilónia. A captura de cidades como Mari e Terqa possibilitou à Assíria o controlo do curso do Eufrates, acompanhado paralelamente pela rota que ligava o sul da Mesopotâmia aos reinos sírios. Dûr-Katlimmu oferecia a base de operações para o controlo do Médio Eufrates, surgindo na sua documentação alguns indícios sobre uma campanha nesta região.

Uma vez cortado o acesso ao território hitita, restava à Babilónia a contra-ofensiva. Na descrição do poema épico de Tukulti-Ninurta a iniciativa foi atribuída a Kaštiliaš. Contudo, a credibilidade deste documento enquanto fonte histórica não confirma com grande certeza este facto, mas a avaliar pelo enfraquecimento da posição babilónica é possível que o rei cassita considerasse que a melhor defesa era o ataque. O desfecho da derrota de Kaštiliaš foi o domínio assírio sobre o sul da Mesopotâmia, algo que Llop Raduà (2001) considera que foi o grande objetivo da monarquia assíria desde o século XIV a.C.

Como foi conseguido esse domínio, quanto tempo durou e qual a extensão efetiva, são questões que permanecem em aberto e continuam a ser discutidas pelos investigadores. Do ponto de vista babilónico, até à derrota de Kaštiliaš a estratégia montada pelos reis cassitas tinha funcionado no objetivo de manter afastada a ameaça assíria. A partir do momento em que Tukulti-Ninurta captura o monarca babilónio, a estratégia defensiva alterou-se necessariamente, comportando uma componente de resistência. Mesmo reconhecendo que Tukulti-Ninurta se torna senhor das cidades do norte da Babilónia, como a capital, Dur-Kurigalzu, Kiš e Nippur, resta a dúvida da forma como o sul do país aceitou o domínio estrangeiro.

Tivesse Tukulti-Ninurta governado diretamente o reino da Babilónia ou através de reis vassalos, ou até um misto dos dois, o sul configurou-se como a pedra no sapato da autoridade assíria. Foi nas cidades do sul que se iniciou a rebelião que expulsou os assírios. Após o controlo desta região, e com uma atuação ainda pouco conhecida por parte do rei elamita no nordeste babilónico, foram criadas as condições para Adad-šuma-usur recuperar a totalidade do território babilónio e assumir-se como rei cassita de pleno direito. No entanto, este processo de “restauração” da independência da Babilónia não foi rápido e direto. A presença assíria permaneceu durante anos no norte, embora não esteja ainda determinado com precisão quanto tempo durou,

podendo inclusivamente ter perdurado até ao assassinato do rei assírio. Segundo informações de Dûr-Katlimmu, parece haver várias movimentações no seio da corte assíria para um golpe palaciano, com o apoio dos cassitas.

Tendo em conta o cenário difícil que Adad-šuma-usur tinha pela frente, com as vias de comunicações cortadas para norte complicando as relações com os hititas, contando com uma ajuda imprevisível do Elam, que muito provavelmente agia no seu próprio interesse exclusivo, e confrontado com o considerável poder bélico assírio a norte, não restavam muitas opções senão uma estratégia menos direta e mais subtil, sendo concebível uma aproximação às elites mais ambiciosas e descontentes com a atuação do rei assírio.

#### *IV.2.4 Povos dos Zagros*

Os povos dos Zagros englobam diversas entidades e populações, num espaço geográfico bastante amplo, como se encontra descrito acima. Estes povos mantiveram relações muito instáveis em relação aos reis assírios, que procuraram subjugar-los através dum misto de proeminência militar e estratégia diplomática. Como resultado, os laços de submissão enfraqueciam gradualmente até que a contribuição económica enviada pelos pequenos reis cessava e a autoridade assíria deixava de ser acatada. Assim, os reis assírios viam-se novamente na necessidade de lançar novas expedições militares que restabelecessem o domínio sobre as elites autóctones, voltando a receber o tributo devido.

Enquanto estratégias de oposição ao avanço do domínio e autoridade assíria, os povos dos Zagros, pela sua diversidade, não partilhavam, à luz das poucas fontes que existem, duma estratégia comum. Naturalmente, a capacidade defensiva reforçada pela orografia da região conduzia ao entrincheiramento das posições detidas por estes povos. O sucesso das campanhas de diversos reis assírios leva à perceção errónea da facilidade em conquistar territórios com estas características. Efetivamente, só com uma força militar acima da média é possível atacar posições inimigas que aproveitam terrenos acidentados.

Da mesma forma, em momentos em que a força militar e estabilidade política na Assíria não se encontravam em níveis razoavelmente altos, estas entidades políticas dos Zagros conseguiam resistir e manter-se afastadas do domínio assírio. Se considerarmos que o recurso à submissão destes povos, com o consequente saque e pagamento de tributo, era uma das formas dos assírios angariarem recursos económicos e humanos, então a ausência de vitórias gravadas em inscrições reais pode ser um sinal de incapacidade e insucesso militar nesta frente. Esta situação ocorre principalmente em reinados de monarcas mais fracos ou que atravessam um período mais crítico, como por exemplo, os dos sucessores de Aššur-uballit, Enlil-nirari e Arik-dîn-ili.

Se por um lado, o relevo acidentado favorecia uma estratégia defensiva, e até com características de guerrilha, politicamente criava barreiras à formação de entidades políticas de âmbito alargado, numa escala semelhante à da Assíria ou Babilónia. A organização destes povos caracteriza-se pela sua natureza fragmentada, potenciada pelo isolamento natural a que estão votadas as comunidades de montanha.

Ainda assim, o surgimento de potências políticas e militares nesta região não é completamente excluída, uma vez que mais a sudeste da Assíria consolidou-se o Elam, que no período em estudo não teve uma intervenção significativa nos assuntos assírios, se excluirmos a ação guerreira na Babilónia, durante o período de domínio assírio. Também num período posterior, a união de diversas pequenas entidades na região do lago Van conduziu à formação do Urartu.

Durante o reinado de Tukulti-Ninurta, apesar da fragmentação e diversidade destes pequenos reinos, surgiu uma coligação anti-assíria que englobando territórios do Alto Tigre, levou a guerra ao Nairi. Na própria descrição apresentada nas inscrições reais<sup>65</sup>, este território era governado por dezenas de reis, que aliados procuraram opor-se ao avanço assírio tendo acabado derrotados e de alguma forma subjugados à autoridade assíria. Para Baker (apud Bryce, 2009: 495), o Nairi era uma região montanhosa que se estendia desde o Lago Van para sudeste até à zona ocidental do

---

<sup>65</sup> A.O.78.18, A.O.78.20, A.O.78.23, A.O.78.24 e A.O.78.1001 (Grayson, 1987: 265-268, 271-276, 291-292)

Lago Urmia, não podendo ser considerada como uma «polity in its own right but contained numerous small principalities».

Para além do Nairi, outras entidades são mencionadas nas fontes pelo sucesso assírio em as subjugar. O Paphu, localizado na região do Alto Tigre, era um pequeno reino hurrita, que se aliou ao Alzu, na guerra hurrita. A terra de Uqumanu, reino localizado a nordeste da Mesopotâmia, entrou em confronto com Tukulti-Ninurta. O seu rei, Abule, conseguiu resistir durante algum tempo, mais uma vez com recurso às particularidades do relevo, até ser submetido pela força assíria. Após a derrota militar e cativo é-lhe permitido voltar ao seu país em troca dum pagamento de tributo e juramento de fidelidade. Os qutu foram sendo sucessivamente alvos de campanhas militares assírias desde o tempo de Arik-dîn-ili, incluindo durante o reinado de Tukulti-Ninurta. Pela repetição de campanhas na região dominada por este povo, deduz-se que a submissão deste povo foi feita duma forma recorrente e pouco efetiva. Serão os qutu o melhor exemplo da intermitência do domínio assírio nos Zagros. As repetidas revoltas foram sendo sufocadas com mais campanhas militares, que davam nova oportunidade aos exércitos assírios de saquear e recolher tributos das comunidades vencidas. A utilização de homens no exército assírio para o abate de árvores na terra de Mehru, outro território subjogado na campanha militar que Tukulti-Ninurta empreendeu nesta região, confirma a reutilização de recursos anteriormente afetos ao inimigo, num ciclo dinâmico e lucrativo para a Assíria, inclusivamente para as elites assírias e não apenas para o rei.

Na região ocidental dos Zagros, entre as nascentes do Zab Inferior e do Dyjala, localizavam-se os lullumu, que foram enumerados entre os povos conquistados desde Adad-nirari. Uma vez mais, a sucessão de campanhas militares que foram efetuadas no território deste povo indicia a fragilidade da autoridade assíria na região dos Zagros, e a necessidade de novas ações militares.

#### *IV.2.5 Nómadas*

Paralelamente à ocupação territorial protagonizada pelas sociedades urbanas sedentárias, coexistiam as populações nómadas que recorrendo a um modelo diferente de exploração territorial distribuíam-se pelas diversas zonas geográficas controladas pelos assírios. A existência destes dois mundos era possibilitada pelo facto que ambos funcionavam em dois planos distintos, sem que tal signifique a ausência de relações comuns. Antes pelo contrário, existiam vários pontos de contacto que permitiam a interação entre elementos de cada uma destas sociedades. No entanto, a distinta configuração social e política aproximava, mais do que opunha, de forma que existiam proveitos na relação entre sedentários e nómadas, especialmente a nível económico.

Embora se observe a existência de populações nómadas no interior das províncias assírias, estas populações geralmente não surgiam como elementos estranhos e inimigos da autoridade assíria, uma vez que se encontravam ligadas a um sistema que, como se afirma acima, permite a coexistência pacífica de ambos grupos sociais. Contudo, existem vários exemplos em que os dois mundos chocaram, o que na prática se concretizava em expedições militares empreendidas pelos estados urbanos, como a Assíria ou a Babilónia, com o intuito de punir transgressões efetuadas pelos nómadas.

Das designações atestadas nas fontes associadas a povos nómadas encontram-se os sutu, os ahlamu, os habiru e mais tardiamente os arameus. Nas palavras de Bryce «the Ahlamu lived on or outside the fringes of settled societies, as farm labourers and as marauding tribespeople who often posed a threat to the security of these societies» (2011: 11). A sua localização geográfica é compreensivelmente difícil de estabelecer, pela sua grande mobilidade, estando associada as regiões sírias e mesopotâmicas. No reinado de Arik-dîn-ili foram enunciados como aliados de Katmuhu, conjuntamente com os sutu, segundo inscrição do seu filho e sucessor. Também o pai de Tukulti-Ninurta refere os ahlamu enquanto aliados de Šatuara do Hanigalbat. O risco associado a estas populações nómadas não toma só uma forma militar, mas também as próprias vias de comunicação estão sob ameaça de interrupção, seja de enviados diplomáticos,

seja rotas caravaneiras, tal como atesta a carta já acima referida enviada por Kadašman-Enlil ao rei hitita.

O termo *ahlamu* se alguma vez aludiu a um grupo populacional específico, parece ter evoluído para a designação de qualquer tipo de nómadas que agiam enquanto salteadores, em ações de razia, para a captura de gado e escravos de populações urbanas e sedentárias. Segundo Lipinski (2000: 38) foi esta associação entre grupos de nómadas organizados em bandos e práticas violentas de roubo e saque que levou a que os arameus, em finais do II milénio a.C., fossem referidos pelas fontes meso-assírias<sup>66</sup> como *ahlamu-araméus*, tendo em conta os acontecimentos que sucederam com o aparecimento deste povo nómada.

Os *sutu*, por outro lado, constituíam-se como uma confederação de tribos nómadas, provavelmente amorritas, e localizavam-se na zona do Médio Eufrates, dispersos por regiões na Síria e Palestina, entre Mari e Qatna (Bryce, 2009: 678). A documentação parece atribuir a este termo uma designação generalizada dos grupos nómadas que constituíam uma ameaça, como por exemplo em EA 16.

Embora as fontes não sejam totalmente silenciosas relativamente a estes grupos populacionais, como vimos, estas fornecem muito poucas informações, para além duma caracterização genérica de grupos tribais perturbadores da paz e ordem. Como refere Maseti-Roault (2001: 67), em relação às populações semi-nómadas que povoavam a Djazira, os textos veiculam um discurso onde estas «passent pratiquement inaperçus, comme des mercenaires nomades, sans patrie et sans personnalité politique. Dans se conditions, aucune relation officielle de l'état assyrien – traités, vassalité, serments – n'est possible avec eux.»

Associando a imagem relativa aos grupos semi-nómadas sírios do Bronze Médio, a autora atribui um carácter marcadamente guerreiro, potenciado pela mobilidade natural, o conhecimento do território e a cultura “bárbara”, ainda selvagem, aos grupos nómadas que eram recrutados pelos pequenos reinos sírios e do Alto Tigre, com o propósito de travar o avanço da expansão assíria. Apesar da imagem veiculada pelas fontes de que estes seriam guerreiros sem raízes ou ligações, a guerra

---

<sup>66</sup> A primeira vez que o termo surge num texto meso-assírio é numa inscrição do reinado de Tiglath-Pileser I (A.O.87.1 - Grayson, 1991: 23)~.

não poderia oferecer uma sustentabilidade económica para todas as populações nómadas, que teriam um modelo organizacional interno, mesmo que distinto do modo de organização dos estados mesopotâmicos, que deveria basear-se na pastorícia (Masetti-Rouault, 2001: 68).

A anexação de territórios que tradicionalmente são apontados como base de populações como os *ahlamu* ou os *sutu*, durante o reinado de Tukulti-Ninurta, como por exemplo, o Médio Eufrates, levou a uma incorporação destes grupos, mesmo que apenas geográfica, no império assírio. A partir deste momento terá necessariamente que ter-se estabelecido uma relação entre o estado urbano assírio e estes grupos nómadas. Szuchman (2007: 114) refere uma relação maioritariamente simbiótica entre os *sutu* e os assírios, tendo em conta textos de Dûr-Katlimmu, traduzidos por Cancik-Kirschbaum (1996). Em contraste, os *ahlamu* são apresentados nas fontes como aliados tanto do Mitanni como de hititas, tendo a relação de antagonismo perdurado até ao reinado de Tiglath-Pileser I.

Anteriormente, Zadok (1991: 116) já tinha relacionado a queda do Mitanni com o aparecimento dum período de conflitualidade entre os assírios e os nómadas semitas ocidentais, em que estes grupos vagueavam livremente entre ambas as margens do Eufrates, a não ser que uma autoridade da esfera urbana os conseguisse manter sob controlo.

As dificuldades na compreensão da relação entre a sociedade nómada e a sociedade urbana assíria, reforçadas pelas escassas informações presentes nas fontes documentais, são agravadas com a introdução dum fator de complexidade, na medida em que a diversidade dos grupos existentes levou ao estabelecimento de diferentes relações, como no caso dos *ahlamu* e dos *sutu*. A presença de nómadas no interior das fronteiras (à falta dum termo melhor) assírias levou as próprias autoridades a recorrer a estratégias diversificadas na forma como lidavam com estes grupos nómadas. Inclusivamente, Szuchman (2009: 538) avança com a hipótese de que excedentes obtidos com o comércio de produtos da pastorícia por parte de grupos nómadas especializados, junto dos *dunnu* e centros administrativos, poderiam ter acelerado a sedentarização, uma vez que as elites nómadas aplicam a acumulação de riqueza na aquisição de terras, sendo uma prática incentivada pelos assírios.

Assim, esta questão permanece em aberto, uma vez que perduram muitas questões sem resposta. Contudo, parece-nos que enquanto forças de oposição, as populações nómadas podem ser vistas de duas formas. Enquanto força militar, na forma de mercenários a soldo de outros estados que se opunham ao avanço assírio, e nesta medida, apresentando-se numa forma mais regular e semelhante ao plano das sociedades urbanas em cujo conflito se envolviam.

Por outro lado, na sua forma natural, enquanto grupos nómadas, de grande mobilidade e baseando a sua economia em atividades económicas facilmente sustentáveis no quadro duma mobilidade constante, como a pastorícia. Neste plano, estes grupos tornavam-se substancialmente mais difíceis de controlar, assim como virtualmente impossíveis de submeter, pelo menos da mesma maneira que os reis assírios submeteram pequenos estados como os da região dos Zagros.

A facilidade que estes bandos tinham em saquear e escapar à punição dum exército regular, condicionava a visão que os assírios tinham destas populações e na forma como lidavam com estas. Ainda assim, compreendendo o benefício em manter relações privilegiadas com grupos que ofereciam potencialidades únicas, como o recurso aos *sutu* enquanto espiões, os assírios foram capazes de assegurar a aproximação ao mundo nómada.

A incorporação do Médio Eufrates, com o controlo da margem oriental, mas não a ocidental, permitiu uma situação em que grupos nómadas hostis escapassem ao controlo militar temporariamente, para mais tarde voltarem a entrar em territórios dominados pelos assírios. Para Zadok (1991: 116-117), esta situação de instabilidade contrastava com a que foi conseguida pelos hurritas, que controlando ambas as margens controlavam os movimentos dos nómadas.

Os grupos nómadas são como uma “carta estranha no baralho”, uma vez que tanto podiam ser uma força como uma fraqueza, enquanto atores relacionados com a Assíria. Após a morte de Tukulti-Ninurta o aparecimento dos nómadas arameus teve um impacto significativo na história mesopotâmica, concretizando esta ameaça velada.



### IV.3 Modelo de expansão

A sistematização da informação obtida nas diversas fontes permite apresentar um modelo de expansão para a época meso-assíria até ao reinado de Tukulti-Ninurta. As propostas de expansão que Liverani (1988) e Postgate (1992) apresentaram dão o ponto de partida para a reinterpretação do modelo tradicional básico de expansão, contudo estas concentraram-se principalmente nos reinados posteriores. Para além desse foco cronológico ligeiramente desenquadrado daquele que é estudado na presente dissertação, os modelos propostos estão concebidos como refletindo estratégias de administração do território, e não tanto a operacionalização da expansão e das estratégias concebidas para atingir essa meta.

É este objetivo, o de apresentar um modelo focado na expansão territorial *a priori*, que este capítulo propõe avançar. Não só um modelo especificamente focado no reinado de Tukulti-Ninurta, mas também outro, mais generalizado, que condense e sintetize a expansão assíria desde Aššur-uballit. A comparação destes dois modelos permite a compreensão da evolução da forma como os assírios procuraram expandir o seu território, face às diversas oposições que encontraram. É da interação entre as motivações e as oposições que resulta a evolução da expansão, assim como a introdução de novos fatores e objetivos, com o atingir das metas.

Para Liverani (1988: 84), o antigo paradigma, aquele que no artigo o autor propõe revogar, é baseado no conceito de império territorial, ou seja, «on the control (or lack of it) by Assyria of outlying lands that are conquered, in time lost and reconquered, one after another, in progression from the nearer to the most distant in relation to the central country». Assim, e nas palavras do autor, a expansão é comparável a uma «oil stain», que se espalha continuamente, sistematicamente e de forma uniforme, não existindo zonas intermédias que não estão sob controlo assírio. O que não quer dizer que a fronteira, definida a partir do fim dos territórios conquistados e o início dos territórios hostis, não varie ao longo dos reinados, e consequentemente o império assírio conheça períodos de expansão e de contração. A primeira fase da expansão corresponde ao intervalo que vai desde o início do reinado de Aššur-uballit até ao final do de Tukulti-Ninurta, cerca de 150 anos em que «the “Middle Assyrian

Empire” [...] gets as far as facing the Hitites along the line of the Euphrates», ao que se segue uma fase obscura (c. 1200-1100 a.C.) em que o império esboroa e o território assírio encolhe até ao seu núcleo duro.

A proposta de Liverani, tendo em conta uma análise crítica dos anais de Ašurnarsipal II e as campanhas militares dos seus predecessores Adad-nirari II e Tukulti-Ninurta II, vai apontar para um novo paradigma baseado naquilo que mais tarde passa a ser denominado de «network empire», ou seja, uma estrutura administrativa baseada no estabelecimento de uma rede de comunicação entre os diversos palácios. Argumenta ainda que um conceito imperial baseado numa rede de comunicações não é estranho para a época em estudo, sendo aliás a norma para a Idade do Bronze. A grande diferença e o maior contributo que este modelo tem, em relação ao anterior, concretiza-se na consideração da existência de territórios intermédios que não estão sujeitos ao controlo assírio.

Tendo em conta as fases da expansão, Liverani desenvolve um pouco o modelo no que se refere ao período meso-assírio inicial, considerando que a expansão assíria é efetuada às custas do Mitanni, alargando a fronteira até ao Eufrates, ficando em frente à margem ocidental hitita, que no setor mais a sul não apresenta o domínio hitita sólido existente a norte. A sul a fronteira com a Babilónia varia para norte e para sul, mas encontra-se efetivamente estabelecida na oposição entre duas entidades políticas distintas (Ver Figura 5)<sup>67</sup>. Finalmente, aponta ainda a existência dum arco que percorre, duma forma grosseira, desde o Zab Inferior até ao Alto Eufrates, bordejando com uma série de pequenos estados e tribos montanhesas, caracterizadas por um certo grau de instabilidade e que pressionam a Assíria. A presença assíria não se encontra organizada em províncias, como as que se observam no séc. VIII a.C., mas antes por uma rede de palácios e cidades assírias imersas num mundo nativo, hurrita, existindo um fluxo colonizador proveniente da Assíria, o estabelecimento de vias de comunicação e transportes de bens e mercadorias e finalmente o estabelecimento de pontos fortes, tanto nas fronteiras como no interior (Liverani, 1988: 90).

---

<sup>67</sup> Na figura 5 destacam-se os sítios cuja posse pertencia ao Mitanni, antes da ocupação meso-assíria. Constata-se que a apropriação de sítios ocupados pelos hurritas é significativa, enquanto em paralelo são fundados novos povoamentos num processo colonizador do território conquistado.

A este quadro, Postgate (1992: 256) acrescentou a ideia que a existência da rede de centros administrativos urbanos não significa que o mundo rural esteja fora do domínio assírio. Esta conceção de que os centros de poder assírios se configuram como ilhas, num mar nativo de base hurrita, cuja capacidade em manter as vias de comunicação abertas e o transporte de bens e produtos aumenta gradualmente, parece corresponder às ideias de Postgate no que se refere a uma distribuição populacional e militar no território assírio.

Para o autor, não é possível que a expansão territorial comporte uma administração igual para todo o território, já que é impossível distribuir a população numa forma igualitária. Contudo, sob a perspectiva da apropriação do território e a capacidade de controlo, o autor distingue duas situações: a “Assyria Proper”, concentrando os territórios que são administrados diretamente pelo rei em Aššur; e, em oposição, existem os «client kingdoms» que estão subjugados a Aššur, através dum tratado que os obriga a um pagamento anual de tributos, sendo governados por reis fantoche. Esta segunda forma, de reinos clientes, foi segundo Postgate atestada pela primeira vez no reinado de Tiglath-Pileser I, sendo uma prática comum no I milénio.

Durante este período inicial do império meso-assírio, o que mais se destaca foi a inversão do paradigma, concretizado pela passagem da cidade-estado de Aššur para um estado territorial, que ombreava com as outras potências da época – o Egipto e o Hatti. Recentemente, Caramelo (2011: 48) refere três direções pelas quais a expansão assíria, durante o séc. XIII a.C., se orientou: norte e nordeste, dirigindo-se para a região do Urartu; oeste e noroeste, onde se localizam as regiões eufratenses; e, sul para a Babilónia. Foi, no entanto, o «eixo latitudinário, orientado para ocidente» que se revelou «estrategicamente preponderante no processo expansionista assírio durante este período». A associação entre a posição geográfica de Aššur, localizada na margem ocidental favorece este pendor ocidentalizante da expansão.

Contrariamente a esta posição, Llop Raduà, em 2001, tinha já dado prioridade à relação entre a Assíria e a Babilónia, secundarizando o papel que a expansão para ocidente teve no período meso-assírio. Já num artigo mais recente, (2011) acautelou a importância da conquista dos territórios do vale do Habur e do Balih, mas manteve a

indicação que Tukulti-Ninurta deu prioridade à questão com a Babilónia, no momento em que a estabilização das regiões ocidentais foi obtida.

Os contributos destes diversos autores, impulsionados pelo estudo de Harrak (1987), têm particularizado a importância da expansão meso-assíria, até ao reinado de Tukulti-Ninurta, focando principalmente o eixo este-oeste, que progressivamente alarga o domínio assírio pela Djazira, posteriormente até ao Habur e Balih até que finalmente atinge o Eufrates, numa forma mais ou menos consolidada. A Babilónia, embora fossem presenciados episódios diplomáticos e militares desde Aššur-uballit, foi sendo relegada para segundo plano, até ao momento em que se produz a retumbante vitória de Tukulti-Ninurta sobre Kaštiliaš, catalisador dum debate sobre a efetiva forma de governo assírio exercido na Babilónia, desde a captura do rei cassita até ao assassinato de Tukulti-Ninurta<sup>68</sup>.

Desta forma, pensa-se estar a ser depreciada, numa certa medida, a importância que os pequenos estados dos Zagros tiveram na expansão assíria, uma vez que as referências que são feitas a esta região acabam por se caracterizar pela sua brevidade e simplicidade. Reconhecidamente, a capacidade de alargamento do domínio assírio foi maior no que respeita aos eixos ocidentais e sul, contudo o arco a que se referia Liverani (1988: 90) composto pela cordilheira dos Zagros desde o Zab Inferior até ao Alto Eufrates corresponde a cerca de metade da fronteira assíria, sendo portanto, na nossa opinião tão significativo como os outros dois, mesmo que o reflexo seja mais difícil de observar.

Se considerarmos que o conceito de domínio territorial, numa lógica imperial, não se limita à posse efetiva dum território, que é explorado diretamente, então os Zagros configuram-se como um conjunto de territórios que estão sob a influência assíria, mesmo que indireta. Como foi referido no capítulo anterior, estes povos montanheses aproveitavam a sua posição defensiva privilegiada para conseguirem manter um estado de autonomia, ou mesmo independência, relativamente a estados mais poderosos militarmente e politicamente organizados. Contudo, uma das suas

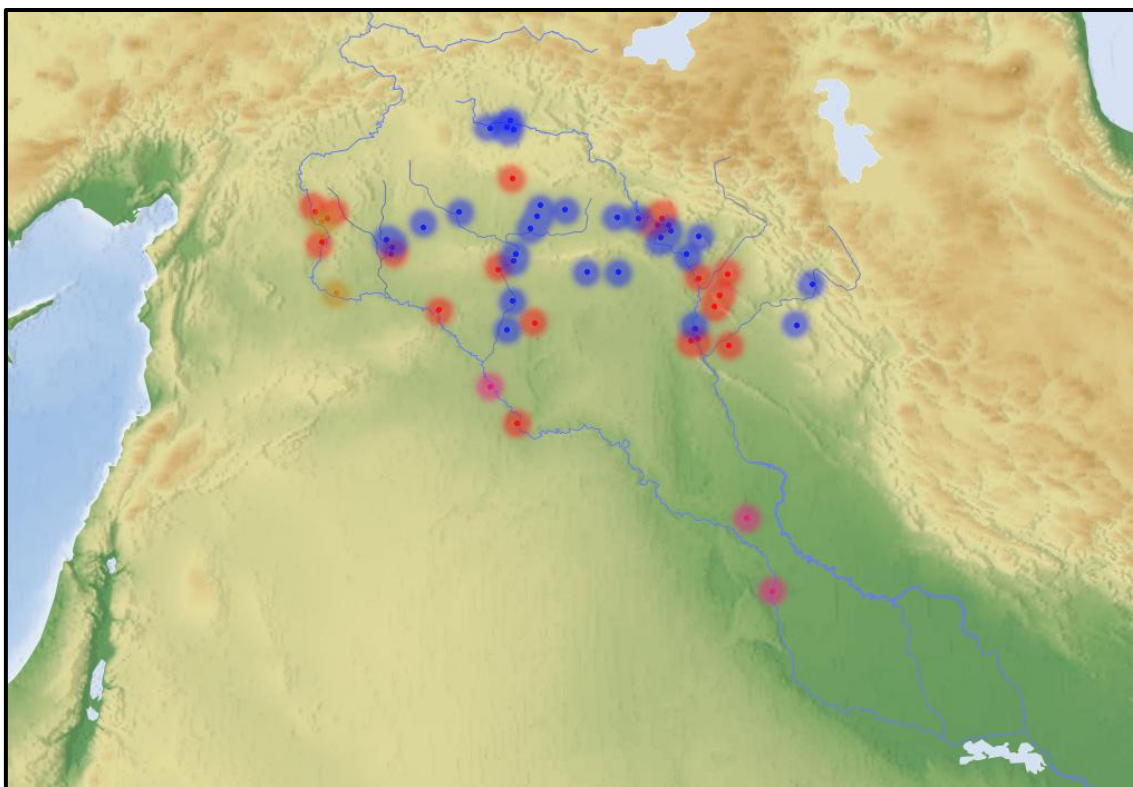
---

<sup>68</sup> Recentemente esta questão tem sido alvo de revisão com os contributos de Llop Raduà (2001) e Yamada (2003).

limitações era precisamente o seu isolamento e ineficiência na estruturação duma organização política cuja escala ultrapassasse o seu território tribal.

Os reis assírios, mesmo tendo em conta as dificuldades que apresentavam as campanhas militares em terrenos cujo relevo é tão acidentado, conduziram uma sucessão de campanhas que visaram não só o controlo de territórios instáveis que pressionavam a retaguarda assíria (numa perspectiva de expansão para ocidente), mas a exploração dos recursos que existiam na região. Estes fatores económicos tiveram uma importância fulcral no sucesso da expansão meso-assíria, já que a suportaram parcialmente, funcionando como combustível para a máquina de guerra assíria. As dificuldades em garantir que a autoridade assíria não fosse posta em causa não se justificam com a falta de empenho dos reis assírios para com esta região, mas sim pelas condições naturais do território que fomentavam a autonomia.

Já a Djazira, que se estendia para oeste de Aššur, surgia como uma extensão natural da expansão, uma vez que o seu relevo não apresentava as mesmas dificuldades que os Zagros, o poder militar da organização política hurrita existente encontrava-se em declínio rápido e a riqueza agrícola do território motivava não só os monarcas assírios como as suas elites, que viam uma oportunidade de enriquecer. O Hanigalbat foi sucessivamente anexado e consolidado, tendo-se inclusivamente observado um fenómeno de colonização assíria desta região. A verdadeira oposição manifestou-se pela ação dos reis hititas, que procuraram constituir uma zona de ninguém que mantivessem os assírios à distância. O antagonismo hitita durou enquanto permaneceu viável a perseguição deste objetivo, contudo com o sucesso assírio em chegar até às margens do Eufrates, eventualmente no final do reinado de Salmanasar e de certeza com Tukulti-Ninurta, Tudhaliya IV reconheceu a alteração das posições e pragmaticamente inverteu a política externa com a Assíria. Com a estabilização da fronteira ocidental no Eufrates e o estabelecimento de relações mais cordiais entre as duas cortes, Tukulti-Ninurta pôde finalmente consolidar a administração do Hanigalbat, potencializar a sua exploração e fortificar a sua posição com a constituição duma linha defensiva tanto na região do Balih, como do Médio Eufrates, que consegue subtrair ao domínio cassita.



**Figura 5 - Sítios ocupados no reinado de Tukulti-Ninurta I, segundo a sua fundação (mitaniano - azul; cassita - roxo; hitita - amarelo; assírio - vermelho)**

A atenção de Tukulti-Ninurta pôde finalmente direcionar-se para sul, em direção à Babilónia. Este eixo da expansão esteve durante décadas condicionado pela ação dos reis cassitas que conseguiram colocar em cheque as forças assírias e assim manter à distância qualquer intento expansionista. Os reis assírios compreenderam que para poderem ter sucesso na submissão da Babilónia, precisavam primeiro de garantir que esse projeto tivesse sustentabilidade. Assim, assiste-se a uma estratégia em relação à Babilónia de contenção e bloqueio, adiando até ao momento oportuno para se concentraram no sul da Mesopotâmia, como pode verificar-se na figura 6.

Sintetizando o modelo que foi acima desenvolvido, a expansão meso-assíria (séc. XIV-XIII a.C.) pode ser caracterizada duma forma genérica pela existência de três eixos, a que correspondem três estratégias diferentes de prossecução de objetivos: para norte, nordeste e este, o conjunto de pequenos estados dos Zagros foi explorado indiretamente pelos assírios, que procuravam a angariação de recursos (bens materiais

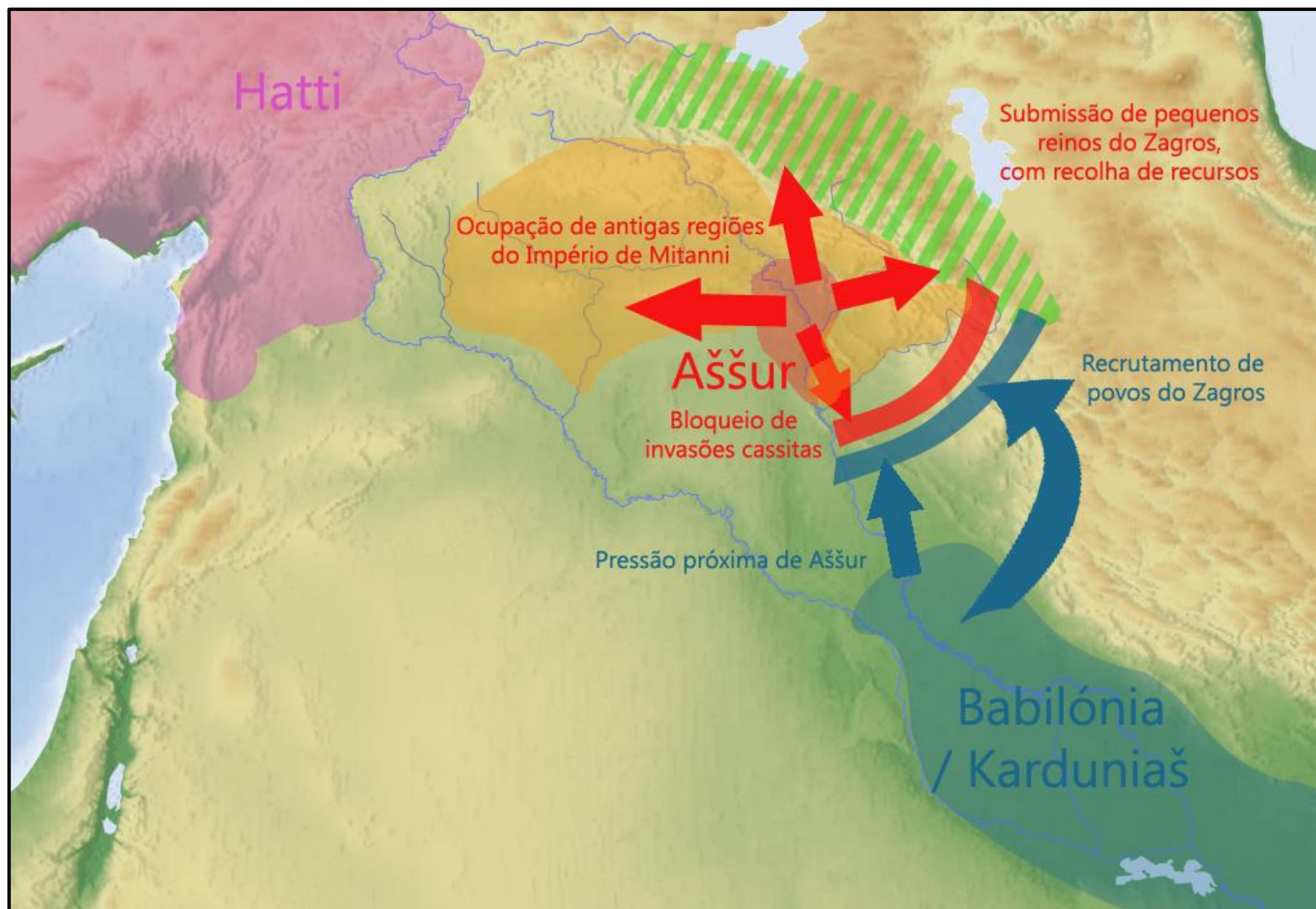


Figura 6 - Modelo da Expansão Meso-assíria

e recursos humanos) e a estabilização da fronteira do arco dos Zagros, recorrendo ao estabelecimento de juramentos de fidelidade e recolha de tributos anuais, que contribuíam para o esforço de guerra; para ocidente, o Hanigalbat, anexado através da conquista e submissão dos territórios mitanianos, em direção ao rio Eufrates, recorrendo ao estabelecimento de capitais provinciais para a governação direta do território, fortemente motivada pelas perspectivas de enriquecimento, tanto do rei como das elites; e, por fim, o eixo que se orienta para sul, durante décadas bloqueado pela ação dos reis cassitas, mas cuja intervenção se projetava e sustentava na conclusão da expansão para ocidente.

Tukulti-Ninurta manteve-se fiel a este modelo expansionista, continuando a ação dos seus antecessores. Todavia, ao analisarmos mais profundamente o seu reinado e as ações que protagonizou, é possível avançar com um modelo mais desenvolvido de expansão.

Em primeiro lugar, verifica-se novamente a necessidade de estabilização e recolha de recursos na região dos Zagros. Pelas inscrições reais observa-se a aplicação da estratégia de domínio indireto, caracterizada pelo recurso ao juramento de fidelidade e envio de tributos por parte de reis vencidos e capturados em batalha ou que se renderam com a aproximação do exército assírio. Também se constata a angariação de recursos, como por exemplo o uso de tropas dum reino submetido para o corte de madeira. Enquanto resultado da intervenção de Tukulti-Ninurta, observa-se que este acrescentou territórios no Alto Tigre, em regiões a noroeste de Aššur, fortalecendo a posição assíria face à proximidade da Anatólia hitita.

O segundo eixo, que no reinado de Tukulti-Ninurta tinha praticamente atingido o seu limite máximo, modificou-se um pouco na sua caracterização por este facto. Assim, a estratégia aplicada por Tukulti-Ninurta passou mais pela consolidação da exploração dos territórios do Hanigalbat, especialmente no vales Habur e Balih, nomeadamente pela deportação de cativos para estas regiões, empregues em trabalhos agrícolas. Ainda assim, reconhece-se a concretização do objetivo primário deste eixo, o alargamento do domínio assírio até à margem oriental do Eufrates.



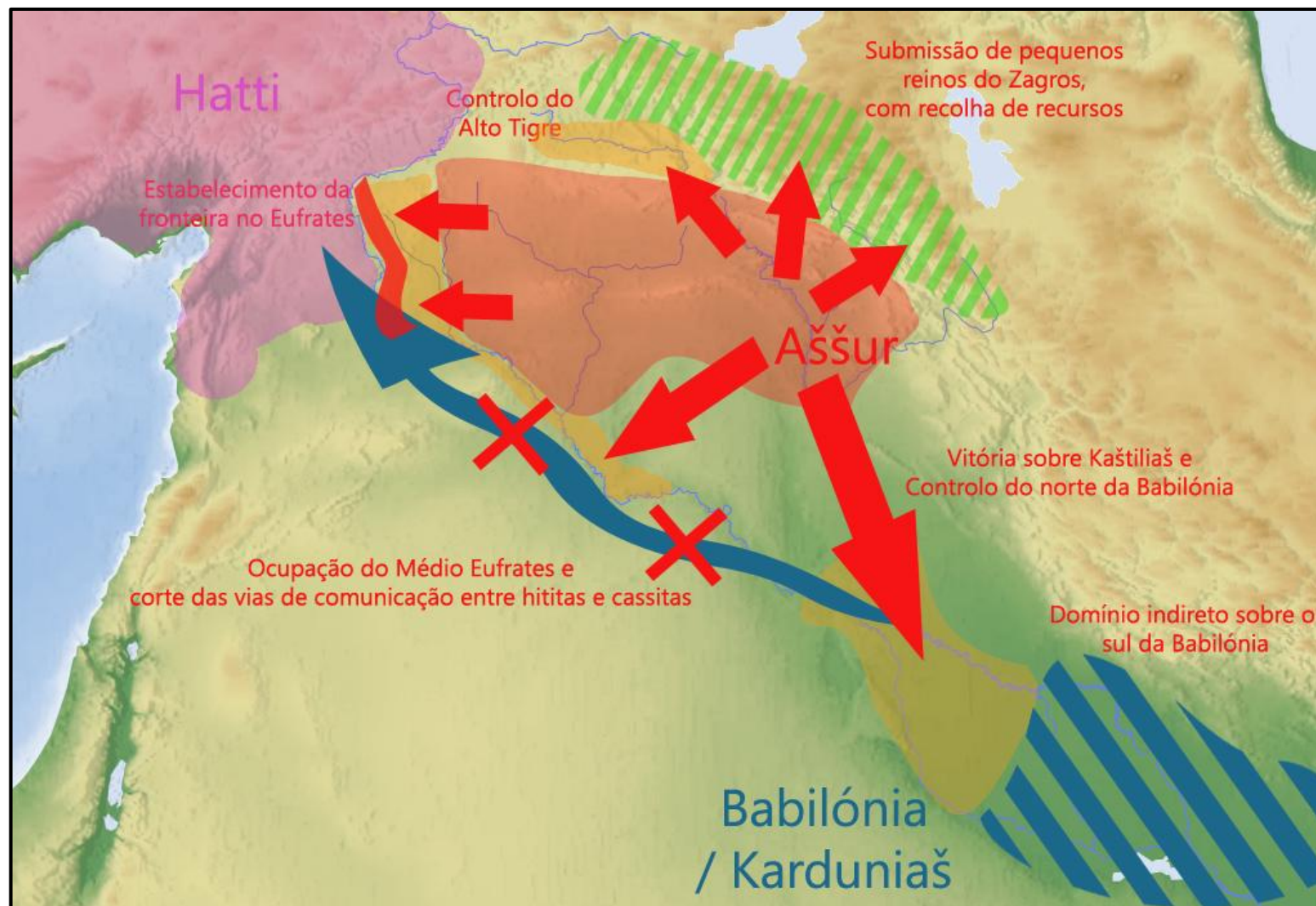


Figura 7 - Modelo de Expansão durante o reinado de Tukulti-Ninurta

A oportunidade surge finalmente, para que um rei assírio, desde Aššur-uballit, possa voltar a invadir a Babilónia e intervir no sul da Mesopotâmia. A estabilização dos outros dois eixos foi determinante para a concretização deste facto. Após a abertura das hostilidades, cuja iniciativa continua a ser atribuível tanto ao lado assírio como ao cassita, e naquilo que provavelmente demorou mais que uma campanha, Tukulti-Ninurta consegue estender o seu domínio até à Babilónia. São várias as questões que se levantaram sobre o governo assírio da Babilónia: se foi uma governação direta através de governadores, indireta com recurso a reis vassalos, ou um misto das duas situações; quanto tempo durou; se o governo assírio chegou a toda a Babilónia, ou se por outro lado se restringiu apenas ao norte da Babilónia, centrado nas cidades de Babilónia, Nippur e Sippar.

Mesmo não tendo ainda respostas definitivas para estas questões, é possível reconhecer uma mudança estratégica relativamente a este eixo de expansão. A partir ainda da 1ª metade do reinado de Tukulti-Ninurta, a Babilónia foi colocada no topo das prioridades, podendo inclusivamente o rei assírio ter recorrido a um estratagema para abrir as hostilidades, ao contrário do que as inscrições reais parecem transmitir. A partir desse momento, ocorrem uma sucessão de campanhas militares que culminam com a conquista da Babilónia, no mínimo com o controlo do norte babilónico. A sul, a autoridade assíria teria chegado duma forma teórica, contudo a ação de Adad-šuma-usur pôs em causa a capacidade de governação assíria nesta região.

Finalmente, deve-se avançar com um quarto eixo, de cariz secundário, que se orientou para sudoeste. A conceptualização deste novo eixo fundamenta-se pela caracterização distinta que é possível observar em relação com o eixo longitudinal este-oeste. Ao contrário deste primeiro eixo, a expansão assíria não reocupa antigas cidades hurritas ou disputa territórios com os hititas. Esta região, do Médio Eufrates, estava sob um domínio mais ou menos estabelecido pelos babilónios, apesar do predomínio de diversos grupos nómadas, como os suhu. A motivação central para a expansão também parece ter sido diferente, como Llop Raduà (2001: 321) argumentou, que a captura desta região serviu principalmente o interesse de isolar a Babilónia do Hatti, e desta forma quebrar a existência dum eixo anti-assírio estruturado ao longo do Eufrates.

Provavelmente, o domínio assírio na região manteve-se pouco consolidado, tanto pela brevidade da ocupação como pela distribuição espacial de pontos fortificados, como parece ser o caso de Tell Qabr Abu al-‘Atiq ou os sítios do Médio Eufrates Iraquiano, apesar de ainda faltarem algumas confirmações da parte dos dados arqueológicos. Se for confirmado o estabelecimento duma linha de fortificações no Médio Eufrates, esta linha serviria não apenas para o controlo do fluxo da rota eufratiana, mas sim a tentativa de controlo das movimentações de grupos nómadas que ameaçavam parte da Djazira, uma vez que a margem ocidental do Eufrates não estava sob o domínio efetivo de qualquer estado urbano, especialmente no curso médio do rio.

Recuperando a metáfora de Liverani (1988) da expansão como uma “oil stain”, cuja dinâmica uniforme não permite zonas de transição, concordamos com Postgate na aplicação deste conceito na generalidade da expansão meso-assíria até ao reinado de Tukulti-Ninurta. A constituição de províncias com limites relativamente definidos, o estabelecimento dum segundo centro de poder em Dûr-Katlimmu, sede de governo do segundo dignatário do reino, a reocupação da maioria dos sítios mitanianos, o fenómeno de colonização do Hanigalbat e finalmente a determinação em estabelecer a fronteira ocidental no Eufrates face a outro estado politicamente definido, contribuem para um controlo efetivo do território e alguma coerência na sua administração. Relativamente aos Zagros, a estratégia passa pela exploração indireta dos recursos, com o estabelecimento, muitas vezes após o uso da força, de juramentos de fidelidade e recebimento de tributos em Aššur, dos pequenos reinos da região, o que configura uma situação na prática de “client kingdoms” como Postgate (1992) definiu a partir do reinado de Tiglath-Pileser I. Finalmente, o domínio do Médio Eufrates e da Planície Desértica da Djazira funcionou muito mais com o recurso ao estabelecimento do “network empire” de Liverani, onde o controlo das regiões se efetua com a construção de pontos fortes, ligados entre si por vias de comunicação, reconhecendo que este controlo é só parcial.

## V. Conclusão

Quando Tukulti-Ninurta ascendeu ao trono assírio, a sua autoridade estendia-se por um território várias vezes maior que o do seu bisavô, Arik-dîn-ili. O seu pai e o seu avô tinham alargado as fronteiras para ocidente, ocupando cidades e províncias do antigo império mitaniano que há um século e meio atrás detinha o senhorio nominal sobre a cidade de Aššur. Uma expansão fulgurante tinha sido conseguida em cinquenta anos e a Assíria encontrava-se no topo das potências regionais. Naquele momento, Tukulti-Ninurta subiu ao trono como ‘Grande Rei’, reconhecido pelos seus pares, incluindo o rei hitita. A Assíria era temida e a sua força respeitada.

Na continuidade do crescimento e expansão dos reinados anteriores, Tukulti-Ninurta consegue esmagar as oposições que lhe são movidas, quer a nível interno, quer externo. Recupera a autoridade no Alto Tigre e no arco dos Zagros, onde recolhe os recursos que serão direcionados na continuação da dinâmica da expansão. Este rei atinge o Eufrates, limite oeste das conquistas assírias, onde estabelece um domínio mais ou menos consolidado, confrontando-se com os domínios hititas e a sua esfera de influência na região síria. Observa-se o encaixe entre as duas potências, que após décadas de antagonismo finalmente estabelecem relações tendencialmente amistosas. A existência de ligações comerciais no cotovelo do Eufrates, com Emar e Terqa, reinos se encontravam debaixo da autoridade hitita, parece confirmar esta mudança nas relações diplomáticas, especialmente se tivermos em conta a existência do tratado entre amorritas e hititas, que estabelecia um bloqueio comercial à Assíria.

A partir do momento em que a frente ocidental atinge o limite do Eufrates, o objetivo nesta frente é conseguido e observa-se a reorganização das prioridades expansionistas e a revisão do modelo expansionista que até ao momento tinha sido executado. Os esforços são então direcionados para a submissão do sul da Mesopotâmia, ocupado pelos rivais cassitas.

A capacidade de planeamento militar assíria pode ser comprovada pela tática posta em prática tendo em conta o objetivo principal de conquista da Babilónia. Tukulti-Ninurta não se lançou num ataque desenfreado para sul. O historial de

confrontos com os babilónios levou-o com certeza a abordar a campanha para sul duma forma cautelosa. A eficácia da estratégia montada pelos cassitas, no confronto com os seus vizinhos do norte, ditou quase sempre a localização de episódios militares nas proximidades de Aššur. Assim, Tukulti-Ninurta percebeu a necessidade de dismantelar, em primeiro lugar, o sistema defensivo babilónico. É desta forma que o Médio Eufrates é ocupado pelos assírios, tendo em vista o isolamento da Babilónia, assim como a abertura duma segunda via de acesso. Não estando determinado quem tomou a iniciativa da guerra que terminou com a derrota de Kaštiliaš, este avanço sobre o Médio Eufrates pode ter sido o *casus belli* que os cassitas precisavam para mais uma vez se lançarem contra a Assíria. Contudo, provavelmente pela primeira vez desde o início da expansão assíria, Tukulti-Ninurta deveria dispor da totalidade das suas forças, uma vez que as outras frentes (Hanigalbat, Alto Tigre e Zagros) estavam estabilizadas, e assim obteve uma vitória extraordinária, que ditou não só a captura do rei cassita, mas também a conquista do seu reino.

Sensivelmente a meio do seu reinado, Tukulti-Ninurta surge como o soberano mais forte do séc. XIII a.C., consolidando o seu domínio nos territórios do antigo Mitanni e alargando as conquistas assírias a sul, para a Babilónia, e a sudoeste no Médio Eufrates. Mesmo que apenas temporariamente, a conquista do seu vizinho do sul, elevou o estatuto deste monarca assírio até ao topo, sendo hoje considerado o auge do império meso-assírio.

Sem rejeitar esta assunção sobre o reinado de Tukulti-Ninurta, pretende-se ponderar sobre um critério distinto o período de auge que lhe é atribuído. Efetivamente, se se observar a evolução da expansão assíria, tendo em conta o alargamento das suas fronteiras, pode-se concluir que o crescimento relativo abrandou. Esta ideia conduz à questão do declínio meso-assírio a partir deste reinado, especialmente após a morte de Tukulti-Ninurta.

Se é difícil atribuir com um mínimo de rigor a extensão das conquistas territoriais dum determinado rei, a identificação dos territórios que foram perdidos torna-se ainda mais complicada, uma vez que as fontes tendem a ser silenciosas no que se refere a derrotas. Ainda assim parece indubitável que no final do reinado, Tukulti-Ninurta confrontava-se com uma série de dificuldades que se agravaram com a

perda de territórios na zona dos Zagros e, muito provavelmente, na Babilónia. O declínio político-militar que parece instalar-se na Assíria nos finais do séc. XIII a.C., reforça a ideia de que um abrandamento na dinâmica expansionista já tinha lugar na Assíria.

Qual terá sido então o impacto que a ação de Tukulti-Ninurta teve num quadro de dinâmica expansionista decrescente? Como foi referido em capítulos anteriores, a teoria que sustenta que o monarca assírio precipitou a sua desgraça devido à prossecução de projetos insustentáveis, onde se destacam a conquista da Babilónia e a fundação de Kar-Tukulti-Ninurta, conta com diversos apoiantes entre a comunidade científica. Existe a percepção que, de certa forma, a responsabilidade do declínio da Assíria encontra-se concentrada na pessoa de Tukulti-Ninurta, numa espécie de ciclo vicioso: esgotamento económico – esgotamento militar – esgotamento político.

Mantendo a importância dos fatores enunciados conducentes ao declínio que se observa na Assíria na passagem para o séc. XII a.C., defende-se a combinação entre estes e a preexistência duma situação em que o ritmo de expansão estava em abrandamento, o que sugeria a aproximação do ponto de inversão.

Por outro lado, assiste-se a um processo de consolidação da expansão, através da colonização de territórios conquistados, deportação de populações para zonas onde fossem necessárias e fundação de povoados. Tal como tem sido notado pelos investigadores deste período, o declínio de Tukulti-Ninurta pode estar associado à sobreexpansão e dispersão de forças, que tornaram as suas conquistas insustentáveis a médio prazo. Mas, parece que perante esse quadro, Tukulti-Ninurta procurou contrariá-lo através do fortalecimento dos territórios em sua posse. O rei assírio procurou garantir que o alargamento das fronteiras não fragilizasse demasiado as possessões. O estabelecimento de novos sítios estratégicos e povoados, de que Tell Qabr Abu al-‘Atiq e Tell Shiukh Fawqâni são exemplos, no Médio e no Alto Eufrates respetivamente, representa esta intensão de consolidar a expansão e evitar a invasão de elementos externos.

O insucesso em manter a Babilónia não deve ser visto como uma “aventura” a que Tukulti-Ninurta não conseguiu resistir, avançando sem medir bem as suas consequências. Apesar dos assírios não terem conseguido manter as suas conquistas a

sul, tal não significa que não tenha havido uma certa cautela e visão estratégica. Foi a presença duma força considerável de resistência na região pantanosa do sul da Babilónia e da provável ação desestabilizadora do Elam que condicionaram significativamente a manutenção da posse dos territórios babilónicos. A mudança na forma de intervenção no governo territorial que estava sob o seu domínio, passando duma forma mais direta para outra com recurso a um rei-fantoches revela a tentativa em adaptar-se a circunstâncias desfavoráveis.

Para além das resistências que enfrentou no controlo da Babilónia, novas evidências documentais têm reforçado a hipótese que Tukulti-Ninurta enfrentava uma crescente resistência política por parte das elites assírias. As manobras políticas que permitiram a ascensão ao trono assírio de Ninurta-apil-Ekur podem ter sido iniciadas desde este reinado, fragilizando a posição do monarca e eventualmente contribuindo para o seu desfecho trágico.

Tendo em conta estes fatores, em resposta à questão colocada anteriormente, consideramos que Tukulti-Ninurta procurou efetivamente contrariar os efeitos negativos duma expansão territorial demasiado alargada, consolidando os territórios em sua posse, pacificando a sua frente ocidental, ao mesmo tempo que continua a procurar angariar mais recursos para essa consolidação. Os seus sucessores enfrentaram muitas dificuldades em conseguir evitar o declínio assírio, numa situação de aparente luta pelo poder e perda territorial gradual. A capacidade de liderança e visão dos reis assírios foi a chave para o sucesso da expansão e com o assassinato de Tukulti-Ninurta observa-se uma sucessão de reis que são incapazes de lidar com as ameaças que pressionam os territórios da Assíria.

## VI. Bibliografia

- Akkermans, P. M. M. G. (2006). The fortress of Ili-pada. Middle Assyrian architecture at Tell Sabi Abyad, Syria. *Les Espaces Syro-Mésopotamiens. Dimensions de L'Expérience Humaine au Proche-Orient Ancien. Volume D'Hommage Offert à Jean-Claude Margueron* (pp. 201–211). Turnhout: Brepols.
- Akkermans, P. M. M. G., Limpens, J., & Spoor, R. H. (1993). On the Frontier of Assyria: Excavations at Tell Sabi Abyad, 1991. *Akkadica*, 84-85, 1–52.
- Artzi, P. (1997). The Middle-Assyrian Kingdom as Precursor to the Assyrian Empire. In H. Waetzoldt & H. Hauptmann (Eds.), *Assyrien im Wandel der Zeiten. XXXIXe Rencontre Assyriologique Internationale. Heidelberg 6.-10- Juli 1992* (pp. 3–6). Heidelberg: Heidelberger Orientverlag.
- Astour, M. C. (2002). A Reconstruction of the History of Ebla (Part 2). *Eblaitica: Essays on the Ebla Archives and Eblaite Language*, 4, 57–195.
- Bartl, K. (1990). Khirbet esh-Shenef A Late Bronze Age Settlement in the Balikh Valley, Northern Syria. *Akkadica*, 67, 10–33.
- Beckman, G. (1996). *Hittite Diplomatic Texts*. Atlanta: Scholars Press.
- Bernbeck, R. (1993). *Steppe als Kulturlandschaft. Das Aġġ-Gebiet Ostsyriens vom Neolithikum bis zur islamischen Zeit*. Berlin: Berliner Beiträge zum Vorderen Orient.
- Bounni, A., & Matthiae, P. (1980). Tell Fray, ville frontière entre hittites et assyriens au XIIIe siècle av. J-C. *Archéologia*, (140), 30–39.
- Brinkman, J. A., & Donbaz, V. (1985). Two Middle Assyrian Texts from Assur. *Zeitschrift für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie*, 75(1), 78–86.
- Bryce, T. (2003). *Letters of the Great Kings of the Ancient Near East: The Royal Correspondence of the Late Bronze Age. Classics Ireland* (Vol. 13). London: Routledge. doi:10.2307/25528446
- Bryce, T. (2005). *The Kingdom of the Hittites*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Bryce, T. (2009). *The Routledge Handbook of The Peoples and Places of Ancient Western Asia. The Near East from the Early Bronze Age to the fall of the Persian Empire. Archaeology*. London: Routledge.
- Bunnens, G. (2009). Assyrian Empire Building and Aramization of Culture as Seen From Tell Ahmar/Till Barsib. *Symbiosis, Symbolism, and the Power of the Past. Canaan*,



*Ancient Israel, and Their Neighbors from the Late Bronze Age through Roman Palaestina*, 86, 67–82.

Cancik-Kirschbaum, E. (1996). *Die Mittelassyrischen Briefe aus Tall Seh Hamad*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag.

Caramelo, F. (2011). Território, Fronteira e Expansão no Período Meso-Assírio. A Presença Assíria no Eufrates Médio. *CADMO*, (21), 33–50.

Duistermaat, K. (2007). *The Pots and Potters of Assyria. Technology and organization of production, ceramic sequence, and vessel function at Late Bronze Age Tell Sabi Abyad, Syria. Technology*. Universiteit Leiden.

Durand, J.-M., & Marti, L. (2005). Chroniques du Moyen-Euphrate 5. Une attaque de Qatna par le suhum et la question du «pays de Mari». *Revue d'assyriologie et d'archéologie orientale*, 99(1), 123–132.

Freu, J. (2003). De la confrontation à l'entente coridale: Les relations assyro-hittites à la fin de l'âge du Bronze (ca. 1250-1180 av. J.C.). In G. Beckman, R. Beal, & G. McMahon (Eds.), *Hittite Studies in Honor of Harry A Hoffner Jr on the Occasion of His 65th Birthday* (pp. 101–118). Winona Lake: Eisenbrauns.

Gadd, C. J. (2006). Assyria and Babylonia c. 1370-1300 B.C. In I. E. S. Edwards, C. J. Gadd, N. G. L. Hammond, & E. Sollberger (Eds.), *The Cambridge Ancient History. Vol. II. Part 2. History of the Middle East and the Aegean Region c. 1380-1000 B.C.* (3<sup>a</sup> ed., pp. 21–48). Cambridge: Cambridge University Press.

Garelli, P. (1980). *El Próximo Oriente asiático desde los orígenes hasta las invasiones de los pueblos del mar* (4th ed.). Barcelona: Labor.

Glassner, J.-J. (2004). *Mesopotamian Chronicles*. Atlanta: Society of Biblical Literature.

Goetze, A. (2006). The Struggle for the Domination of Syria (1400-1300 B.C.). In I. E. S. Edwards, C. J. Gadd, N. G. L. Hammond, & E. Sollberger (Eds.), *The Cambridge Ancient History. Vol. II. Part 2. History of the Middle East and the Aegean Region c. 1380-1000 B.C.* (3<sup>a</sup> ed., pp. 1–20). Cambridge: Cambridge University Press.

González Salazar, J. M. (2003). Conflictividad y Estabilización en las Relaciones Asirio-hititas. A propósito de las principales tensiones fronterizas durante las fases finales del imperio hitita. *Asociacion Española de Orientalistas*, XXXIX, 147–164.

Grayson, A. K. (1987). *Assyrian Rulers of the Third and Second Millennia BC (to 1115 BC)*. Toronto: University of Toronto Press.

Grayson, A. K. (1991). *Assyrian Rulers of the Early First Millennium BC I (1114-859 BC)*. Toronto: University of Toronto Press.

- Harmasanh, Ö. (2012). Beyond Aššur: New Cities and the Assyrian Politics of Landscape. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, 365, 53–77.
- Harrak, A. (1987). *Assyria and Hanigalbat. A Historical Reconstruction of Bilateral Relations from the Middle of the Fourteenth to the End of the Twelfth Centuries B.C.* New York. Hildesheim: Georg Olms Verlag.
- Heinhold-Krahmer, S. (1988). Zu Salmanassars I. Eroberungen im Hurritergebiet. *Altorientalische Forschungen*, 35, 79–104.
- Kühne, C. (1999). Imperial Mitanni: An Attempt at Historical Reconstruction. *Nuzi at Seventy-Five – Studies on the Civilizations and Culture of Nuzi and the Hurrians* (pp. 203–221). Bethesda: CDL Press.
- Kühne, H. (1995). The Assyrians on the Middle-Euphrates and the Habur. In M. Liverani (Ed.), *Neo-Assyrian Geography* (pp. 69–85). Roma: Università di Roma.
- Kühne, H. (2000). Dûr-katlimmu and the Middle-Assyrian Empire. In O. Rouault & M. Wäfler (Eds.), *La Djéziré et l'Euphrate Syriens de la Protohistoire à la fin du IIe Millénaire av. J.-C. Tendances dans l'interprétation historique des données nouvelles* (pp. 271–277). Turnhout: Brepols.
- Kühne, H., & Ergenzinger, P. J. (1991). Ein regionales Bewässerungssystem am Habur. In H. Kühne (Ed.), *Die Rezente Umwelt Tall Seh Hamad und Daten zur Umweltrekonstruktion der assyrischen Stadt Dûr-Katlimmu. Berichte der Ausgrabung Tall Seh Hamad/ Dûr-katlimmu* (pp. 163–190). Berlin.
- Lipinski, E. (2000). *The Aramaeans: Their Ancient History, Culture, Religion*. Leuven: Peeters.
- Liverani, M. (1988). The Growth of the Assyrian Empire in the Habur / Middle Euphrates Area: a new paradigm. *State Archives of Assyria Bulletin*, 11(2), 81–86.
- Llop Raduà, J. (2001). *Aportació a l'estudi de les relacions polítiques i militars entre Assíria i Babilònia durant la segona meitat del segon mil.leni a.C.* Universitat de Barcelona - Facultat de Geografia i Història.
- Llop-Raduà, J. (2011). The Boundary between Assyria and Babylonia in the East Tigris region during the reign of Tukulti-Ninurta I (1233-1197 BC). In P. A. Miglus & S. Mühl (Eds.), *Between the Cultures. The Central Tigris Region from the 3rd to the 1st Millennium BC. Conference at Heidelberg, January 22nd-24th, 2009* (pp. 209–215). Heidelberg: Heidelberger Orientverlag.
- Lyon, J. D. (2000). Middle Assyrian Expansion and Settlement Development in the Syrian Jazira: The View from the Balikh Valley. In R. M. Jas (Ed.), *Rainfall and Agriculture in Northern Mesopotamia. Proceedings of the Third MOS Symposium (Leiden 1999)* (pp. 89–126). Istanbul: Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut te Istanbul.

- Masetti-Rouault, M. G. (2001). *Cultures Locales du Moyen-Euphrate. Modèles et événements Ile-Ier Mill. av. J.-C.* Turnhout: Brepols.
- Matthews, D., & Eidem, J. (1993). Tell Brak and Nagar. *Iraq*, 55, 201–207.
- McIntosh, J. R. (2005). *Ancient Mesopotamia. New Perspectives.* Santa Barbara: ABC Clio.
- Mieroop, M. V. D. (2007). *A History of the Ancient Near East ca. 3000-323 BC. History* (2<sup>a</sup> ed.). Malden: Blackwell Publishing.
- Montero Fenollós, J.-L., Caramelo, F., & Rowe Márquez, I. (2011). Le site de Tell Qabr Abu al-'Atiq, le royaume de Mari, l'Assyrie et le verrou de Khanuqa. *Projet Archéologique Moyen Euphrate Syrien (2008-2010). Res Antiquitatis*, 2, 217–228.
- Munn-Rankin, J. M. (2006). Assyrian Military Power 1300-1200 B.C. In I. E. S. Edwards, C. J. Gadd, N. G. L. Hammond, & E. Sollberger (Eds.), *The Cambridge Ancient History. Vol. II. Part 2. History of the Middle East and the Aegean Region c. 1380-1000 B.C.* (3<sup>a</sup> ed., pp. 274–306). Cambridge: Cambridge University Press.
- Novák, M. (2007). Mittani Empire and the Question of Absolute Chronology: Some Archaeological Considerations. In M. Bietak & E. Czerny (Eds.), *The Synchronisation of Civilisations in the Eastern Mediterranean in the Second Millennium BC III* (pp. 389–401). Wien: Österreichische Akademie der Wissenschaften Denkschrift.
- Pfälzner, P. (1995). *Mittanische und mittelassyrische Keramik: Eine chronologische, funktionale und produktionökonomische Analyse.* Berlin: Dietrich Reimer Verlag.
- Postgate, J. N. (1992). The Land of Assur and the Yoke of Assur. *World Archaeology*, 23(3), 247–263.
- Radner, K., & Schachner, A. (2001). From Tushan to Amedi: Topographical Questions concerning the Upper Region in the Assyrian Period. In N. Tuna, J. Öztürk, & J. Velibeyoglu (Eds.), *Salvage Project of the Archaeological Heritage of the Ilisu and Carchemish Dam Reservoirs. Activities in 1999* (pp. 753–776). Ankara: METU Centre for Research and Assessment of the Historic Environment.
- Roaf, M., & Schachner, A. (2005). The Bronze Age to Iron Age transition in the upper Tigris region: new information from Ziyaret Tepe and Giricano. In A. Çilingiroglu & G. Darbyshire (Eds.), *Anatolian Iron Ages 5. Proceedings of the Fifth Anatolian Iron Ages Colloquium held at Van, 6-10 August 2001* (pp. 115–123). British Institute at Ankara.
- Schachner, A. (2003). From the Bronze to the Iron Age: Identifying Changes in the Upper Tigris Region. The Case of Giricano. In B. Fischer, H. Genz, É. Jean, & K. Köroglu (Eds.), *Identifying Changes: The Transition from Bronze to Iron Ages in Anatolia and its Neighbouring Regions. Proceedings of the International*

- Workshop, Istanbul, November 8-9, 2002 (pp. 151–163). Türk Eskiçağ Bilimleri Enstitüsü.
- Singer, I. (1985). The Battle of Nihriya and the End of the Hittite Empire. *Zeitschrift für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie*, 75, 100–123.
- Speidel, M. P. (2002). Berserks: A History of Indo-European “Mad Warriors.” *Journal of World History*, 13(2), 253–290.
- Stein, D. L. (1989). A Reappraisal of the “Sauštatar Letter” from Nuzi. *Zeitschrift für Assyriologie und vorderasiatische Archäologie*, 79(1), 36–60.
- Szuchman, J. (2009). Revisiting Hanigalbat: Settlement in the Western Provinces of the Middle Assyrian Kingdom. *Studies on the Civilization and Culture of Nuzi and the Hurrians*, 18, 531–544.
- Szuchman, J. J. (2007). *Prelude to Empire: Middle Assyrian Hanigalbat and the Rise of the Aramaeans*. University of California, Los Angeles.
- Tenu, A. (2006). Du Tigre à l’Euphrate: La frontière occidentale de l’empire médio-assyrien. *State Archives of Assyria Bulletin*, 15, 161–181.
- Tenu, A. (2009). *L’expansion médio-assyrienne. Approche archéologique*. Oxford: John and Erica Hedges Ltd.
- Wiggermann, F. A. M. (2000). Agriculture in the Northern Balikh Valley. The Case of Middle Assyrian Tell Sabi Abyad. In R. M. Jas (Ed.), *Rainfall and Agriculture in Northern Mesopotamia. Proceedings of the Third MOS Symposium (Leiden 1999)* (pp. 171–231). Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut te Istanbul.
- Wilkinson, T. J. (1998). Water and Human Settlement in the Balikh Valley, Syria: Investigations from 1992-1995. *Journal of Field Archaeology*, 25(1), 63–87.
- Wilkinson, T. J. (2004). *On the Margin of the Euphrates. Settlement and Land Use at Tell es-Sweyhat and in the Upper Lake Assad Area, Syria*. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago.
- Yamada, S. (2003). Tukulti-Ninurta I’s Rule Over Babylonia and its Aftermath. A Historical Reconstruction. *Orient*, XXXVIII, 153–177.
- Zadok, R. (1991). Elements of Aramean Pre-History. In M. Cogan & I. Eph’al (Eds.), *Ah, Assyria...: Studies in Assyrian History and Ancient Eastern Historiography Presented to Hayim Tadmor* (pp. 104–117). Jerusalem: Magnes Press.

## Índice de figuras<sup>69</sup>

Figura 1 – Topónimos modernos dos sítios arqueológicos .....	45
Figura 2 - Zonas de Prospeções e de Salvamento .....	47
Figura 3 – Topónimos antigos conhecidos ou cuja identificação é provável .....	50
Figura 4 – Regiões de Expansão de Tukulti-Ninurta .....	52
Figura 5 - Sítios ocupados no reinado de Tukulti-Ninurta I, segundo a sua fundação .....	111
Figura 6 - Modelo da Expansão Meso-assíria .....	112
Figura 7 - Modelo de Expansão durante o reinado de Tukulti-Ninurta .....	114

---

<sup>69</sup> Na elaboração dos mapas apresentados nesta dissertação, recorreu-se ao *software* Marble (de licença gratuita) para a obtenção da imagem de satélite.

## Anexo I – Sítios meso-assírios

Região	Sítio		Cronologia			
	Nome Antigo	Nome Moderno	Mitanianiana / Cassita / Hitita	Meso-assíria		
				Até Salmanasar I	Tukulti-Ninurta I	Após T-N I
1. Triângulo Assírio	Aššur	Qalaat Sherqat		X	X	X
	Kar-Tukulti-Ninurta	Telul al-‘Aqar			X	X
	Šibanîba	Tell Billa	M	X	X	
	Qattara?	Tell ar-Rimah	M	X	X	
		Tell al-Hawa	M?	X?	X?	X?
	Andariq?	Tell Koshi	M	X?	X?	X?
		Tell Rijm		X?	X?	X?
		Nemrik 9	?	X?	X?	X?
		Tell Jikan	M	X	X	X?
		Tell Mohammed Arab	M	X	X	
		Tell Anzeh	M	X?	X?	X?
		Khirbet Kharhasan	M	X?	X	
	Kalhu	Nimrud		X	X	
	Nínive	Tell Kuyunjik	M	X	X	X
2. Sítios da Djazira	Harbe	Tell Chuera	M	X	X	X?
		Tell Fehheriye	M	X	X	X?
	Kahat	Tell Barri	M	X	X	X
	Azamhul?	Tell Mohammed Diyab	M	X?	X?	?

2. Sítios da Djazira		Tell al-Hamidiye	M	X	X	?
		Tell Amuda		X	X	?
		Tell Aqab		?	?	?
		Tell Brak	M	X	X	X
3. Baixo Habur	Dûr-Katlimmu	Tell Sheikh Hamad	M	X	X	X
	Qatna?	Tell Ašamsânî	M	X?	X	X
	Šadikanni ?	Tell 'Agaga		X?	X	X
		Tell Bderi	M	X?	X	X
	Tabête	Tell Taban	M	X?	X	X
4. Balih		Khirbet esh-Shenef			X	X
		Tell Sabi Abyad	M	?	X	X
		Tell Hammâm et-Tukmân	M	?	X?	X?
5. Tigre Oriental	Mahmur	Tell Ibrahim Bays		X?	X?	X?
		Tell Aqrah	M	X?	X	X?
		Kaula Kandal	?	X?	X?	X?
		Qasr Shemamoq	?	X?	X?	X?
	Atmanu	Tell Ali	?	X	X	?
	Nuzi	Yorghhan Tepe	M	Destruição AU		?
		Tell el-Fahhar	M	Destruição AU		
		Bašmunian	M?	X?	X?	

5. Tigre Oriental		Tell Shemshara	?	?	?	
6. Karduniaš	Babilónia	Tell Hillah	C		X?	
	Dûr-Kurigalzu	Aqar Quf	C		X?	
7. Médio Eufrates	Mari	Tell Hariri		X?	X	X
	Terqa	Tell Ashara	C		X?	X
		Tell Qabr Abu al-'Atiq			X	
8. Alto Eufrates	Malatya	Arsilantepe	H	?	?	X
	Marina	Tell Shiukh Fawqâni		X?	X?	X?
	Masuwari	Tell Ahmar	M?	X?	X?	X
		Tell Beddaye	?	X?	X	X
		Sandaliye Maqbara	?	X?	X	X
	Emar	Tell Meskene	X		?	?
		Tell Frey	X		X?	X?
	Tuttul	Tell Bi'a	?	?	?	
9. Alto Tigre	Tušan?	Ziyaret Tepe	M	X?	X	X
	Ta'idu?	Üçtepe	M	X?	X	X
	Dunnu-ša-Uzibi	Giricano	M	X?	X	X
		Kavusan Tepe	M	X?	X?	X?
11. Planície Desértica	Duara?	Tell Umm 'Aqrêbe		X?	X	?